

Alguns **U**sos e
Costumes dos
Grupos à **L**uz da
Tradição de
A.A.

Introdução	3
SÃO PRINCÍPIOS, USOS E PROCEDIMENTOS DE A.A.:	4
Definição de A.A. (Preâmbulo) _Preâmbulo de A.A. (Segundo e atual)	4
Primeiro Preâmbulo de A.A. (<i>1940 A.A. Preamble</i>)	5
Os Três Legados	6
Os Doze Passos	6
As Doze Tradições de A.A.	8
Os Doze Conceitos para o Serviço Mundial	11
Declaração de Responsabilidade	12
Declaração de Unidade	13
Declaração de Gratidão.....	15
Alcoolismo é dependência química	15
Unicidade de Propósito (Cartão Azul).....	15
O Princípio do Anonimato.....	16
A Autossuficiência.....	17
O Princípio da Pobreza Corporativa (1)	17
Literatura aprovada pela Conferência.....	20
Como se forma um Grupo de A.A.	21
Grupos e reuniões de composição especial	21
Refletindo sobre a exclusão e a omissão.....	25
Quem pode e quem não pode ser membro de A.A.	26
Consciência Coletiva Esclarecida.....	28
Onde se origina a consciência de Grupo Esclarecida.....	29
Na “ <i>anarquia benigna</i> ” de A.A., a consciência de Grupo esclarecida é a última autoridade.....	31
Ninguém pode ser excluído de A.A.....	32
Sobriedade em A.A.....	32
Despertar Espiritual ou, Experiência Espiritual.....	34
Recuperado ou em Recuperação?	35
Relação das citações recuperação/recuperados, no Livro Azul	36
“ <i>Como eu era, o que aconteceu comigo e como sou agora</i> ”	40
A exclusão do Circulo e do Triangulo como símbolo oficial de A.A.	41
Saiba como era até aqui (1993):	43
Marcas registradas como propriedade de A.A.....	45
Todo Grupo tem o direito de errar	45
Alcoólicos Anônimos não faz:.....	46
A.A. não tem nem faz promessas	47
Uma Resolução	49
SÃO COSTUMES E USOS DOS GRUPOS DE A.A.:	
Uso de orações.....	51
Alcoólicos Anônimos e as orações.....	51
A oração da Serenidade (a origem)	53
Uso de Lemas, Frases e Adágios	55
Fichas e medalhas por tempo de sobriedade (origem).....	61
Fichas e medalhas por tempo de sobriedade (no Brasil)	63
A forma de apresentação dos membros	65
Alcoólico ou alcoólatra?.....	68
Lidar com a menção de outras drogas	69
Unicidade de Propósito de A.A. e de NA	71
Um Grupo de A.A. pode excluir pessoas	76
Lidar com comportamentos perturbadores de Membros do Grupo.....	77

INTRODUÇÃO

Muito importante: os textos contidos nesta apostila *não fazem parte da literatura de A.A.* aprovada ou autorizada pela Conferência de Serviços Gerais e não pretendem absolutamente substituí-la. Assim, se, eventualmente, houver alguma posição já tomada ou que venha ser adotada pela Conferência, A.A.W.S, Junaab, GSO ou ESG através de seus boletins oficiais com interpretação diferente dos assuntos nesta apostila tratados, sua versão deverá sempre preceder e prevalecer aos textos aqui escritos, independentemente do conhecimento ou não deste transcritor.

Esta pequena apostila pretende apresentar ao visitante de um Grupo qualquer de A.A., a distinção de alguns dos materiais com que poderá se deparar visualmente e a postura de seus membros durante o decorrer de alguma reunião - tendo sempre em mente que, tudo que acontece dentro daquele ambiente é de total responsabilidade daquele Grupo e não da Irmandade. Assim, ao visitar um Grupo, poderão ser observados objetos, situações e procedimentos que não são próprios da Irmandade, mas derivados da prerrogativa de autonomia que a Quarta Tradição confere aos Grupos – como por exemplo: o uso, ou não, de orações, roteiro, símbolos, lemas, “*princípios de ouro*”, toalhas, cores, mobília, objetos - como tartarugas, camelos e outros bichos – fichas, placas ou medalhas, bandeiras, flâmulas, distintivos etc. Em A.A. não existe qualquer autoridade que possa impedir um Grupo de criar e seguir seus próprios costumes desde que eles não comprometam os Grupos vizinhos nem A.A. na sua totalidade. No entanto, o Grupo que siga estes costumes deverá deixar sempre muito claro para os membros que vão ingressando que esses costumes foram adotados com a aprovação, no seu devido momento, da sua consciência de grupo devidamente esclarecida e não por imposição da Irmandade de A.A., outro Grupo de A.A. ou de qualquer órgão de serviço. Consequentemente, como qualquer outra decisão, esses costumes poderão ser revogados, total ou parcialmente, quando o Grupo, e mais ninguém, assim o decidir.

As transcrições foram feitas por um AA unicamente para membros e amigos de A.A. Embora se trate de um trabalho menor e sem o devido rigor acadêmico se comparado com a criação de literatura, seu propósito é levar aos novos membros um mínimo do conhecimento básico da fascinante história de A.A. que além de educativa, pode ser muito útil no processo de recuperação e incentivá-los a se aprofundarem na pesquisa e divulgação de nossas raízes e na preservação de sua linguagem universal. Não pretende absolutamente dizer a quem quer que seja o quê e como fazer nem obriga a concordar com todo ou parte do texto, nem contestar, questionar ou desqualificar opinião já formada, mas auxiliar na formação da opinião daqueles que ainda não a têm, através da procura da informação correta, livre de distorções, interpretações personalistas terceirizadas ou conveniências momentâneas e contribuir para a afirmação dos membros na Irmandade e sua inclusão nos órgãos de serviço – grupo e estrutura.

Tudo de graça veio e de graça-grata está indo. Se o conteúdo lhe for proveitoso, passe adiante nesse espírito. Obrigado.

pepepan47@hotmail.com

SÃO PRINCÍPIOS, USOS E PROCEDIMENTOS DE A.A.:

Definição de A.A. (Preâmbulo)

Preâmbulo de A.A. (Segundo e atual)

Material de Serviço do Escritório de Serviços Gerais – EUA/Canadá

Título Original: “*El Preámbulo de A.A.: Información Histórica*”

http://www.aa.org/assets/es_ES/smf-127_sp.pdf

O PREÂMBULO foi impresso pela primeira vez na edição de junho de **1947**, da revista A.A. *Grapevine*. Foi escrito pelo editor de então, quem extraiu grande parte do material do Prefácio à primeira edição do Livro Grande, *Alcoólicos Anônimos*.

Naqueles anos, a revista *Grapevine* tinha começado a circular entre os não alcoólicos e o Preâmbulo foi destinado principalmente para expor a essas pessoas o que A.A. era e não era. Ainda é usado para fins de informação pública. Com o passar do tempo, começou a aparecer em todas as publicações aprovadas pela Conferência, e muitos grupos de A.A. agora o usam para abrir as reuniões.

A versão original diferia em dois aspectos importantes da versão todos conhecemos agora:

- 1) Indicava que “*o único requisito para ser membro um é desejo sincero de parar de beber*”.
- 2) Incluía apenas a breve declaração “*A.A. não cobra taxas nem honorários*”.

Com frequência surge a pergunta de porquê foi excluída a palavra “*sincero*”. Na Conferência de Serviços Gerais de **1958**, um Delegado, referindo-se as palavras “*desejo sincero de parar de beber*”, sugeriu que, como a palavra “*sincero*” não aparece na Terceira Tradição, ele deveria ser removida do Preâmbulo. Durante a discussão, a maioria dos membros da Conferência expressou a opinião de que, dada a maturidade alcançada por A.A., tornou-se impossível determinar o que constitui um desejo *sincero* de parar de beber e algumas pessoas interessadas no programa também podem se sentir confundidas pela frase. Portanto, como parte da evolução de A.A., foi removida a palavra “*sincero*”. Na reunião de verão de **1958**, a Junta de Serviços Gerais ratificou a exclusão, e desde então, o preâmbulo indica apenas “*o desejo de parar de beber*”.

Ao mesmo tempo, a frase “*A.A. não cobra taxas nem honorários*” foi modificada para o texto atual: “*Para ser membro de A.A. não há taxas ou mensalidades; somos autossuficientes graças às nossas próprias contribuições*”. Esta versão atual do Preâmbulo aparece na primeira página de cada edição da revista *Grapevine*.

Quando impresso, o Preâmbulo deverá incluir a seguinte indicação de procedência:

Direitos autorais da revista © The A.A. Grapevine, Inc. Reimpresso com permissão.

Preâmbulo de A.A.©

Alcoólicos Anônimos© é uma Irmandade mundial de homens e mulheres que compartilham entre si suas experiências, forças e esperanças a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.

O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de A.A. não há taxas nem mensalidades; somos autossuficientes graças às nossas próprias contribuições.

A.A. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia pública; não opina nem combate causa alguma.

Nosso propósito primordial é o de mantermo-nos sóbrios e ajudarmos outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

Direitos autorais da revista © The A.A. Grapevine, Inc. Reimpresso com permissão.

Primeiro Preâmbulo de A.A. (1940 A.A. Preamble)

<http://desdeakron.blogspot.com.br/2011/06/aa-antiguo-preambulo-de-1940.html>

Estamos aqui reunidos porque enfrentamos o fato de que não temos poder perante o álcool e somos incapazes de fazer qualquer coisa a esse respeito sem a ajuda de um Poder superior a nós mesmos.

Acreditamos que o ponto de vista religioso de cada um, se o tiver, é um assunto individual. O único propósito do programa dos Alcoólicos Anônimos é mostrar o que pode ser feito para obter a ajuda de um Poder superior a nós mesmos, sem levar em consideração a concepção de esse Poder superior que cada um possa fazer individualmente.

A fim de formar o hábito de dependência e para referir tudo o que fazemos a esse Poder superior, temos primeiro que ser disciplinados. Repetindo muitas vezes estes atos, eles se tornam habituais e a ajuda se torna habitual para nós.

Todos nós viemos saber que, como alcoólicos, estamos sofrendo de uma grave enfermidade para a qual a medicina não tem cura.

Nossa condição pode ser o resultado de uma alergia que nos torna diferentes das outras pessoas. Que nós saibamos, nunca houve um tratamento para esta doença ou cura permanentemente. A única alternativa que temos é manter a abstinência absoluta, o segundo significado de A.A.

Não se pagam encargos nem taxas. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. Cada membro paga sua dívida, ajudar outros a se recuperar.

Um Alcoólico Anônimo é um alcoólico que através da aplicação e a adesão ao programa de A.A., renunciou o uso de qualquer bebida alcoólica, em qualquer forma. No momento em que tome uma gota de cerveja, vinho ou qualquer outro tipo de bebida alcoólica, automaticamente perde sua condição de Alcoólico Anônimo.

A.A. não está interessada na sobriedade dos bebedores que não têm o sincero desejo de ficar sóbrios permanentemente. Não é reformadora de ninguém, apenas oferecemos nossa experiência para aqueles que a queiram.

Temos uma saída com a qual todos nós podemos concordar plenamente e nos unir em uma ação harmoniosa. Raramente vimos fracassar alguém que tenha seguido conscientemente nosso programa. Agora, você pode ou não gostar deste programa, mas o fato é que ele funciona. É a nossa única chance de nos recuperar.

Há muita diversão na Irmandade de A.A. Algumas pessoas podem se surpreender com nossa aparente leveza, mas no seu interior há uma grande seriedade e uma plena consciência de que temos que colocar as primeiras coisas em primeiro lugar e, para cada um de nós, o primeiro é o nosso problema alcoólico. Beber é morrer. A fé deve funcionar 24 horas por dia em nós ou perecemos.

Para obter o tom adequado nesta reunião, peço que inclinemos nossas cabeças para alguns momentos de silêncio, oração e meditação. Devo lembrá-los que tudo o que seja dito nesta reunião expressa nosso ponto de vista de hoje e desse momento.

Não falamos por A.A. como um todo, e vocês podem ou não concordar com o fato, mas, se sugere não prestar atenção àquilo que não possa ser conciliado com o Livro Grande.

Se você não tiver o Livro Grande, é hora de comprá-lo. Leia-o, estude-o, viva-o, empreste-o, divulgue-o e aprenda com ele o que significa ser um AA.

Os Três Legados

Em julho de **1955**, durante a Segunda Convenção Internacional de Saint Louis, Missouri, EUA, por ocasião do vigésimo aniversário de A.A., além da manifestação de gratidão às pessoas não alcoólicas, profissionais e leigas, que ajudaram na construção da Irmandade, foi declarada a Maioridade de A.A., com a transferência da vigilância e da proteção dos *Três Legados* à Conferência de Serviços Gerais e à Junta de Custódios.



O emblema de A.A.

Também foi feita a apresentação do emblema e do pavilhão de A.A. como símbolos da Irmandade. No emblema, os *Três Legados* estão representados por um triângulo equilátero – os três lados e os três ângulos são iguais, onde sua base representa a *Recuperação* – os Doze Passos – o lado esquerdo a *Unidade* – as Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos, e o lado direito o *Serviço* – na descrição de Bill, *‘tudo aquilo que nos leva ao alcoólico que ainda sofre’* e seus princípios espirituais baseiam-se no 12º Passo e nas 2ª, 4ª, 7ª, 8ª e 9ª Tradições. O triângulo está inscrito numa circunferência que simboliza A. A. no mundo.

O pavilhão é uma bandeira na cor branca contendo no centro o emblema na cor azul.

O símbolo foi registrado no *U.S. Patent and Trademark Office* em **1957**, quando passou a ser usado oficialmente como propriedade da Irmandade. Tinha quatro formatos conforme sua destinação: 1) um triângulo equilátero inscrito numa circunferência apenas delineado, 2) igual ao anterior (1), mais dois “AA” dentro do triângulo com fundo azul, representado no pavilhão; 3) igual ao formato 2 mais os dizeres *Recuperação, Unidade, Serviço*, faceando externamente os lados do triângulo; 4) igual ao anterior, 3, substituindo os dizeres por *Conference General Service* faceando internamente a circunferência, era destinado ao registro de propriedade da literatura da A.A.

Entretanto, em **1993**, por questões do uso inadequado por parte de empresários e comerciantes, A.A.W.S. – Serviços Mundiais de A.A. renunciou aos direitos de propriedade do símbolo e, desde então, não faz mais parte das suas marcas protegidas; mesmo assim, ele continua a ser usado informalmente - de maneira não oficial, por membros e eventos de A.A. ao redor do mundo como uma espécie de avaliador espiritual da unidade. Como consequência direta da exclusão do símbolo, A.A. tampouco tem bandeira ou pavilhão oficial.

Os Doze Passos

Doze (Os) Passos de A.A. => Desde o ingresso de Bill no Grupo de Oxford em dezembro de **1934**, ele e Ebby desenvolveram um *“programa de informação verbal”* a partir da mensagem de Ebby, em novembro daquele ano, e dos conhecimentos adquiridos nesse Grupo através do Rev. Samuel Shoemaker: as ideias de *autoconhecimento, reconhecimento de defeitos de caráter, reparação para dano causado e trabalhando com outros*. Da leitura do livro *“As Variedades da*

Experiência Religiosa” de William James saíram os conceitos da *calamidade e o colapso*, e o *apelo dirigido a um poder superior*. Resumiram-no numa proposta que consistiu de seis passos:

1. Admitir a derrota e a impotência perante o álcool.
2. Fazer um inventário moral de todos os defeitos.
3. Compartilhar essas imperfeições com outra pessoa, de forma confidencial.
4. Fazer reparações àqueles que tínhamos prejudicado, devido à nossa bebedeira.
5. Ajudar outros alcoólicos, sem buscar recompensa em dinheiro ou prestígio.
6. Pedir a Deus a força necessária para praticar estes preceitos.

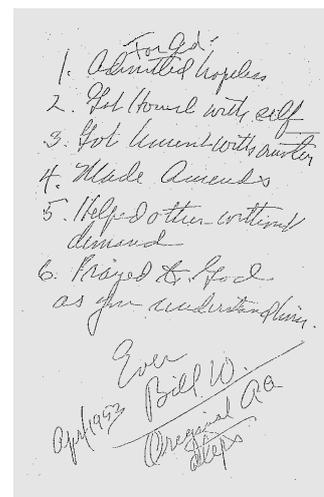
Isto era em essência o que, em fins de 1937, se estava dizendo aos recém-chegados em Nova York.

Enquanto isso, na área de influência do Dr. Bob, Akron e Cleveland, seguia-se uma orientação extremamente fundamentalista, baseada em estudos bíblicos e leituras do pensamento cristão do Grupo de Oxford, como consta de um relatório feito por Frank Amos a pedido de John D. Rockefeller sobre o “*pretensão Grupo Alcoólico de Akron, Ohio*”:

1. Um alcoólico deve reconhecer que é um doente incurável do ponto de vista médico, e que precisa deixar de beber para sempre qualquer coisa que contenha álcool.
2. Deve de alguma forma se render a Deus, percebendo que em si próprio não há esperança.
3. Não somente deve querer parar de beber permanentemente, mas remover de sua vida outros pecados, tais como o ódio, o adultério, e outros que, com frequência, acompanham o alcoolismo. Se não seguir esses passos de forma absoluta, Smith e seus associados se recusam a trabalhar com ele.
4. Deve fazer devoções todas as manhãs – um ‘momento de silêncio’ para a oração e para a leitura da bíblia e de outra leitura religiosa. Se isso não for seguido fielmente, há grave perigo de uma recaída.
5. Deve estar disposto a ajudar outros alcoólicos a se recuperarem. Isso levanta uma barreira protetora e fortalece sua própria força de vontade e convicções.
6. É importante, mas não vital, que, com frequência, reúna-se com alcoólicos reformados e juntos formem um companheirismo social e religioso.
7. Importante, mas não vital, que participe de algum tipo de serviço religioso pelo menos uma vez por semana.

Bill e o Dr. Bob, com o apoio dos primeiros membros do movimento recém-criado, chegaram a um acordo para escrever um programa único que teria como base algo muito próximo dos seis passos iniciais. Entretanto, quando Bill começou a escrever o quinto capítulo - *Como Funciona*, do livro *Alcoólicos Anônimos*, onde Os Doze Passos estão relatados, entendeu que esse programa permitia brechas através das quais a racionalização alcoólica poderia fazer em pedaços aqueles passos e se dispôs a fazer o rascunho de mais seis passos, enfatizando mais a postura religiosa de Akron. Isto resultou num formato muito parecido com um desdobramento dos seis passos originais e totalizou doze passos.

Bill gostou do resultado; os membros de Akron, conservadores, também. Já, boa parte dos membros do Grupo de Nova York reagiu muito mal: tinha Deus demais na parada, e não aceitavam



Rascunho dos seis primeiros Passos

se “*ajoelharem*” perante ninguém como constava no Passo Sete; ponderaram que a média dos alcoólicos não iria aceitar aquilo do jeito que estava.

Os membros que participavam da redação do programa dividiram-se em três grupos: os *conservadores*, liderados por *Fitz M.* - o segundo AA de Nova York, eram favoráveis ao pensamento bíblico no sentido doutrinal da palavra; basicamente eram os que seguiam as orientações do Dr. Bob do Grupo de Oxford.

Os *liberais* formavam o maior contingente e não colocaram objeção ao uso da palavra “*Deus*”, mas mostraram-se totalmente contrários a qualquer proposta teológica: espiritualidade sim, religião não.

Por último os *radicais*: não queriam nem Deus nem religião. Liderados por *Hank P.*, o primeiro AA de Nova York, e por *Jim B.*, ex-aluno de escolas religiosas, agnóstico convicto - tinha aversão a todas as igrejas e religiões estabelecidas, consideraram que a palavra *Deus* deveria ser substituída por um “*poder universal*”; eram favoráveis a um programa *psicológico* que atraísse o alcoólico e uma vez dentro do Grupo, o membro poderia aceitar Deus ou não, como quisesse. Após acalorados debates chegou-se a um compromisso formal que Bill W. considerou aceitável, mas que para o futuro de A.A. foi de fundamental importância, já que abria as portas da Irmandade a todos aqueles que queiram se recuperar sem qualquer tipo de condicionamento religioso: ateus, agnósticos, apóstatas, teístas, panteístas, deístas, objetores de consciência, etc. No Passo Dois, foi colocado “*um Poder Superior a nós mesmos*”, nos Passos Três e Onze, foi inserido “*Deus, na forma em que O concebíamos*”, descrições estas creditadas a Jim B. - embora a primeira também seja dividida com William James (que foi ateu), e que também ajudaram a descrever a Terceira Tradição. Do Passo Sete foi retirado “*ajoelhados*”, e o conjunto todo deveria ser apresentado como sugestões.

Os liberais formavam o grupo maior, mas tinham desvantagem em relação aos grupos radicais e conservadores juntos. Assim, o programa dá ênfase à espiritualidade, porém, não existindo maioria absoluta prevaleceu o consenso negociado por Hank P. e Jim B. do livre arbítrio, isto é, *não-dogmático*.

Assim, como sentença de cabeçalho estão escritas estas palavras: “*Eis os Passos que aceitamos, os quais são sugeridos como programa de recuperação*”.

Portanto, Os Doze Passos de A.A. são apenas *sugestões* para que qualquer pessoa possa tentar e aceitar. Cada membro pode interpretar à sua vontade estes princípios ou até mesmo nem lhes dar importância se assim o desejar.

O enunciado dos Doze Passos, redigido na primeira pessoa do plural, indica que seus autores foram os primeiros membros do movimento e também coautores do livro “*Alcoólicos Anônimos*” que deu o nome àquele movimento. Os nove primeiros Passos estão conjugados no pretérito perfeito e neles os pioneiros dizem o que fizeram para alcançar a sobriedade e conseguir a recuperação; nos três últimos Passos, conjugados no presente, eles contam o que continuaram a fazer para manter a sobriedade e a recuperação alcançadas.

As Doze Tradições de A.A.

Do, *Box 4-5-9*, Primavera 2011, págs. 1-2.

Título original: “*Los hijos del caos: El nacimiento de las Trdiciones de A.A*”

Início da transcrição => “*Os aproveitadores se aproveitavam, os solitários lamentavam sua solidão, os comitês entravam em disputa, os novos clubes enfrentavam dificuldades inesperadas, os oradores praticavam o charlatanismo, os grupos eram desgarrados pelas controvérsias, os membros*

se convertiam em profissionais e vendiam o movimento; por vezes grupos inteiros se embriagavam e as relações públicas locais chegaram a ser um escândalo". (A linguagem do Coração).

Assim era a situação em alguns dos Grupos da incipiente Irmandade na época pioneira de A.A. conforme Bill W. Com pouca ou nenhuma experiência na nova e exigente aventura da sobriedade, os Grupos de A.A. voavam às cegas.

O programa de recuperação de A.A., tal como expresso nos Doze Passos expostos no Livro Grande (Livro Azul, no Brasil), alastrava-se como fogo – de um alcoólico para outro, por todo o país (EUA) e inclusive em países de ultramar. Com reportagens favoráveis em vários meios de comunicação e o crescente apoio da medicina e da religião, A.A. foi sendo cada vez mais conhecida. Alcoólicos estavam conseguindo sobriedade e essas boas novas difundiam-se rapidamente.

Entretanto, os recém criados Grupos dispunham de poucos recursos para seu apoio e orientação, com exceção do profundo desejo de seus membros individualmente se manterem sóbrios. Tudo tinha que ser definido dia após dia e baseados na experiência pessoal e individual por meio de um sistema de tentativas, aprendendo com os erros e assim descobrir o que funcionava ou não. Regras foram criadas para em seguida serem quebradas, estabeleceram-se normas que logo foram descartadas, e inevitavelmente, surgiram disputas, muitas vezes acirradas, referentes às relações dos próprios membros, uns com os outros, e com o mundo exterior.

Nas primeiras décadas de A.A., havia muitos problemas para enfrentar e, na medida em que a quantidade de membros aumentava a cada ano, os desafios decorrentes para viver e trabalhar juntos, não apenas como indivíduos, mas também como Grupos, iam-se empilhando. O sucesso e a maior visibilidade vinham acompanhados de suspeitas, ciúmes e ressentimento. Havia conflitos relacionados com todos os assuntos imagináveis: o uso do dinheiro, as operações dos clubes, o uso inapropriado do nome de A.A., a liderança e os romances.

Os costumes nas reuniões variavam de um Grupo para outro; algumas reuniões eram compostas principalmente por bêbados de classes mais baixas; outras davam preferência aos bêbados das classes mais altas; alguns Grupos permitiam a volta de quem tinha recaído, enquanto outros acreditavam que essas pessoas deveriam ser excomungadas. *"Parecia que cada participante em cada desacordo dos Grupos de todo o país, nos estivesse escrevendo durante esse confuso e apaixonado período"*, disse Bill W. em *'A.A. Atinge a Maioridade'*. Os problemas descritos por esses membros ameaçavam tumultuar a Irmandade nascente e numa carta de **1950** dirigida a um membro de A.A. de Michigan, Bill W. disse: *"Quando chegavam à minha mesa no escritório as cartas em que descreviam as dores de crescimento dos primeiros Grupos, passava a noite deitado na cama sem poder conciliar o sono. Parecia-me que as forças da desintegração iam desgarrar nossos Grupos pioneiros..."*.

Alcoólicos Anônimos não foi a primeira Irmandade que embarcou à deriva nas armadilhas e nos conflitos gerados pelo sucesso perigoso. A *Sociedade Washingtoniana*, um movimento criado quase um século antes (**N.T.:** em abril de **1840**) e dedicado ao resgate de bêbados quase havia descoberto a solução para o problema do alcoolismo. Em seu começo, a sociedade, que se originou em Baltimore, estava composta somente por alcoólicos que se esforçavam para se ajudar os uns a os outros. Tiveram considerável sucesso e o movimento prosperou alcançando mais de 500.000 membros. Porém, os *Washingtonianos* deixaram que políticos e reformadores, alcoólicos e não alcoólicos fizessem uso da sociedade para seus próprios fins e, em que pesem suas intenções expressas de não se meter na política, na religião e no comércio, muitos membros adotaram publicamente posturas opostas em questões de reforma de políticas referentes ao alcoolismo e outros

assuntos do dia a dia. Num prazo de oito a nove anos, segundo reportagens da época, perderam seu atrativo. No banquete anual de A.A. em Nova York, em sete de novembro de **1945**, Bill W. disse: *“Em resumidas palavras, os Washingtonianos puseram-se a resolver os problemas do mundo antes de solucionar os seus. Não tiveram a capacidade de ocupar-se unicamente de seus assuntos”*.

O *Grupo de Oxford*, uma organização religiosa da qual brotaram as sementes de A.A. e que deu origem a alguns dos princípios e preceitos básicos da Irmandade, também oferece exemplos do que não deve ser feito. No livro ‘A.A. Atinge a Maioridade’, Bill W. escreveu: *“Os AAs pioneiros extraíram suas ideias de autoexame, reconhecimento dos defeitos de caráter, reparações pelos danos causados e o trabalho com os outros, direta e unicamente do Grupo de Oxford e particularmente de Sam Shoemaker, seu líder nos EUA”*. Entretanto, embora o Grupo de Oxford se preocupasse profundamente com a sorte dos alcoólicos, alguns costumes desse Grupo incomodavam a Bill W. Embora seja o responsável por impulsionar alguns dos princípios espirituais de A.A., as diferenças acabaram por causar a separação dos dois movimentos. Como Bill W. disse uma vez: *“O grupo de Oxford queria salvar o mundo e eu somente queria salvar os bêbados”*.

Aproveitando-se do exemplo dos Grupos precursores e da cada vez mais ampla experiência retirada de suas próprias lutas internas durante sua primeira década, A.A. ia-se aproximando dia a dia de um conjunto de princípios práticos que pudessem orientar e proteger a vida dos Grupos de A.A. Em **1946**, na revista Grapevine, os fundadores e membros pioneiros codificaram esse princípios e publicaram-nos com o título de *“Os Doze pontos para assegurar o nosso futuro” (1)*.

“Filhos do caos” escreveu Bill W. num ensaio sobre a Quarta Tradição, *“de maneira desafiadora brincamos com fogo repetidas vezes, saímos ilesos e, conforme percebemos, mais sábios que antes. Estes mesmos desvios constituíram um vasto processo de provas e tentativas, o qual, pela graça de Deus, nos trouxe a onde hoje nos encontramos”*.

Conforme Bill W., a acolhida proporcionada às Tradições nos anos de **1940**, não foi das mais calorosas. *“Apenas Grupos em grandes dificuldades as levaram a sério. Em algumas partes até reação violenta houve, principalmente naqueles Grupos que tinham longas listas de regras e regulamentos ‘protetores’. Havia, também, muita apatia e indiferença”*.

Entretanto, e com o passar do tempo, tudo isso mudou e poucos anos mais tarde, por ocasião da Primeira Convenção Internacional de Cleveland, Ohio, em julho de **1950**, vários milhares de membros de A.A. declararam que as Tradições de A.A. constituíam *“a plataforma sobre a qual nossa Irmandade poderia funcionar melhor e se manter unida para sempre”*. Deram-se conta de que nossas Tradições resultariam tão necessárias à nossa sociedade quanto o tinham sido os Doze Passos para a vida de cada membro. Conforme a opinião da Convenção de Cleveland, as Tradições eram a chave da unidade, do funcionamento e inclusive da sobrevivência de todos nós e a Irmandade na sua totalidade aceitou e aprovou esses princípios. Mais tarde, em abril de **1953**, foi publicado o livro *“Os Doze Passos e as Doze Tradições”*, que a Irmandade utiliza como guia para a recuperação individual e para a sobrevivência coletiva.

Fazendo eco àquelas palavras, J. B., um membro de Modesto, Califórnia, escreveu na Grapevine de abril de **1984**: *“As Doze Tradições não são uma mera coleção de guias estabelecidos por ‘eles’ e transmitidas a nós com a ordem incondicional de que ‘isto é o que vocês têm que fazer, e ponto’. As Tradições são o fruto da experiência e dos erros que quase destroçaram nossa Irmandade e as aceitamos de bom grado.*

Ao falar das Tradições, falamos da vida e da morte. Não posso viver sem A.A. Mas você e eu somos A.A. Temos que ser responsáveis por nós mesmos, apesar de nós mesmos. Eu tenho que ser responsável apesar de mim mesmo, e, de responsabilidade é do que tratam as Tradições”.

<= **Fim da transcrição.**

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring11.pdf

N.T.(1): *“...Foi assim que nasceu a forma integral das Tradições como se conhecem hoje (2). Depois de ouvir ideias e opiniões de membros de A.A. e de fora, foram publicadas na edição de abril de 1946 da recém criada revista de A.A. Internacional Grapevine, à época com apenas dois anos de existência.*

Um ano mais tarde, as Tradições foram resumidas para a forma curta que conhecemos hoje. Isso foi feito por sugestão de Earl T., fundador do primeiro Grupo de Chicago, aparentemente para que as Tradições tivessem à mesma altura dos Passos. Más, também foram resumidas porque, embora poucos membros colocaram objeções às ideias expressadas na forma integral, muitos acreditavam que os enunciados eram muito longos e difíceis de lembrar. O rascunho final da forma curta foi aprovado na primeira Convenção Internacional de Cleveland, Ohio, em julho de 1950, e nessa forma apareceram também na Grapevine e assim continuam até hoje”.

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov04.pdf

N.T.(2): No começo conhecidos como **“Os Doze pontos para assegurar o nosso futuro”**, estes princípios passaram a se chamar **“As Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos”** a partir de 01 de junho de 1949

Os Doze Conceitos para o Serviço Mundial

A definição caracteriza uma série de procedimentos sugerida para orientar as atividades dos órgãos de serviços dentro da estrutura da Irmandade; foram condensados em **“Doze Conceitos para o Serviço Mundial”**, publicados em 1962 e que começaram a ser gestados em 1947– 48, quando Bill W. pensando sobre o futuro de A.A., aproximou-se do Dr. Bob através de uma carta, apresentando-lhe as seguintes sugestões: 1), que fosse concedido aos Grupos pleno controle sobre seus assuntos e 2), que os Grupos fossem vinculados ao conselho e ao escritório central, através daquilo que ele chamou de Conferência de Serviços Gerais. Essa Conferência seria formada por Delegados representativos eleitos pelos próprios Grupos.

Até então tudo isto era feito pela Fundação do Alcoólico e o Escritório Central. Esta proposta também foi enviada aos, então, quinze Custódios da Fundação do Alcoólico, na forma de um memorando que Bill intitulou *“Um Código de Tradições Sugeridas para o Escritório Central”*. Esse *“Código...”* tinha doze seções tal como *“Os Doze Passos Sugeridos”*, e *“Os Doze Pontos para Garantir Nosso Futuro”* (que a partir de junho de 1949 chamar-se-iam *“As Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos”*) Esta proposta não agradou aos Custódios, que se colocaram na defensiva. Em 1951, a Fundação do Alcoólico foi dissolvida e foi criada a Conferência de Serviços Gerais que congregava os Delegados escolhidos pelos Grupos para representá-los. Em outubro de 1954, a Junta de Custódios, que pertencia a antiga Fundação do Alcoólico, mas que continuou administrando o Escritório Central, vinculou-se à Irmandade constituindo a Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos. (Ver: **Junta de Serviços Gerais de A.A.**)

Em **1962** a Conferência aceitou aquele “*Código para o Escritório Central*” que, com as devidas adaptações à nova situação, passou a se chamar “*Os Doze Conceitos para o Serviço Mundial*”. Apesar do desejo de Bill W., que esperava que os Conceitos fossem considerados como **princípios**, equiparando-os aos Doze Passos e às Doze Tradições a Conferência os considerou como **procedimentos** e, recomendou que, inicialmente, esse material fosse distribuído como suplemento ao “*Manual de Serviço Mundial do Terceiro Legado*” – que existia desde **1951** (atualmente, “*Manual de Serviço de A.A.*”) e, posteriormente como parte integral do próprio manual.

Os “*Doze Conceitos para o Serviço Mundial*” são uma interpretação de Bill W. sobre a estrutura do serviço mundial de A.A. Sua finalidade é demonstrar o “*porquê*” desta estrutura para que as lições do passado não sejam esquecidas ou perdidas. Tem o mérito de ser um complemento para o “*Manual de Serviço de A.A.*” e para as “*Doze Tradições de A.A.*”, descrevendo conceitos até então não definidos por escrito, como os direitos de “*decisão*”, “*participação*”, “*petição*”, além do princípio de “*autoridade*”. (*Os Doze Conceitos...*, *Levar Adiante, Manual de Serviços de A.A.*). Estes Conceitos – exceto o 12º que se refere às Garantias Gerais da Conferência - poderão ser alterados, ou emendados, pelas Juntas de Serviços Gerais de cada país membro – a Junaab já usou desta prerrogativa ao modificar o 8º Conceito.

Declaração de Responsabilidade

A Declaração (ou Termo) de Responsabilidade (A.A.) => Do Box 4-5-9, Out./Nov. 2008
(pág. 9-10)

Título original: “*La declaración de la responsabilidad: un tema que perdura*”

Início da transcrição => Sob qualquer padrão de medida que se queira utilizar, Alcoólicos Anônimos tinha alcançado em **1965** um sucesso que parecia superior ao que pudessem ter imaginado seus dois cofundadores trinta anos antes. Com aproximadamente 350.000 membros no mundo todo, a Irmandade tinha-se convertido numa instituição bem conhecida na América do Norte, e muitos profissionais que trabalhavam na área da recuperação acreditavam que A.A. era a mais clara e melhor solução para o tratamento do alcoolismo. No começo de julho de **1965**, aproximadamente 10.000 membros congregaram-se em Toronto, Canadá, para participar da IV Convenção Internacional que resultou ser uma boa ocasião para alardear e se recrear nos logros de A.A.

Entretanto, a Convenção também se dedicou a fazer um destemido inventário e, especialmente, ao tema da responsabilidade. Bill W. introduziu oficialmente o Termo de Responsabilidade que diz, “*Eu sou Responsável... quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A.A. esteja ali. E por isto: eu sou responsável*”.

O autor do texto dessa declaração foi Al S., que contou a história de sua concepção na VI Convenção Internacional de Denver em **1975**; “*buscava-se uma declaração (sobre a responsabilidade), que tivesse o efeito de captar emocionalmente os AAs sem impor nenhum dever*”, lembrou Al. Depois de várias tentativas, teve a ideia de que deveria ser uma decisão e uma responsabilidade pessoal – “*Eu*” no lugar de “*nós*”. Dez mil membros de A.A. juntaram-se e, de mãos dadas fizeram pela primeira vez a declaração desse Termo na Convenção de Toronto, e desde então se tem distribuído por toda a Irmandade e se reimprime nos folhetos de A.A. e na Revista Grapevine.

Porque a essa declaração foi escrita e aceita naquele momento? Uma possível razão é que Bill W. e outras lideranças em A.A. haviam detectado alguns problemas que poderiam afetar a capacidade futura de A.A. ajudar os alcoólicos.

Em **1963**, uma revista nacional tinha publicado uma matéria de capa muito crítica em relação a A.A. a qual sugeria que a Irmandade já não dava tão bons resultados. Os profissionais no campo do alcoolismo, não alcoólicos, sentiam-se inquietos diante das atitudes e ações de alguns membros de A.A. – um deles inclusive iria falar na Convenção de Toronto. Alguns insinuaram que estava na hora de A.A. “fazer seu inventário”.

Bill W. considerou detidamente o tema num artigo intitulado “*Nosso lema: a Responsabilidade*”, publicado no número de julho de **1965** na revista Grapevine. Disse ser possível que estivéssemos alienando alguém devido à nossa arrogante convicção de sempre estar com a razão e nossa solução para o alcoolismo ser a única. Tínhamos que corrigir essas atitudes e esse comportamento para continuar a alcançar o alcoólico que estava sofrendo.

Bill W. disse: “*Se fizer um inventário dos defeitos de A.A., podem estar seguros de que também estarei fazendo o meu próprio. Sei que meus erros de ontem ainda têm repercussões, e meus erros de hoje podem igualmente afetar nosso futuro. Assim acontece com todos e cada um de nós. Nossa próxima responsabilidade será a de apadrinhar, de maneira inteligente e carinhosa, cada homem e cada mulher que recorra a nós em busca de ajuda. O empenho e o amor com que nos dispormos a realizar essa tarefa, individual ou coletivamente, terão importância decisiva*” <= **Fim da transcrição.**

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov08.pdf

N.T. (1): Houve duas Ações Recomendáveis aprovadas pela Conferência de Serviços Gerais em relação ao termo de Responsabilidade. A primeira, em **1971**, a Conferência recomendou que o Comitê de Literatura reafirmasse nas suas publicações o texto “Eu sou responsável” conforme a Convenção Internacional realizada em Toronto em **1965**. A segunda, em **1977**, a Conferência recomendou que o texto dessa declaração nunca fosse mudado.

Declaração de Unidade

Uma declaração de Unidade (A.A.) => Do Box 4-5-9, Fev. Mar. / 2009 (pág. 7-8)

Título original: “*¿Por qué tenemos una Declaración de Unidad?*”

Em julho de **1970**, onze mil membros de Alcoólicos Anônimos reunidos em Miami Beach, Florida, EUA, fizeram a seguinte declaração em onze idiomas diferentes:

“Uma Declaração de Unidade:

O futuro de A.A. depende de ser colocado em primeiro lugar, o nosso bem-estar comum, a fim de manter a nossa Irmandade Unida. Da unidade de A.A. dependem as nossas vidas e as vidas daqueles que virão”.

A aceitação desta declaração na Convenção de **1970** selou a aprovação final à campanha iniciada por Bill W. algumas décadas atrás, para estabelecer como prioridade a preservação da unidade para assegurar o futuro de A.A. Vinte anos antes, na primeira Convenção Internacional, em Cleveland, mais de três milhares de membros de A.A. votaram pela aceitação das Doze Tradições que Bill havia redigido e proposto com o propósito específico de assegurar a sobrevivência de A.A. como sociedade. A aceitação oficial da Declaração de Unidade serviu para reforçar isso.

Por que foi necessário fazer essa declaração? Quase desde os primórdios de A.A., Bill havia colocado como foco a importância de manter a unidade da Irmandade. Trabalhando juntos poderemos alcançar e manter a sobriedade que não pudemos encontrar quando estávamos sozinhos. Mesmo quando A.A. não tinha mais de cem membros, em sua maioria concentrados em Akron e

Nova York, Bill e o Dr. Bob tinham a visão de uma irmandade unificada que poderia alcançar os alcoólicos em todas as partes da América do Norte e inclusive do mundo. Bill W., nas suas palestras e artigos, sempre destacou a necessidade de preservar a unidade para que nós mesmos pudéssemos manter a sobriedade e preservar A.A. para “os milhões que ainda não nos conhecem”.

Ao apresentar as Tradições, Bill escreveu: *“Enquanto os vínculos que nos unem demonstrem ser mais fortes que as forças que pudessem nos dividir, tudo irá bem...estaremos seguros como movimento; nossa unidade essencial continuará a ser algo seguro”*.

Quais eram as forças que poderiam nos dividir? Ele mencionava com frequência a luta pela propriedade, o poder e o dinheiro. Sentia ser absolutamente necessário que A.A. como sociedade teria que evitar as controvérsias sobre a política e a religião. Também acreditava que o anonimato era um fator decisivo para manter a unidade e que a ajuda de A.A. deveria estar disponível para todos sem favoritismos nem prejuízos.

Bill descreveu as Doze Tradições como sendo *“Doze pontos para assegurar o nosso futuro”*. Ele as considerava tão essenciais para a preservação da sociedade quanto os Doze Passos para a recuperação do membro individual. Escreveu que o mais urgente e estimulante interesse de A.A. era *“preservar entre nós, os AAs, uma unidade tão sólida que nem as debilidades pessoais nem a pressão e discórdia desta época turbulenta possam prejudicar nossa causa comum. Sabemos que Alcoólicos Anônimos tem que sobreviver. Se assim não for, exceto contadas exceções, nós e nossos companheiros alcoólicos em todas as partes do mundo recomeçaríamos nossa desesperada viagem rumo ao esquecimento”*.

Bill estava doente e lhe restava menos de um ano de vida quando foi adotada oficialmente a Declaração de Unidade. Mesmo assistindo à Convenção numa cadeira de rodas e fazendo uma breve aparição no palco, não pode fazer a longa palestra que costumava fazer nas Convenções anteriores. Porém, certamente deveu sentir um merecido orgulho ao ver aprovada esta declaração por parte da convenção, da mesma maneira que a Convenção Internacional de **1965**, em Toronto, emitira a declaração do Termo de Responsabilidade.

De acordo com informação encontrada nos Arquivos Históricos de A.A., o autor do texto da declaração provavelmente foi Al S., o mesmo membro de A.A. e assessor que tinha redigido o Termo de Responsabilidade. Também reflete os esforços do Comitê que organizou e trabalhou na Convenção Internacional de **1970** – 35º aniversário de A.A. O lema da Convenção, apropriadamente, foi *“A unidade dentro da nossa Irmandade”*.

Na cerimônia de sábado à noite, o então gerente geral do ESG, Bob H., convidou para subir ao palco vários antigos delegados e membros de ultramar para participar da adoção da Declaração; dizendo que, *“a unidade de A.A. é a qualidade especial que faz com que nossa Irmandade seja única. É o cimento que mantém unida nossa sociedade, a plataforma que faz possível o ‘Serviço’ de A.A. É mais que um acordo sobre os princípios básicos, mais que a liberação da discórdia destrutiva. É um vínculo criado pela experiência compartilhada, como a que compartilhamos aqui, nesta noite. A unidade é nossa mais prezada posse, nossa melhor garantia para o futuro de A.A. Que todos a valorizemos e a preservemos, hoje e todos os amanhãs que estão por vir”*.

Bob H. pediu então a todos os participantes que se encontravam no palco que recitassem a Declaração de Unidade, que foi iniciada pelo Dr. John L. Norris, o diretor clínico da Eastman Kodak e amigo e Custódio não alcoólico durante muitos anos.

Conforme informação disponível, devido ao agravamento da saúde, Bill não pode assistir a essa cerimônia. Porém, conseguiu subir ao palco na manhã seguinte para proferir um brevíssimo

discurso de quatro minutos, que foi acolhido com uma grande ovação com todos os presentes em pé. Isto, nos últimos meses de vida de Bill, foi uma comovedora lembrança do também breve discurso do Dr. Bob na primeira Convenção Internacional, em julho de **1950**, em Cleveland, quando instou a todos a ter presente que os Doze Passos se reduzem a amor e serviço, sua última mensagem antes de morrer em novembro daquele ano.

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar09.pdf

Declaração de Gratidão

Nossa Gratidão:

“A história de A.A. está repleta de nomes de não alcoólicos, profissionais e leigos, que se interessaram pelo Programa de Recuperação de A.A. Milhões de nós devemos nossas vidas a essas pessoas, e nossa dívida de gratidão não tem limites”.

N.T.: *Declaração feita na Segunda Convenção Internacional de Saint Louis, Missouri, em 1955 pela passagem do 20º aniversário e a Maioridade de A.A.*

Alcoolismo é dependência química

A Conferência de Serviços Gerais de A.A. de **1997** – EUA/ Canadá, aprovou uma revisão da definição da declaração da Unicidade de Propósito de A.A., contida na Quinta Tradição, que oferece uma possível solução para pessoas com outros problemas e queiram se tornar membros de A.A.: “*O alcoolismo e a drogadicção podem ser classificados como 'abuso de substâncias químicas' ou como 'dependência de substâncias químicas'. Por conseguinte, às vezes se permite, em A.A., tanto a introdução dos não alcoólicos como a dos alcoólicos e lhes é feita a recomendação de que assistam às reuniões. Qualquer pessoa pode assistir às reuniões abertas de A.A. Mas unicamente os que têm um problema com a bebida podem assistir às reuniões fechadas ou tornarem-se membros de A.A. As pessoas que têm outros problemas diferentes do alcoolismo podem se tornar membros de A.A. somente se tem um problema com a bebida.*”.

Unicidade de Propósito (Cartão Azul)

A Conferência de Serviços Gerais (A.A.) de **1987** (EUA/Canadá) aprovou uma declaração de propósito e o ESG tornou disponível para os Grupos que **quiserem** utilizá-lo, um cartaz que ficou conhecido como *Blue Card* ou, **Cartão Azul**, com o código F-17 (ao lado). Seu texto:

“*Esta é uma reunião **aberta** de Alcoólicos Anônimos. Estamos contentes por vocês terem vindo, especialmente os recém-chegados. De acordo com nossa unicidade de propósito e nossa Terceira Tradição que afirma que ‘Para ser membro de Alcoólicos Anônimos, o único requisito é o desejo de parar de beber’, pedimos a todos os participantes que limitem os comentários a seus problemas com o álcool*”.

THIS IS A CLOSED MEETING OF ALCOHOLICS ANONYMOUS

This is a closed meeting of Alcoholics Anonymous. In support of A.A.'s singleness of purpose, attendance at closed meetings is limited to persons who have a desire to stop drinking. If you think you have a problem with alcohol, you are welcome to attend this meeting. We ask that when discussing our problems, we confine ourselves to those problems as they relate to alcoholism.

(The 1987 General Service Conference made this statement available as an A.A. service piece for those groups who wish to use it.)

To Reorder, write to:
General Service Office, Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10153

THIS IS AN OPEN MEETING OF ALCOHOLICS ANONYMOUS

This is an open meeting of Alcoholics Anonymous. We are glad you are all here — especially newcomers. In keeping with our singleness of purpose and our Third Tradition which states that “The only requirement for A.A. membership is a desire to stop drinking,” we ask that all who participate confine their discussion to their problems with alcohol.

(The 1987 General Service Conference made this statement available as an A.A. service piece for those groups who wish to use it.)

50M - 11.01 (FYI)

F-17

Blue Card - Cartão Azul

*“Esta é uma reunião **fechada** de Alcoólicos Anônimos. Em conformidade com a singeleza de propósito de A.A., a participação em reuniões fechadas está limitada às pessoas que têm o desejo de parar de beber. Se você acha que tem problemas com o álcool, você está convidado a participar desta reunião. Pedimos que, ao discutir os nossos problemas, nos limitemos unicamente aos que dizem respeito ao alcoolismo”.*

<http://home.capecod.net/~action-12steps/spur/bluecard.html>

O Princípio do Anonimato

Desde seus primeiros dias, A.A. tem assegurado o anonimato pessoal a todos os que frequentam suas reuniões. Como os fundadores e primeiros membros de A.A. também eram alcoólicos em recuperação, eles sabiam por experiência própria o quanto a maioria dos alcoólicos se sentia envergonhada quanto a seu modo de beber, e o quanto receava expor-se ao público. O estigma social do alcoolismo era enorme, e os primeiros membros de A.A. perceberam que uma rigorosa garantia de confidencialidade era imperativa se quisessem ter sucesso na tarefa de atrair e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade.



Com o passar dos anos o anonimato provou ser uma das maiores contribuições que A.A. oferece ao alcoólico que ainda sofre. Sem ele, muitos nunca assistiriam à sua primeira reunião. Embora o estigma tenha, até certo ponto, diminuído, a maioria dos recém-chegados ainda acha a admissão de seu alcoolismo tão dolorosa que prefere fazê-lo num ambiente protegido. O anonimato é essencial para criar esse ambiente de confiança e de compreensão.

Embora a privacidade seja muito importante para os novos membros, é notável como a maioria deles fica ansiosa por compartilhar a boa nova de sua afiliação a A.A. com suas famílias. Tal revelação, contudo, é sempre uma escolha pessoal: A.A. como um todo procura assegurar que cada membro, individualmente, permaneça tão anônimo e protegido quanto o queira, desde que se compreenda que o anonimato na imprensa, rádio, televisão e filmes é essencial para nossa sobriedade e crescimento contínuos – tanto em nível pessoal como de grupos.

Tradicionalmente, os membros de A.A. sempre cuidaram de manter seu anonimato em nível público: na imprensa, no rádio, na televisão, no cinema e, mais recentemente, na Internet.

Nos primeiros dias de A.A., quando a palavra “*alcoólico*” carregava um estigma maior do que hoje, era fácil entender este receio de identificar-se publicamente. À medida que Alcoólicos Anônimos foi crescendo, logo se tornaram evidentes os valores do anonimato.

Primeiro, sabemos por experiência, que muitos bebedores-problema vacilariam em recorrer a Alcoólicos Anônimos se acreditassem que seu problema seria assunto de discussão pública, ainda que por descuido. Os novatos devem ter a possibilidade de buscar ajuda com total segurança de que sua identidade não será revelada a ninguém fora da Irmandade.

Ademais, acreditamos que o conceito de anonimato pessoal tem também um significado próprio para nós - que contribui para refrear os impulsos de reconhecimento pessoal e de poder, prestígio e riqueza que provocaram tantas dificuldades em outras sociedades. Nossa eficácia relativa ao trabalho com os alcoólicos poderia ver-se prejudicada em alto grau se buscássemos ou aceitássemos o reconhecimento público.

Ainda que todo membro de A.A. tenha total liberdade para interpretar as Tradições de A.A. como melhor lhe aprouver, não se reconhece a nenhum indivíduo a legitimidade de ser porta-voz da Irmandade em nível local, nacional ou internacional. Cada membro fala unicamente por si mesmo.

Alcoólicos Anônimos tem uma dívida de gratidão com todos os meios de comunicação pelo que eles têm contribuído, ao longo dos anos, em reforçar a Tradição de Anonimato. O CTO/JUNAAB envia correspondência regularmente aos meios de comunicação para explicar-lhes essa Tradição e pedir-lhes que cooperem para que ela seja cumprida.

Por diversas razões, um membro de A.A. pode “quebrar” seu anonimato deliberadamente perante o público. Já que isso é um assunto de escolha e consciência pessoais, obviamente a Irmandade como um todo não tem nenhum controle sobre tais desvios da Tradição. Não obstante, fica bem claro que os membros que o fazem, não têm a aprovação da maioria esmagadora de seus companheiros de Alcoólicos Anônimos.

Para saber mais veja os folhetos da Junaab:
Código 216 – “*Entendendo o Anonimato*”
Código 245 – “*Guia de orientação de A.A. para a Internet*”

A Autossuficiência

Sétima Tradição (forma longa): “*Os grupos de A.A. devem ser inteiramente financiados pelas contribuições voluntárias de seus próprios membros. Acreditamos que cada grupo deve atingir essa meta em pouco tempo; que qualquer solicitação de fundos usando-se o nome de A.A. é altamente perigosa seja ela feita por grupos, clubes, hospitais ou outras agências alheias; que a aceitação de grandes donativos de qualquer fonte ou de contribuições que acarretem quaisquer obrigações não é prudente. Vemos ainda com muita preocupação aquelas tesourarias de A.A. que continuam a acumular dinheiro além da reserva prudente, sem um propósito específico. A experiência tem nos demonstrado frequentemente, que nada pode destruir nosso patrimônio espiritual com tanta certeza, como as discussões fúteis sobre propriedade, dinheiro e autoridade*”.

Ver: “*A Tradição de Autossuficiência de A.A.*”, pág. 412 no livro *A Linguagem do Coração* – Junaab, código 104.

O Princípio da Pobreza Corporativa (1)

Box 4-5-9, Out. Nov./2004 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov04.pdf

Título original: “*Una página brillante de la historia de A.A. - El principio de la pobreza corporativa*”.

“*Para ser membro de A.A. não há taxas nem mensalidades; somos autossuficientes, graças às nossas contribuições*”. Ouvimos estas palavras com tanta frequência que é fácil perder a noção do significado extraordinário que elas têm. Talvez não tenha existido na história uma organização que tenha realizado esforços tão grandes para evitar o acúmulo de riquezas. Não aceitamos contribuições de pessoas que não são membros nem de instituições alheias – e inclusive colocamos limites para a quantia que cada membro pode dar. Não participamos de arrecadações de fundos sistemáticas nem solicitamos empréstimos. Mantemos a nós mesmos com as contribuições voluntárias e espontâneas dos membros e das vendas da nossa literatura. E quando, como Irmandade, temos mais dinheiro do que precisamos, agimos imediatamente para nos desfazer dele. Em resumo, a atitude e as ações de A.A. respeito ao dinheiro faz pouco caso da sabedoria convencional e das práticas comerciais comuns.

Em “A.A. *Atinge a Maioridade*”, Bill W. descrevia as três tentações principais enfrentadas pelos membros fundadores na medida em que foi evoluindo a nossa tradição com o dinheiro. Primeiro houve a grandiosa ideia de que A.A. deveria construir hospitais e participar na educação geral sobre o álcool. “*A segunda tentação*”, ele diz, “*levou-nos ao extremo oposto. Chegamos a ter tanto medo do dinheiro que nos tornamos mesquinhos, quase recusando-nos a sustentar os serviços simples, mas essenciais de A.A... Ainda na atualidade não foi possível erradicar totalmente este prejuízo...*”

“*A nossa terceira tentação financeira foi a mais perigosa das três*”. Um amigo de A.A. deixou no seu testamento a quantia de dez mil dólares para a Irmandade; a questão era se a Irmandade devia ou não aceitar essa doação. Naquela época, a Fundação do Alcoólico – atualmente Junta de Serviços Gerais de A.A., precisava urgentemente de dinheiro. Os Grupos não estavam mantendo o Escritório e muitos temiam que nunca chegassem a fazê-lo. Os Custódios sabiam que nos testamentos de amigos endinheirados constavam doações para A.A. de mais de meio milhão de dólares – suficientes para tornar a Irmandade rica. “*Comparada com esta perspectiva*”, escreveu Bill, “*a doação de dez mil dólares não era grande coisa. Mas, da mesma maneira que o primeiro gole para o alcoólico poderia, se o aceitarmos, provocar inevitavelmente uma desastrosa reação em cadeia. Aonde nos levaria? Quem paga o músico tem o direito de escolher a canção... A pressão exercida por uma tesouraria poderosa, com certeza iria tentar a Junta a inventar todo tipo de ideias para investir os fundos que desviariam A.A. do seu propósito primordial, e os membros encolheriam os ombros dizendo ‘para que se molestar em contribuir?’*”

*Então nossos Custódios escreveram uma página brilhante da história de A.A. Optaram pelo princípio de que A.A. sempre deveria ser pobre. Desse momento em diante, a política financeira da Fundação foi a de manter os fundos necessários para os gastos de funcionamento mais um reserva prudente... Nesse momento, o princípio da **pobreza corporativa** foi incorporado firme e definitivamente na tradição de A.A.*”

O princípio é simples. Colocá-lo em prática, às vezes é complicado. Certamente, ao nível do Grupo não é muito complicado: Guardar dinheiro suficiente para pagar o aluguel, comprar café e literatura e manter uma reserva prudente para os gastos de uns dois meses é o suficiente. Qualquer quantia em excesso tradicionalmente é enviada ao Distrito, Escritório de Serviços Locais - ESL, Área e Escritório de Serviços Gerais - ESG.

Entretanto, praticar o princípio da **pobreza corporativa** ao nível do ESG é muito mais complicado. A Junta de Custódios estabeleceu em **1954** um fundo de reserva cujo propósito é o de proporcionar os recursos econômicos necessários para manter os serviços essenciais do ESG e da *Grapevine* (equivalente no Brasil à revista *Vivência*), no caso de emergência ou de desastre, e para cobrir gastos extraordinários ou inesperados. A renda do Fundo de Reserva provém de duas fontes: contribuições dos Grupos e do resultado da venda de literatura. A Conferência de Serviços Gerais, junto com o Comitê de Finanças dos Custódios, supervisiona cuidadosamente o fundo, e estabeleceu como limite o equivalente a não mais de um ano de gastos combinados de operações da A.A. World Services (Serviços Mundiais de A.A.) e a *Grapevine*.

Numa apresentação feita em **1994**, Gary Glynn, Custódio não alcoólico, falava sobre a “*ação de equilíbrio*” que assumimos: “*Ter demais, e discutir sobre a perigosa riqueza e poder, perdendo de vista nosso objetivo primordial de levar a mensagem. Ter pouco, e perdemos totalmente a capacidade de levar a mensagem*”. Nossos Custódios podem contar com que os Grupos, através dos Delegados à Conferência, não deixem que a Irmandade se desvie de seu objetivo primordial; manter

o saldo do Fundo de Reserva controlado costuma ser um desafio mais difícil. Se nossas reservas crescem demais, os Custódios e os Delegados trabalham juntos para encontrar soluções a fim de baixá-las a níveis aceitáveis.

Ainda quando o Fundo de Reserva está dentro do seu limite, a quantidade de dinheiro que se requer para sufragar os nossos serviços é impressionante, e inevitavelmente alguns Grupos se perguntarão se deveriam enviar algum dinheiro ao ESG. Em **2003**, da mesma maneira que em quase todos os anos recentes, contribuíram menos da metade dos Grupos inscritos no ESG. Já que todos os Grupos recebem exatamente os mesmos serviços, contribuam ou não, porque enviar contribuições?

Na realidade, há importantes razões para fazê-lo. Quando as contribuições dos Grupos são elevadas, todos se beneficiam. Os preços da literatura podem ser mantidos baixos, o que ajuda os Grupos a levar a mensagem e manter baixos seus gastos. Mas, num sentido mais profundo, as razões não tem nada a ver com o dinheiro e sim com o desenvolvimento espiritual. Quando os Grupos contribuem com os serviços mundiais de A.A., se convertem numa parte daquilo que o Primeiro Conceito chama de *“a consciência coletiva da nossa Irmandade”*. As contribuições são tão importantes para quem as dá quanto para quem as recebe. Da mesma maneira que a participação no serviço enriquece nossa sobriedade, ajudar a manter os serviços de A.A. faz com que cada Grupo forme uma parte integrante para levar a mensagem muito além dos seus próprios limites.

Gary Glynn descreveu a **pobreza corporativa** como um dos *“princípios espirituais e práticos que asseguram o futuro de A.A... Acredito que em A.A. o espiritual e o prático são a mesma coisa. Tudo o que vá ter uma utilidade prática para nós tem que ser também espiritual...”*. Nossas ideias sobre as finanças, conforme a prática comercial comum são totalmente impraticáveis. Mas, neste campo tão prático, o mundo do dinheiro, nossos princípios espirituais forjados na bigorna da experiência nos possibilitaram superar os obstáculos de mais de seis décadas e, sem dúvida, iram-nos manter seguros nas décadas futuras.

N.T. (1): É bastante comum membros de A.A. referirem-se equivocadamente a este princípio com a denominação de *“pobreza coletiva”*. Este equívoco – que permaneceu por 40 anos, deve-se ao fato de que, em todas as publicações anteriores a 08/2013, (a primeira edição oficial das Doze Tradições no Brasil foi publicada pelo CLAAB em brochura com a capa na cor vermelha em **1973**; em junho de **1995** foram publicadas junto com os Doze Passos em brochura de capa mesclada - vermelha e verde), feitas no Brasil aparecia no penúltimo parágrafo do capítulo dedicado à Sétima Tradição no livro *“Os Doze Passos e as Doze Tradições”* - Junaab, código 105, traduzido incorretamente, a expressão *pobreza coletiva* (inclusive, em **2009**, a 33ª Conferência de Serviços Gerais teve como tema *“Política Financeira de A A: Pobreza Coletiva”*). Após a revisão da tradução da literatura de A.A. no Brasil feita por uma equipe de tradutores com especialização em inglês, francês e espanhol (os idiomas oficiais da estrutura sênior – EUA/Canadá), todos voluntários e membros de A.A., aprovada pela Conferência, o texto do terceiro parágrafo do capítulo referente à Sétima Tradição, na página 143 do livro continua dizendo: *“Havia uma outra razão para a nossa **pobreza coletiva**... Descobrimos com espanto que éramos os maiores sovins do mundo. Assim sendo, o movimento de A.A. começou e permaneceu falido, enquanto seus membros individualmente prosperavam”*. Observe-se que aqui se refere à *pobreza coletiva* no sentido crítico,

como sinônimo de pão-durismo dos membros individuais. A recuperação dos membros, em todos os aspectos - até o financeiro, deverá evoluir para se tornarem independentes e capazes de manterem financeiramente - além de a si próprios e suas famílias e dependentes - a Irmandade autossuficiente com suas contribuições. Mas, o penúltimo parágrafo desse capítulo - na página 147, já revisado, começa dizendo: “*Então, nossos curadores (custódios) escreveram uma página brilhante da história de A.A. Declararam que, por princípio, A.A. (entenda-se a entidade, a sociedade, o movimento, a Irmandade..., em fim, a **corporação e não seus membros**) tinha que permanecer pobre... Acreditamos que, naquele instante, o princípio da pobreza corporativa enraizou-se de forma definitiva na tradição de A.A.*”.

Ver estes parágrafos – o 3º e o penúltimo do Capítulo da Sétima Tradição, nos textos aprovados pela Conferência sênior – EUA/Canadá:

Inglês => http://www.aa.org/assets/en_US/en_tradition7.pdf

Francês => http://www.aa.org/assets/fr_FR/fr_tradition7.pdf

Español => http://www.aa.org/assets/es_ES/sp_tradition7.pdf

Literatura aprovada pela Conferência

Literatura aprovada pela Conferência (A.A.) => Do Box 4-5-9, Abr. Mai. / 1978 (pág. 5)

Título original: “*¿Que significa ‘Aprobado por la Conferencia’?*”

Início da transcrição => Quando você vê o emblema (1) ao lado e as palavras “*Literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de A.A.*”, isto apenas quer dizer que estas publicações representam o mais amplo consenso do pensamento de A.A. Não é apenas a interpretação de uma pequena localidade nem as ideias de um determinado tipo de membro de Alcoólicos Anônimos



O carimbo está dizendo, na verdade: “*Esta peça reflete o espectro de opiniões de toda nossa Irmandade*”.

O material de A.A. é preparado após rigoroso exame dos membros do pessoal do Escritório de Serviços Gerais – ESG, dos Comitês da Junta de Custódios e da Conferência e da nossa Conferência de Serviços Gerais (EUA/Canadá) tratando de expressar a consciência dos Grupos de A.A. em sua totalidade.

A razão por detrás deste procedimento é simples. É uma maneira de conservar a independência tradicional de A.A. Não estamos afiliados a ninguém, e não nos opomos, nem apoiamos outras ideias quaisquer que sejam. Apenas expressamos (ou seja, publicamos) as nossas. Isto não quer dizer que desaprovamos outras publicações. Muitos Escritórios de Serviços Locais de A.A. publicam suas próprias listas de reuniões e às vezes literatura de informação a respeito da Irmandade. A.A. na sua totalidade não se opõe a isso, assim como não desaprova a Bíblia ou livros que tratam da saúde, ou quaisquer outras publicações de fontes diferentes que os AAs achem proveitosas.

A revista Grapevine (*no Brasil a Vivência*) é um assunto diferente. Cada artigo publicado representa claramente a opinião de uma pessoa, e na primeira página de cada exemplar consta este esclarecimento: “*As opiniões aqui expressadas não devem ser atribuídas a Alcoólicos Anônimos em sua totalidade, nem sua publicação implica na aprovação de A.A. ou da Grapevine*”.

O que leiam os membros de A.A. não é assunto do ESG nem da Conferência, naturalmente. Mas quando o emblema acima aparece, pode-se ter a segurança de que o conteúdo passou por revisões e seleções conscienciosas e aprimoradas feitas pelos Comitês apropriados e a Conferência. <= *Fim da transcrição.*

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may78.pdf

N.T. (1): Este artigo foi publicado na edição de Abril/Maio do *Box 4-5-9* e 1978. Em 1993, o emblema acima foi excluído por recomendação da A.A.W.S. à Conferência. Veja os motivos na reprodução de outro artigo do mesmo boletim no item deste glossário: *Legado - A exclusão do Circulo e do Triângulo como símbolo oficial de A.A.*, ou em:

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept93.pdf

N.T. (2): A respeito do tema da aprovação de materiais de A.A. pela Conferência veja também: *Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 2005 (pág. 1 a 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april_may05.pdf
Box 4-5-9, Abr./Mai. 2008 (pág. 5-6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may08.pdf

Como se forma um Grupo de A.A.

Terceira Tradição (forma longa) => *“Devem fazer parte de nosso quadro de membros todos que sofrerem de alcoolismo. Não podemos, portanto, recusar pessoa alguma que deseje recuperar-se. Tampouco o ingresso em A.A. deve jamais depender de dinheiro ou formalidade. Um grupo qualquer, formado por dois ou três alcoólicos, pode chamar-se Alcoólicos Anônimos, conquanto que, em conjunto não esteja afiliado a outra entidade.”*

Todos os membros e servidores de um Grupo de A.A. são alcoólicos, e todos os alcoólicos estão qualificados para serem membros e servidores da Irmandade.

Os Grupos são autônomos e independentes exceto nas questões que digam respeito à autonomia de outros Grupos ou à Irmandade em seu conjunto; seu relacionamento com o público baseia-se na atração e não na promoção; não opinam sobre assuntos alheios à Irmandade. Deverão ser autossuficientes, manter-se não profissionais nem se organizar como tal. Seus líderes são servidores de confiança eleitos por períodos determinados de tempo: não têm poder para governar.

Resumindo:

1. *Todos os membros são alcoólicos, e todos os alcoólicos têm o direito de se tornar membros;*
2. *Como Grupo deverá ser autossuficiente;*
3. *O objetivo primordial de um Grupo é ajudar alcoólicos a se recuperar através dos Doze Passos;*
4. *Como Grupo não tem outra afiliação alheia a A.A.;*
5. *Como Grupo não opina sobre assuntos alheios à Irmandade, e,*
6. *Como Grupo, sua política de relações públicas deve se basear na atração e não na promoção e os membros deverão manter seu anonimato diante da imprensa, a televisão, o rádio e o cinema”.*

Grupos e reuniões de composição especial

Do *Box 4-5-9*, Ago. Set. 1981 (pág. 1 e 6) http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug_sept81.pdf

Título original: *“¿Que son grupos ‘especiales’ de A.A.? ¿Por qué se necesitan?”.*

Início da transcrição => Todos nós conhecemos pessoas pertencentes a uma variada gama de profissões, com variadas preferências, que estão sóbrios porque têm *“o único requisito para ser membro de Alcoólicos Anônimos é o desejo de parar de beber”.*

Alguns AAs, entretanto, parecem ficar alarmados com a onda de Grupos “especiais” para médicos, mulheres, homens, jovens, homossexuais, advogados, membros do clero – que parece indicar uma tendência à exclusividade.

Esta carta, enviada pelo secretário de um Grupo, é típica das muitas que chegam ao Escritório de Serviços Gerais – ESG: *“Numa reunião recente, anunciei o aniversário de um Grupo de A.A. ‘somente para mulheres’. Na Reunião de Serviço seguinte alguém perguntou a respeito das condições de um Grupo que restringe seus membros. Continuou citando a Terceira Tradição. Houve uma discussão pró e contra, mas não se conseguiu chegar a nenhuma resolução. Poderiam nos ajudar-nos nesta questão?”*

Esta simples pergunta traz à tona uma variedade de temas de discussão. Pode-se registrar como um Grupo de A.A. um grupo que exclui *qualquer* alcoólico? A Conferência de Serviços Gerais responde *não* a este assunto, e assim, o ESG faz a distinção entre um Grupo (inscrito nos diretórios – ou listas, de A.A.) e uma reunião (não inscrita).

O Dr. John L. Norris, coordenador da Conferência naquele então, fez essa distinção durante uma apresentação em **1977**:

“Em geral, nos inclinamos para este raciocínio: Quando são acrescentados outros requisitos que poderiam excluir outros alcoólicos, estas deveriam ser consideradas reuniões de A.A. e não Grupos de A.A. Nunca desanimamos os AAs que criem reuniões com um propósito especial de qualquer índole que possam preencher as necessidades dos indivíduos interessados, mas, vacilamos em considerar como grupos aqueles que poderiam excluir algum alcoólico, por qualquer razão.

Muitos membros sentem que nenhum grupo deve ser qualificado como tal, ou ainda dar a impressão de que é especial. Entretanto, o fato é que estes Grupos existem, e sentem que os ‘rótulos’ (dupla identificação) servem de atração e não querem dizer que implicam exclusão de outros alcoólicos”.

Realmente, entanto que Grupos especiais são formados para satisfazer as necessidades de certo grupo dentro de A.A., geralmente não são exclusivos, mas abertos a qualquer membro de A.A. (um homem que encontrou a sobriedade aos 70 anos de idade assistiu sua primeira reunião em um Grupo de jovens – e pode se identificar!).

Existe verdadeira necessidade de que existam Grupos especiais? Em um artigo na *Grapevine* de outubro de **1977**, K. S. disse:

“Quando falei a respeito do propósito de tais Grupos com as pessoas que participam deles, demonstraram que definitivamente acreditavam que não podiam se abrir totalmente ao falar de si próprios na maioria dos Grupos de A.A. Os homossexuais acreditam que sua orientação sexual e as características de suas relações afetivas não seriam compreendidas ou aceitas nas reuniões de A.A. regulares. Os jovens estão convencidos de que os membros de mais idade não compreende sua maneira de viver. E os profissionais notam que encontram melhor compreensão entre seus colegas, particularmente em assuntos relacionados com sua conduta profissional quando eram alcoólicos na ativa.

Os membros desses grupos especiais estão convencidos que muitos deles não teriam ficado em A.A. se tivessem que ingressar através de um Grupo regular.

Concordemos ou não com esta maneira de pensar, a realidade é que muitos alcoólicos acreditam nisto. E acreditam com tanta firmeza que formam estes Grupos e fazem-nos funcionar”.

Para mais informação a respeito de como se constitui um Grupo de A.A., favor observar a seguinte declaração nos diretórios:

“Muitos Grupos especializados encontraram benefícios ao se organizar a nível internacional, com um comitê executivo centralizado e um endereço postal onde os AAs interessados podem escrever solicitando informações. Os Escritórios de A.A. têm uma lista dos Grupos especiais internacionais com informação atualizada para quem queira contatá-los”.

Alguns deles: *Birds of a Feather* – BOAF (para pilotos e profissionais da aviação); Conselho Internacional de Jovens; Conselho Internacional de Homens Homossexuais e Mulheres Lésbicas; Grupos Internacionais de Médicos, de Advogados, etc.

Alguns destes Grupos não só compartilham informação e experiência, mas também realizam Conferências ou Encontros anuais. Outros Grupos funcionam apenas através de correspondência, como os Grupos por Correspondência para Surdos, World Hello – um serviço aos membros que têm problemas auditivos ou não pode participar das reuniões regulares. (*Outro tipo de Reuniões por correspondência criado em 1946 para trabalhadores no mar é Internacionalistas e Solitários*).

Entretanto, seja qual for a finalidade secundária, qualquer Grupo de A.A. – organizado ou não, tem um único propósito primordial: a recuperação do alcoolismo. <= **Fim da transcrição.**

Para saber mais

Esta Conferência, de 1977, também retirou a denominação “**Propósitos Especiais**” - *Special Purposes*, com a qual estes Grupos ou Reuniões vinham sendo identificados já que passaram a integrar a estrutura única de A.A. que tem como finalidade um único propósito, o anunciado na sua Quinta Tradição; aquela denominação parecia remeter a que eram algo aparte de A.A. Passaram a se denominar Grupos, ou Reuniões, *especiais, especializados* ou *de composição especial*.

O livreto *The A.A. Group... Were it begins (O Grupo de A.A. ...Onde Tudo Começa)* – na sua última edição revisada, 2006, e distribuído aos Grupos dos EUA/Canadá, no terceiro parágrafo da página 12 diz:

“Alguns AAs se reúnem em Grupos especializados – para homens, mulheres, jovens, médicos, homossexuais e outros. Se todos os membros são alcoólicos, e se mantém a porta aberta a todo alcoólico que procure ajuda, seja qual for sua profissão, sexo, idade, etc., e se cumprem com os demais requisitos que definem um Grupo de A.A., podem se chamar um Grupo de A.A.”

http://www.aa.org/assets/es_ES/aa-literature/p-16-the-aa-group

No Brasil

A edição do livreto “**O Grupo de A.A. ...Onde Tudo Começa**” publicada pelo CLAAB - Revisão Fev. 1980 – reimpressão 08/92 autorizada pelo A.A.W.S (Serviços Mundiais de A.A.), na sua página 40/4/1 dizia: “Por outro lado, existem Grupos de **propósitos especiais** – para homens, mulheres, homossexuais, jovens, médicos, padres, surdos etc., que realizam reuniões dedicadas exclusivamente à recuperação do alcoolismo, conforme o programa de A.A. propõe”.

Obs.: Note-se que a descrição desses Grupos ainda se manteve no Brasil como sendo de “*propósitos especiais*” e não seguindo a recomendação da C.S.G EUA/Canadá de 1977 (ver acima) que os nomeava “*composição especial*”. Atualmente denominam-se “*Grupos especializados*”.

Entretanto, a Comissão de Normas e Procedimentos da XIX Conferência de Serviços Gerais realizada em Santos-SP, entre os dias 12 e 16 de abril de 1995, aprovou a seguinte Recomendação (os grifos são do transcritor):

“*Que as Reuniões de 'Propósitos Especiais' continuem como tal, isto é, não podendo transformar-se em Grupos e sejam incentivadas e apoiadas pelos Grupos e Órgãos de Serviço Estaduais e Locais, a fim de se garantir o pleno acesso ao nosso 'Programa de Recuperação', às mulheres, jovens, homossexuais e outros segmentos vítimas de discriminação pela sociedade. (Aprovada por unanimidade)*”.

Após uma revisão feita em **2005**, este mesmo livreto foi publicado pela Junaab e em sua página 17 continuava mantendo o texto original aprovado pela Conferência sênior, cuja imagem aparece à direita.

No entanto, dois anos depois desta revisão, a Comissão de Literatura da XXXI Conferência de Serviços Gerais, realizada em São Paulo – SP em **2007**, aprovou a seguinte recomendação:

“*Que o Comitê de Literatura da JUNAAB, na próxima edição do livreto 'O Grupo de A.A.' suprima o 2º parágrafo da página 17 e inclua o seguinte texto: 'Alguns Grupos realizam reuniões de propósitos especiais', (maioria absoluta)*”.

Já, a Comissão de Literatura da XXXVI Conferência de Serviços Gerais, realizada em Serra Negra – SP em **2012** aprovou a seguinte recomendação:

“*Que seja encaminhado, com as devidas adaptações (1) para tradução e edição, o livreto 'O Grupo de A.A.' a partir da última edição da estrutura EUA/Canadá. Aprovada por maioria absoluta*”.

N.T. (1): Após a publicação do livreto, a Junaab emitiu um comunicado relacionando nove “*adaptações*”, sendo uma inclusão e oito exclusões, entre elas a primeira que aparece na imagem acima.

Assim, em **07-2012** a Junaab publicou este folheto traduzido do seu original em inglês – *The A.A. Group... Were it begins*, revisado em **2006**, propriedade do **A.A.W.S**, Sua reprodução foi parcial, uma vez que o terceiro parágrafo da página 12 como acima referido não foi reproduzido, embora na página 14 faça menção a reuniões especiais “... *que diferem do entendimento de um grupo*”. Junaab - código **205**.

Curiosamente, a mesma Comissão de Literatura na mesma Conferência, a de **2012**, também aprovou a seguinte Recomendação:

“*Que o Comitê de Literatura adote, na tradução de livros, livretos e folhetos o critério de fidelidade ao texto original. Aprovada por maioria absoluta*”.

➔ Alguns AAs reúnem-se como grupos de A.A. especializados – grupos masculinos, grupos para mulheres, grupos para jovens, grupos para médicos, grupos para homossexuais, e outros. Se seus participantes forem todos alcoólicos, e se abrirem suas portas para todos os alcoólicos que quiserem ajuda, independente de profissão, sexo ou outras distinções, e se atenderem todos os demais aspectos que definem um grupo de A.A., eles poderão denominar-se um grupo de A.A.

Os grupos de A.A. são referendados pelos Comitês de Área, após um ano de funcionamento experimental, recebendo apoio dos Escritórios de Serviços Locais (ESL).



Av. Senador Dória, 101 - 2.º - CJ. 206
CEP 01026-001 - São Paulo - SP
Caixa Postal 360 - CEP 01060-970
Telefone: (011) 3229-2611
www.alcoolicosnortinos.org.br

LIVRETO "O GRUPO DE A.A."

Com o objetivo de esclarecer a Irmandade sobre a tradução do livreto "O Grupo de A.A." em conformidade com a recomendação número 1. e 2. da Comissão de Literatura e Publicações, aprovadas por maioria absoluta, na XXXVI CSG/2012, pontuamos abaixo os textos que foram suprimidos/alterados da tradução original deste folheto:

1) O que é um grupo de A.A.?

(texto excluído da tradução original)

Alguns membros se se reúnem em grupos de A.A. específicos – para homens, mulheres, jovens, médicos, homossexuais e outros. Se os membros são todos alcoólicos e se abrem suas portas para outros alcoólicos que procuram por ajuda, independente de profissão, sexo ou outra distinção e reúnem todos os outros aspectos que definem um grupo de A.A., então podem denominar-se um grupo de A.A.

Refletindo sobre a exclusão e a omissão...

Ou: quando, em nome da hegemonia, negamos a outros alcoólicos o direito de criar seu próprio ambiente para a recuperação plena e harmoniosa por identificação – prerrogativa, esta, conferido pela Terceira Tradição (Grupos ou reuniões), independentemente de aceitar ou não as diferenças – naturais, transitórias, presumidas ou assumidas, que os tornam minoritários na Irmandade. Neste aspecto, a Conferência de 1977 – EUA/Canadá foi modelar ao colocar no seu devido lugar os limites acordados na Ata de Constituição da Conferência: uma Conferência não tem autoridade para recomendar alguma coisa diversa daquilo que as Tradições definiram como princípios, exceto quando tenham o apoio de ¾ do Grupos registrados no mundo todo. Assim, a Conferência nunca poderá definir como deverá ser a composição de um Grupo desde que seus membros sejam todos alcoólicos, não se neguem a receber outros alcoólicos que os procurem e cumpram com os demais requisitos de qualquer Grupo de A.A. A Terceira Tradição garante a todos os alcoólicos que queiram se recuperar através do programa de A.A. que, por quaisquer motivos - seja por falta de identificação de gênero, etnia, idade, etc., não sejam ou se sintam bem aceitos em qualquer Grupo, possam formar um Grupo que possibilite sua recuperação. Muitos membros, embora entendendo e aceitando a abrangência e plenitude desta Tradição, por comodismo, conformismo ou omissão, acabam permitindo que situações de exclusão continuem acontecendo e vozes recalcadas continuem falando mais alto sua pessoal interpretação desta Tradição que permitiu a mim, a você e até aos donos das próprias vozes contrárias nos recuperamos do alcoolismo já, de por si, humilhante.

Em uma situação histórica, em 1941, um Grupo de Los Angeles, na Califórnia, a diretoria (então tinha essa denominação) enviou uma notificação de expulsão do Grupo a uma mulher membro alegando haver um boato segundo o qual ela estaria indo para a cama com alguns companheiros do Grupo. A mulher, humilhada e sem ter outro Grupo aonde ir, cometeu suicídio jogando-se do alto do prédio onde morava. Até onde a história conta, com os alcoviteiros não aconteceu absolutamente nada (embora não conste da literatura regular de A.A., visite este episódio em => silkworth.net/aahistory/irmal1941.html).

Este fato chegou ao conhecimento do pessoal da Sede (era assim o nome do que atualmente se denomina Escritório de Serviços Gerais) da Irmandade em Nova York. Segundo historiadores de A.A., consta que esta experiência de exclusão somada a várias outras, estabeleceram as bases para a criação da Terceira Tradição e inspirou o texto “... *A experiência ensinou-nos, afinal, que privar o alcoólico de uma plena oportunidade equivale, por vezes, a pronunciar a sua sentença de morte e com frequência, condená-lo a um estado de interminável miséria. Quem se atreveria a ser o juiz, júri e carrasco do seu irmão doente?*” Está na página 127/3/2 do livro “*Os Doze Passos e a Doze tradições*” – Junaab, código 105.

Tanto dentro quanto fora da Irmandade, quando nos calamos, consentimos; mais tarde, podemos-nos arrepender e o que poderia ter sido feito, nunca mais será:

“Quando os nazistas levaram os comunistas, eu calei-me, porque, afinal, eu não era comunista.

Quando eles prenderam os socialdemocratas, eu calei-me, porque, afinal, eu não era socialdemocrata. Quando eles levaram os sindicalistas, eu não protestei, porque, afinal, eu não era sindicalista. Quando levaram os judeus, eu não protestei, porque, afinal, eu não era judeu. Quando eles me levaram, não havia mais quem protestasse”.

“E Não Sobrou Ninguém”

Friedrich Gustav Emil Martin Niemöller (1892-1984)

Quem pode e quem não pode ser membro de A.A.

Outros Problemas além do álcool => A terceira Tradição diz: “*Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber*”, e a Quinta Tradição diz: “*Cada Grupo é animado de um único propósito primordial: o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre*”.

Em fevereiro de **1958** Bill W. escreveu um artigo na Grapevine definindo como deveria ser a relação da Irmandade com as pessoas que a procuravam com outros problemas além do álcool. Deste artigo resultou o panfleto com o título “**Outros problemas além do álcool**”, que foi um orientador naquela época e continua atual em **2013**. Para ajudar a formar sua opinião leia-o na íntegra; está disponível, para Grupos e interessados, nos ESLs com o código **220**. O que segue é apenas uma síntese desse panfleto (**1**):

“Tal vez não exista sofrimento maior que a drogadicção, sobretudo aquele produzido pela heroína, a morfina e outros narcóticos. Estas drogas perturbam a mente do adicto e sua carência atormenta de maneira atroz seu corpo.

Em A.A. temos membros que experimentaram grandes recuperações, tanto da garrafa quanto da agulha. Também temos membros que foram – e ainda o são, vítimas da dependência de pílula, narcóticos e até tranquilizantes.

Portanto, o problema da drogadicção diz respeito a todos nos. Muitos AAs, particularmente aqueles que sofreram com a adicção, agora se perguntam: ‘O que podemos fazer a respeito do problema das drogas, dentro e fora da Irmandade?’.

Devido ao fato de já existirem vários projetos para ajudar os usuários de drogas que fazem uso dos Doze Passos e nos quais também trabalham membros de A.A., surgiram várias perguntas a respeito de como estes esforços bem sucedidos podem ser relacionados com os Grupos de A.A. e com a Irmandade em seu conjunto.

(Na sequência, o transcritor acrescentou as respostas e algumas considerações de **escolha pessoal** contidas ao longo do panfleto, diretamente às perguntas surgidas. Para fazer uma melhor avaliação acompanhe as considerações em seu próprio panfleto):

1. Pode um não alcoólico dependente de fármacos ou outras drogas tornar-se um membro de A.A.? => Não.

- ✓ *A abstinência ao álcool através da prática dos Doze Passos é o único propósito de um Grupo de A.A.*
- ✓ *A experiência com o álcool é a única coisa que todos os membros de A.A. têm em comum.*
- ✓ *Temos que limitar os membros da Irmandade aos alcoólicos e nossos Grupos a um único propósito, que é o de levar a mensagem a outros alcoólicos. Se não nos agarrarmos a estes princípios fracassaremos, e se fracassarmos não poderemos ajudar ninguém.*
- ✓ *Temos que reconhecer o fato de que nenhum indivíduo não alcoólico, seja qual for sua aflicção, poderá algum dia converter-se em um membro de A.A.*

2. Pode tal pessoa ser levada, como visitante, a uma reunião aberta de A.A. para ajuda e estímulo? => Sim

- ✓ *Embora não possam ser membros da Irmandade, os adictos não alcoólicos como qualquer outra pessoa não alcoólica, poderão assistir às reuniões abertas desde que os Grupos consintam.*
- 3. Pode alguém que toma fármacos ou drogas, e também ter um histórico alcoólico, tornar-se um membro de A.A.? => Sim**
- ✓ *Muitos dos primeiros membros de A.A. tiveram a impressão quase cômica de que eram alcoólicos puros sem qualquer outro problema grave. Com aparecimento dos primeiros presidiários e drogadictos esse conceito felizmente mudou.*
 - ✓ *Qualquer pessoa com qualquer dependência ou problema pode ser convidada a tornar-se membro de A.A. desde que uma de suas dependências ou problema for o álcool.*
- 4. Podem os AAs que sofrem de alcoolismo e de outra dependência formar eles mesmos “grupos de propósitos especiais” para ajudar outros AAs que estão tendo problemas com drogas? => Sim**
- ✓ *Embora isto diga respeito unicamente à vontade do indivíduo e não do Grupo ou da Irmandade, estes membros deveriam ser incentivados a desenvolver esse trabalho.*
- 5. Poderiam tais “grupos de propósitos especiais” denominarem-se um Grupo de A.A.? => Não**
- ✓ *Os grupos criados por membros de A.A. para outros fins que não o único propósito da procura da abstinência ao álcool através da prática dos Doze Passos, não poderão denominar-se Grupos de A.A. nem incluir o nome de A.A.*
 - ✓ *A título de exemplo, o primeiro grupo de propósitos especiais surgido na Irmandade foi a Fundação do Alcoólico criada em 1938 por alcoólicos e não alcoólicos predecessora da atual Junta de Custódios. Mesmo sendo um órgão de serviço, é o único grupo não AA que usa o nome de A.A. (JUNAAB)*
- 6. Poderia também tal grupo incluir não alcoólicos que usam drogas? => Sim**
- ✓ *Entretanto, a aceitação ou não é de competência exclusiva desse grupo.*
- 7. Se puder, deverão esses não alcoólicos que usam fármacos ou drogas se considerarem membros de A.A.? => Não**
- ✓ *Não deverá fazer-se crer aos não alcoólicos que participam destes grupos que são membros da Irmandade.*
- 8. Há qualquer objeção se AAs com dependências cruzadas juntarem-se a outras Irmandades, tais como Narcóticos Anônimos? => Não**
- ✓ *Foram membros de A.A. com outros problemas e dependências além do álcool que formaram e ajudaram a consolidar outras Irmandades paralelas, particularmente as duas mais conhecidas, Narcóticos Anônimos (NA), em 1953 e Neuróticos Anônimos (N/A) em 1964.*
 - ✓ *Qualquer AA interessado tem bons motivos para se juntar a essas ou outras irmandades sempre que considere que poderá ajudá-lo a resolver seus outros problemas e com isso também ajudar outras pessoas.*

Em A.A. existem algumas poucas restrições ao que os Grupos podem fazer, e quase nenhuma ao que seus membros podem fazer. Se o membro lembra-se de preservar as Tradições e do não envolvimento com assuntos alheios à Irmandade, poderá levar a mensagem de A.A. a qualquer área conturbada deste mundo turbulento”.

Veja também um artigo da Junaab em:

<http://www.aacarmosion.com/2011/08/questao-sobre-aa-e-outras-drogas.html>

N.T. (1): Veja este artigo também nas páginas 261 a 266 do livro “*A Linguagem do Coração*”, - Junaab, código **104**.

Consciência Coletiva Esclarecida

Box 4-5-9, Out. Nov. 1984 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov83.pdf

Titulo original: “*¿Qué es una Conciencia de Grupo Bien Informada?*”

- Quando A.A. tinha apenas dois anos de existência e Bill W. estava quebrado, um amigo, com boas intenções, ofereceu-lhe um posto tentador como terapeuta leigo, com seu próprio consultório, uma conta corrente à vista no banco e uma generosa parte nos benefícios. Entusiasmado, Bill foi para a sua casa; era noite de reunião no salão de baixo e Bill diz “*Apresei-me a contar-lhes a história da oportunidade que se apresentava a mim*”. Mas, os demais membros resistiram a que seu cofundador se convertesse num AA profissional, e Bill não o fez. Foi exercida a consciência de Grupo.
- Quando seu Grupo elege um coordenador, e não escolhe Joaquim L., um veterano popular que já desempenhou bem essa função, favorecendo Rosa N., sem tanta graça talvez, mas uma mulher de confiança é exercida a consciência de Grupo.
- Talvez os membros do seu Grupo não possam decidir se deve ou não mudar o formato de uma reunião ou pagar cotas ao clube onde se reúne para celebrar seus aniversários. Ninguém tem razão necessariamente. Mas quando a questão é colocada para discussão e votação é provável que a consciência de Grupo vá prevalecer.

Embora nem sempre compreendida, a consciência de Grupo, como definida na Segunda Tradição, é, entretanto, um conceito básico e poderoso que possibilita que indivíduos de procedência e temperamento diversos possam ir além das suas ambições pessoais e se unirem num objetivo comum: manterem-se sóbrios e ajudar o alcoólico que ainda sofre a alcançar a sobriedade.

Não era fácil consegui-lo. Como Bill W. contou: “*Poucos obstáculos foram mais difíceis de eliminar do que aqueles que fecharam o passo à ideia de que a consciência de Grupo de A.A. deve ser a única e última autoridade nos nossos assuntos*”.

No decorrer dos anos, a experiência, o trabalho por tentativas, demonstrou que os Grupos de A.A. não quiseram que os diretores dos assuntos que se referem aos seus princípios e ao serviço, fossem escolhidos por outros; queriam dirigir seus assuntos por si próprios. Ademais, ficou claro que eles podiam realizar este desejo de uma maneira muito eficaz. Como disse Bill: “*A consciência de Grupo adequadamente esclarecida sobre os fatos, os problemas e os princípios em questão, frequentemente era mais assertiva que qualquer líder nomeado por ele mesmo ou pelos outros*”.

Na maioria dos casos não é tão fácil chegar à consciência de Grupo. Recentemente, Lawrence H., de Ormnocto, NB, Canadá, formulou este problema ao Escritório de Serviços Gerais – ESG: “*Numa reunião de eleição da nossa Assembleia de Área, alguns membros que haviam servido como MCD’s faz uns dez anos, deixaram que seus nomes ficassem incluídos entre os candidatos para Delegado, inclusive depois de um discussão que durou uma hora. O problema é que o atual ‘Manual de Serviço de A.A.’ diz: ‘Podem-se candidatar os membros do Comitê atuais ou antigos’. Anteriormente dizia ‘... podem ser membros do Comitê em exercício, ou que se demitem ou ambas as coisas’*”.

Na resposta, o ESG assinalou que *“o Manual de Serviço não é um conjunto de leis inflexíveis, mas, apenas uma compilação de sugestões que podem ser utilizadas da maneira que se deseje para estabelecer guias para a elegibilidade de candidatos a qualquer encargo”*.

Continuando, o ESG ofereceu outras sugestões: *“Estas decisões devem ser tomadas e submetidas a votação antes das eleições. Se, por exemplo, sua Área decide que os MCD’s que exerceram o encargo há muitos anos atrás não são elegíveis, esta decisão deve ser tomada em uma reunião de assembleia amplamente divulgada antes da eleição. Quando estas questões são submetidas a votação, os membros deverão ouvir as razões de ambas as partes e ter a oportunidade de manifestar suas preocupações. A Quarta Garantia do Decimo Segundo Conceito, recomenda ‘que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade’”*. Em outras palavras, a responsabilidade de tomar a decisão foi devolvida a quem pertencia – à consciência de Grupo esclarecida da Área de New Brunswik (NB).

Dutch O., de Fort Lupton, Colorado, apresenta uma questão relacionada com o assunto: *“Quando é o momento apropriado para buscar a consciência de Grupo? Com quanto tempo de antecedência deve ser avisada a reunião para discutir a questão antes de agir sobre ela? E, quantos membros deverão estar presentes para que se possa começar a trata-la?”*.

Respondendo a estas perguntas, o ESG sugeriu que seria apropriado buscar a consciência de Grupo quando houver um problema que devesse ser submetido a votação. A frase *“consciência de Grupo esclarecida”*, geralmente significa que todas as informações necessárias foram estudadas e todos os pontos de vista foram expressados antes que o Grupo vote.

As experiências de Grupo compartilhadas com o ESG, indicam que é uma boa ideia que sejam notificado todos os membros do Grupo que possam fazer parte com uma boa antecedência; geralmente duas semanas é o suficiente. Alguns Grupos dizem que dois terços dos membros deverão estar presente, mas nem sempre é possível reunir tantas pessoas. Cada Grupo baseando-se na sua própria experiência estabelece suas próprias regras com relação à proporção necessária de votos, mas, sempre com o objetivo de alcançar uma *“substancial unanimidade”*.

Como escreveu Bill em relação à Quarta Garantia: *“Quando uma decisão que foi tomada por substancial unanimidade resulta equivocada, não pode haver recriminações acaloradas. Todos poderão dizer: ‘Bom, debatemos a questão, tomamos a decisão, mas resultou ser uma decisão ruim. Que tenhamos mais sorte a próxima vez!’”*.

Onde se origina a consciência de Grupo Esclarecida

Box 4-5-9, Abr. Mai./1984 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may84.pdf

Titulo original: *“Donde se Origina em Realidad la Conciencia de Grupo Informada”*

“Lembro que certa vez, quando eu era ainda principiante e crítico, disse a um veterano que o Grupo estava louco. Disse-me que fosse para um canto da sala e fala-se aquilo para mim mesmo. Ainda demorou muito tempo para perceber que naquele momento começava a entender que uma consciência de Grupo esclarecida inicia-se no próprio indivíduo”.

Assim iniciou David L., um Delegado do Novo México, uma discussão sobre *“A importância de uma consciência de Grupo esclarecida”*, o tema de apresentação no Fórum Regional do Sudeste, em Denver, Colorado, em dezembro passado.

Fazendo observar que *“esclarecer”* significa *“instruir”*, ou *“guiar”* ou *“iluminar”*; David disse que o conceito oposto é *“ocultar”*. *“Enquanto à minha própria conduta, embora nunca oculte*

alguma coisa a nenhum principiante intencionalmente, faço o mesmo deixando que o principiante divague, adiando discussões sobre a necessidade de ter um Grupo base ou de assisti uma reunião de consciência de Grupo. Irrito-me quando este mesmo principiante - sem consultar a consciência do Grupo, pinta a sala de reunião de roxo. A verdadeira bobagem é que se pintasse a sala de branco ou azul ou outra cor do meu agrado, e possível que eu não disse-se nada a respeito da consciência de Grupo. Assim, que o processo da consciência de Grupo esclarecida, comece com a intenção de cada pessoas estar o melhor informada possível; somente desta maneira, eu posso conceder este privilégio ao principiante. De acordo com a minha experiência, A.A. raramente tem problemas que não sejam procedentes de uma consciência de Grupo não esclarecida, por exemplo, não contribuir com os órgão de serviço; ou ter caciques ao invés de servidores de Grupo”.

Para que a consciência de Grupo se mantenha verdadeiramente esclarecida, David oferece as seguintes sugestões:

- 1. Como indivíduos devemos nos assegurar de estar bem informados a respeito do modo de vida de A.A., ler sua literatura e nos dispor a compartilhar com os principiantes.** *“Temos que estar bem informados sobre as nossas Doze Tradições: o futuro da Irmandade depende da nossa compreensão das mesmas. Considere o que aconteceu com os Washingtonianos (um movimento de esforço pessoal muito promissor, que existiu entre os alcoólicos na década de 1840). Se houvessem tido nossas Tradições, esta sociedade ainda estaria viva e com boa saúde”.*
- 2. Devemos conhecer e participar da nossa estrutura de serviço.** *“Em A.A. me ensinaram a acreditar que o serviço é ‘dar para ter’, aquele velho paradoxo de A.A. que se manifesta nas diversas atividades, desde arrumar a sala ou fazer visitas de Décimo Segundo Passo, até se assegurar de que a mensagem seja levada aos presídios e hospitais. Não posso separar a recuperação do serviço”.*
- 3. Compreender a necessidade de celebrar reuniões de consciência de Grupo.** *“Não estou dizendo reuniões às quais comparecem dois ou três veteranos membros do Comitê de Serviços, que tomam todas as decisões pelo Grupo. Quero dizer uma reunião separada, planejada para tomar a consciência de Grupo referente a assuntos que afetam o Grupo ou A.A. na sua totalidade. Se um par de veteranos faz tudo, como podemos dizer aos principiantes que não temos um sistema de hierarquia em A.A.?”.*
- 4. Ter consciência de que realmente há líderes em A.A. – servidores fieis que não mandam, como se explica em nossas Tradições e com mais detalhe no “Manual de Serviço de A.A.”.** *“Tomei conhecimento de que é possível que eu não seja bom para o meu Grupo; é possível que eu tente satisfazer minhas próprias necessidades egoístas. Ou posso me entregar ao Grupo com vontade de servir. Por outro lado, um Grupo também pode não ser bom para mim. Certa vez um padrinho me disse: ‘David, se o seu Grupo permite que você vire um ‘peixe gordo’, o Grupo não é apropriado para você’. Ele tinha razão”.*

Concluindo, David L. falou de sua crença de que, *“defrontar-se com a consciência de Grupo se torna mais fácil se confiarmos na Oração da Serenidade. A serenidade a coragem e a sabedoria foram sempre essenciais. Conforta-me saber que nosso Poder Superior, ou Deus como eu quero chama-lo, na realidade se manifesta em nossa consciência de Grupo. Quero que A.A. sobreviva para mim, para meu filho e para os membros futuros que ainda não viram a luz; e isto exige que eu me torne responsável. Deus cuidará de nós”.*

Na “*anarquia benigna*” de A.A., a consciência de Grupo esclarecida é a última autoridade.

Box 4-5-9, Fev. Mar. 1989 (pág. 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar89.pdf
Título original: “*En la ‘anarquía benigna’ de A.A. la conciencia de grupo informada es nuestra última autoridad*”

Ao cofundador Bill W., comparar A.A. com uma “*anarquia benigna*”, com razão, A.A. é um movimento espiritual e, como diz claramente a Segunda Tradição, nossa última autoridade “*é um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva*”.

Mas, o que é exatamente a consciência de Grupo? No que se diferencia de uma opinião de Grupo ou de uma votação majoritária? E, qual é a melhor maneira de alcançá-la?

De maneira geral tem-se entendido que a consciência de Grupo busca a unanimidade através do esclarecimento espiritual e o apego aos nossos Passos Tradições e conceitos. Ao tratar assuntos delicados, o Grupo trabalha lentamente – evitando apresentar moções (*) formais até que apareça uma definição clara do ponto de vista coletivo. Antepondo os princípios às personalidades, o Grupo se previne contra as opiniões dominantes. Ouve-se a sua voz quando o Grupo bem informado chega a uma decisão. O resultado dessa decisão está fundamentado em algo mais que uma simples contagem de votos “*sim*” ou “*não*” – precisamente porque é a manifestação espiritual da consciência do Grupo.

O falecido Dean K., que serviu um período como delegado do interior da Califórnia e depois como diretor do Escritório Central de Seattle, disse que há duas maneiras de chegar à consciência de Grupo. “*A maneira competitiva permite a quem tem a voz mais alta promover sua ideia, pedir votos e chegar a uma decisão ‘majoritária’.* Isto não é a consciência de Grupo esclarecida. A forma cooperativa permite ao Grupo reunir-se com confiança mútua para tomar uma decisão de Grupo que não é a vitória pessoal de um único indivíduo”.

A fórmula de Dean para uma consciência de Grupo cooperativa e esclarecida requer que se apresentem os fatos desde todos os ângulos ao tratar de qualquer questão. Enfatizadamente, Dean disse: “*Não se abre à discussão geral. Isso permitiria aos membros mais barulhentos dominar o debate. Sugere-se que o coordenador peça a cada membro dar sua opinião durante um tempo de dois minutos. Ninguém deveria ter uma segunda oportunidade de falar até que todos tenham falado; assim, inclusive o membro mais calado terá a mesma oportunidade de se manifestar. O coordenador não dá sua opinião até que todos demais tenham manifestado a sua.*”

É importante ouvir sempre a voz da minoria; entretanto, é preciso ter em mente o fato de que a voz minoritária, embora às vezes tenha razão, pode frequentemente não tê-la. A não ser que seja muito convincente, deveria ser considerada como o que é – ou seja, uma voz minoritária. Permitir que a minoria sempre influenciasse a maioria é permitir que o rabo mova o cachorro”.

Para além do nível de Grupo, A conferência de Serviços Gerais de A.A. tem a responsabilidade de atuar como a consciência de Grupo coletiva da Irmandade. A Conferência, a entidade de A.A. mais parecida com a voz coletiva, produz opiniões a respeito de assuntos importantes de política que podem afetar A.A. na sua totalidade; aprova a seleção de alguns dos candidatos à Junta de Serviços Gerais e elege outros. Entretanto, nem a Conferência nem a Junta podem dar ordens a nenhum Grupo ou membro de A.A.

Nem sempre bem compreendido como conceito, a consciência de Grupo esclarecida, tal como está expressada na Segunda Tradição, é uma poderosa ideia espiritual que torna possível a indivíduos dos mais diversos temperamentos e procedência, superar a ambição pessoal e unir-se para realizar

nosso propósito comum: mantermo-nos sóbrios e estender a mão de A.A. ao alcoólico que ainda sofre.

(*) **N.T.: Moção** => Do inglês e do francês *motion*. Proposta. Proposta, em uma assembleia, acerca do estudo de uma questão, ou relativa a qualquer incidente que surja nesta assembleia.

Moção em A.A.: Ocorre nas assembleias e nas tomadas de consciência dos Grupos quando um membro apresenta uma proposta (*moção*), normalmente divergente, como alternativa àquela que está em pauta ou sendo votada. Também pode ser uma proposta complementar. A proposta é aprovada se conseguir a aprovação de dois terços dos presentes, seja através de votação secreta ou de mãos levantadas.

Ninguém pode ser excluído de A.A.

“Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.”

“Você será um membro de Alcoólicos Anônimos se assim o quiser. Você pode declarar-se dentro da Irmandade; ninguém poderá mantê-lo de fora. Quem quer que você seja, por mais baixo que tenha chegado, por mais graves que sejam as suas complicações emocionais – até mesmo os seus crimes – não poderemos negar-lhe A.A. Não queremos que fique de fora. Não tememos nem um pouco que você nos faça mal, por mais perverso e violento que você seja. Queremos apenas ter certeza de que você terá a mesma oportunidade de chegar à sobriedade que nós tivemos. De modo que você será um membro de Alcoólicos Anônimos no instante em que assim se declarar.

...A experiência ensinou-nos afinal que privar o alcoólico de uma plena oportunidade equivale por vezes a pronunciar a sua sentença de morte e, amiúde, a condená-lo a um estado de interminável miséria. Quem se atreveria a arvorar-se em juiz, júri e carrasco do seu irmão doente?”

“Doze Passos e Doze Tradições” página 125 em diante.

Sobriedade em A.A.

<http://anonpress.org/faq>

Pergunta: Um membro de A.A. poderá dizer que está sóbrio se toma pílulas a base de *efedrina* para manter o peso? Se não, qual a diferença entre controlar o peso e perseverar no tabagismo?

Resposta: A.A. lida unicamente com a abstinência ao álcool e qualquer membro de A.A. que não tenha ingerido bebida alcoólica poderá dizer que está sóbrio.

Chegar a uma definição de sobriedade com a qual todos os membros de A.A. concordem seria impossível; por isso, em A.A., quando se fala em sobriedade é feito no contexto do álcool porque essa é a única coisa que todos temos em comum.

Além de não beber, fica tão complicado definir o que seria “*sobriedade*”, que, em termos práticos, normalmente é o indivíduo quem a define para si próprio.

Para alguns, *sobriedade* é simplesmente não ingerir álcool. Outros pensam não estar sóbrios se usarem algum tipo de droga. Ainda outros dirão que a falta de sobriedade refere-se unicamente ao uso de drogas ilícitas ou medicamentos não prescritos. Mais alguns dirão que a sobriedade está na abstinência de qualquer *substância que altere o comportamento*.

Um membro de A.A. que tome narcóticos prescritos para aliviar uma dor severa pode considerar-se “sóbrio”; mas alguém poderá achar que tomando essa mesma droga para o mesmo fim, por conta própria, terá quebrado a sobriedade.

Algumas pessoas acham que qualquer comportamento *viciante* destrói sua sobriedade, como poderia ser o caso de um alcoólico que também é jogador compulsivo. O jogador poderá considerar sua sobriedade perdida se comprar um bilhete de loteria, enquanto que para a maioria das pessoas em A.A., a compra de um bilhete de loteria não representa absolutamente qualquer perigo à sua sobriedade.

Uma pessoa pode pensar que está mantendo a sobriedade enquanto fuma um cigarro de maconha prescrito legalmente por um médico, mas não sóbria se não houver uma razão médica legítima para fumar.

Muitas pessoas geralmente tomam drogas como nicotina e cafeína em reuniões de A.A. Mesmo sabendo que o tabagismo, além de levar à morte prematura (vale dizer que o tabagismo, hoje [2012] mata mais que a soma das mortes por AIDS, cocaína, heroína, álcool, suicídios e acidentes de trânsito), também é extremamente prejudicial à saúde das pessoas que estão ao redor do fumante, e que a cafeína é um estimulante, os usuários de nicotina e cafeína não consideram que sua sobriedade está sendo afetada pelo uso dessas drogas. Muito pelo contrário: até pouquíssimo tempo atrás, salas de reunião de A.A. altamente poluídas pela fumaça de tabaco e servidores destacados para arrumar e limpar os cinzeiros eram quase um pré-requisito para o funcionamento de um Grupo de A.A. Em boa parte dos Grupos esta prática teve que ser abandonada e, curiosamente, não por consenso ou manifestação da consciência coletiva, mas por imposição legal (no Estado de São Paulo, a Lei nº 13.541/09 que entrou em vigor no dia 7 de agosto de 2009). Quanto à cafeína (altas doses de cafeína excitam demasiadamente o sistema nervoso central, inclusive os reflexos medulares, podendo ser letal), continua a ser a substância de conagração mais utilizada durante as reuniões de A.A. no mundo todo.

“*Sobriedade emocional*” é um termo muito ouvido em reuniões de A.A. Algumas pessoas incluem o controle sobre seus comportamentos compulsivos por compras ou sexo como algo necessário à sua sobriedade. Para outras, isso não faz a menor diferença.

Assuntos como pílulas dietéticas – com ou sem *efedrina*, complicam mais o assunto. Por isso a definição do que é sobriedade além da abstinência do álcool, deve ficar por conta de cada um. Para os recém chegados, o padrinho/madrinha, inventário pessoal, meditação e oração poderão ser úteis para chegar a sua própria definição de sobriedade.

O Capítulo V, Como Funciona, do Livro Azul, tem uma discussão a respeito de como lidar com outros problemas além do álcool, como o sexo, por exemplo. Parte do conselho é: “*Em outras palavras, tratamos o sexo como trataríamos qualquer outro problema. Ao meditar, perguntamos a Deus o que deveríamos fazer a respeito de cada questão específica. A resposta certa virá, se a desejarmos*”.

Sendo esta uma seção que parte da perspectiva de A.A., deixamos a resposta por isto mesmo: nós não sabemos o que *sobriedade* pode significar em outras associações ou irmandades nem para pessoas que tenham outros problemas além do álcool.

Na literatura distribuída pela Junaab encontra-se uma definição feita por Bill W. em um artigo publicado pela Grapevine em fevereiro de 1958 chamado “*Outros Problemas Além do Álcool*”, onde diz: “*Sobriedade – libertação do álcool – através da do aprendizado e da prática dos Doze Passos é*

o único propósito de uma Grupo de A.A.”. Esta definição está reproduzida no folheto “*Outros Problemas Além do Álcool*” – Junaab, código 220, no 5º parágrafo da segunda coluna. No livro “*A Linguagem do Coração*” – Junaab, código 104, aparece no 2º parágrafo da página 263, desta maneira: “*A sobriedade – estar livre do álcool por meio do ensinamento e da prática dos Doze Passos é o único propósito de um Grupo de A.A.*”.

Outra definição bastante difundida: “*Sobriedade em A.A. é um alcoólico se abster do álcool sem sofrer por causa disso*”.

Despertar Espiritual ou, Experiência Espiritual

<http://anonpress.org/faq>

Na Irmandade de A.A., os termos “*despertar espiritual*” e “*experiência espiritual*” tornaram-se sinônimos. Na primeira edição do Livro Azul, em 1939, usou “*experiência espiritual*” no Décimo Segundo Passo; edições posteriores alteraram o termo para “*despertar espiritual*”. Na história de Bill W., sua experiência espiritual é descrita na página 14 do capítulo 1 do Livro Azul. Uma explicação mais detalhada pode ser encontrada onde o Dr. Jung cuidadosamente descreveu o conceito de Rowland H. na página 27 no capítulo 2 - *Há uma solução*.

Por causa da confusão a respeito do significado dos termos, na segunda edição do Livro Azul, em 1955, foi acrescentado o Apêndice II que começa assim (página 210, 4ª edição): “*Os termos ‘Experiência Espiritual’ e ‘Despertar Espiritual’ são usados muitas vezes neste livro, demonstrando, através de uma leitura cuidadosa, que a mudança de personalidade suficiente para efetuar a recuperação de alcoolismo manifesta-se de muitas formas diferentes*”. E explica que uma “*experiência espiritual*” é uma transformação relativamente repentina, que pode durar apenas alguns minutos ou talvez algumas horas, enquanto um “*despertar espiritual*” é uma transformação gradual que pode levar dias, semanas, meses ou até mais; aquilo que William James descreveu como uma experiência da “*variedade educacional*”.

Em seus escritos, Bill W., explicou a diferença, observando que mesmo entre os membros de A.A. que realizam todos os exercícios espirituais como descrito nos Doze Passos, “*experiências espirituais*” como a sua são muito menos comuns do que o descrito como “*despertar espiritual*”.

Para entender melhor:

No Livro Azul, 4ª Edição, na página 44/3/3 descreve o que Bill W., chamou de “*experiência espiritual*”, ao relatar o ocorrido na sua quarta e última internação no Hospital Towns: “*... Houve uma sensação de vitória, seguida de uma paz e serenidade que eu nunca conhecera. Havia uma confiança ilimitada. Eu me sentia revigorado, como se uma lufada de ar puro soprasse do alto da montanha. Deus se aproxima pouco a pouco da maioria dos homens, mas Seu impacto em mim havia sido repentino e profundo*”. A partir daquela situação, Bill W., afirma ter-se libertado da obsessão pela bebida.

Já, para o Dr. Bob parece não ter sido tão fácil assim; com ele teria acontecido o que neste texto é identificado como “*despertar espiritual*” quando relata na página 202/2/1: “*Ao contrário da maioria das pessoas em nosso Grupo, não superei minha compulsão pela bebida durante os primeiros dois anos e meio de abstinência... Eu costumava ficar terrivelmente perturbado quando via meus amigos bebendo e eu sabia que não podia, mas me acostumei a acreditar que, embora tivesse tido o mesmo privilégio, abusei dele a tal ponto que o perdi...*”.

Recuperado ou em Recuperação?

Alcoólico/a recuperado/a ou em recuperação? (em A.A.) => Do Box 4-5-9, Abr. Mai. / 1993, (pág. 4-5) Título original: “¿Cual es la mejor forma de decir ‘Estoy sobrio hoy’?

“Meu nome é Mark P. e sou alcoólico. No Livro Grande (nosso Livro Azul no Brasil), e em outra literatura de A.A., vejo a palavra ‘recuperado’ porém, em algumas reuniões ouço dizer que isso não existe, que o correto é dizer somente ‘em recuperação’. Digam-me por favor, qual é a forma correta?”.

Na sua resposta a Mark, que mora em Persing, Indiana, e em todas as outras dirigidas aos AAs, desde a Escócia até a África do Sul, os membros do pessoal do Escritório de Serviços Gerais – ESG, fazem notar que os pioneiros de A.A. frequentemente utilizavam a palavra “*recuperado*”, e outros termos também, como, “*endireitado*”, “*libertado*”, “*mantendo a sobriedade*”, para citar alguns. Ao ver seu genro (*Ernie G.*), sofrer uma recaída após outra, o Dr. Bob cortesmente comentou que nunca tinha “*coalhado*”.

Naqueles primeiros tempos, quando aqueles que alcançavam seis meses de sobriedade já eram considerados veteranos, os membros estavam por demais ocupados tratando de se aferrar à sua sobriedade e não se preocupavam muito com a forma adequada para descrever esse estado feliz. Entretanto, na medida em que a Irmandade foi-se desenvolvendo, muitos membros dizem que são alcoólicos “*recuperados*”, enquanto outros preferem dizer que estão “*em recuperação*” querendo significar que se estão mantendo sóbrios e “*vivendo um dia de cada vez*”.

Como Bill W. diz na página 113/3/3, do Livro Azul ... “*Não estamos curados do alcoolismo. O que temos, na verdade, é um alívio diário, que depende da manutenção de nosso estado espiritual...*”. E na carta escrita em 1948 (Na opinião de Bill, pg. 16 –Junaab, código 112), disse: “*A maioria dos membros sente-se mais segura seguindo o plano de 24 horas que com a resolução de não voltar a beber nunca mais. A maioria já quebrou resoluções demais. Na realidade é uma questão de orientação pessoal: cada membro tem o privilégio de interpretar o programa da maneira que melhor lhe aprouver*”.

Ao se comunicar com os profissionais do campo do alcoolismo e com outros alheios à Irmandade, de maneira geral e para evitar confusões, o Escritório de Serviços Gerais utiliza a palavra “*recuperado*”. Se assim não o fizesse, estas pessoas infalivelmente nos iriam perguntar: “*O que vocês quem dizer com a expressão ‘em recuperação’, se já faz seis anos que José não toma um trago, porque continua se esforçando para alcançar a sobriedade?*”.

Entretanto, não há regras. Independentemente da forma com que apareça, como substantivo, verbo, adjetivo ou gerúndio, o essencial da recuperação em A.A. unicamente tem a ver como cada um leva a termo o nosso objetivo primordial – “*mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade*”. Como diz um membro, meio de brincadeira, “*Pode-me chamar de ‘bêbado sóbrio’, ‘alcoólico em recuperação’, ou simplesmente ‘seco’, apenas não me chame tarde para ir à reunião de A.A.; o demais é espuma de batido*”. <= **Fim da transcrição.**

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may93.pdf

Ampliando a informação:

Extraído do sítio de pesquisas sobre A.A. => <http://anonpress.org/faq>

Pergunta: *De acordo com o Livro Azul, quando alguém poderá considerar que está recuperado?*

Resposta: Na Irmandade parece haver duas correntes de pensamento em relação a este assunto e elas remontam até mesmo ao tempo em que o livro foi escrito; tornam-se

evidentes e aparentemente contraditórias no texto ao afirmar que há, sim, recuperação, mas não cura.

Alguns são da opinião de que nunca haverá recuperação se for considerado o texto do Livro Azul (4ª Edição), na página 113/3/3,... *“Não estamos curados do alcoolismo. O que temos, na verdade, é um alívio diário, que depende da manutenção de nosso estado espiritual...”*.

Enquanto isso, a palavra *“recuperado/s”* aparece no subtítulo do Livro Azul, cujo título completo é, *“Alcoólicos Anônimos – A história de como milhares de homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo”*, e repetida, em seu significado literal, por volta de 50 vezes ao longo dos onze primeiros capítulos e apêndices.

Provenientes do pressuposto de que a recuperação é possível, seguem alguns tópicos que poderão sinalizar sua efetivação:

- a) O obvio, a partir do contexto, é quando se obtém a *“libertação da obsessão por beber”*, página 13/3/4 do Livro Azul e/ou,
 - b) Quando se experimenta uma *“radical mudança psíquica”* segundo o Dr. Silkworth em *“A opinião do médico”*, página 27/1/15 do Livro Azul, e/ou,
 - c) Quando se experimenta uma *“experiência espiritual vital”* como descrito por Karl Jung na página 57/3/3, capítulo 2 – *Há uma solução*, e/ou,
 - d) Quando alguém experimenta o fenômeno psíquico conhecido como *“as promessas do Passo Nove”*, na página 112/2/1, capítulo 6 – *“Entrando em ação”* do Livro Azul e/ou,
 - e) Quando se experimenta uma *“mudança de personalidade necessária para efetuar a recuperação de alcoolismo...”*, como descrito na página 210/1/3, Apêndice II – *A experiência espiritual* do Livro Azul. Aqui, o Dr. Jung explica que uma *“experiência espiritual”* é uma transformação súbita, que pode durar apenas alguns minutos ou talvez algumas horas, enquanto um *“despertar espiritual”* é uma transformação gradual que pode levar dias, semanas, meses ou até mais.
- 1) O *website* da Estrutura Mexicana de A.A. <http://www.aamexico.org.mx/Estoes.html>, (a segunda estrutura de A.A. no mundo, com mais de 14.000 Grupos), define assim a Irmandade:

“Alcoólicos Anônimos é uma Associação mundial de alcoólicos recuperados que se ajudam uns aos outros a manter sua sobriedade e compartilham livremente as experiências da sua recuperação com outros homens e mulheres que também têm problemas com a bebida alcoólica”.

Relação das citações recuperação/recuperados, no Livro Azul

recolhida na 4ª reimpressão da 4ª edição (atualizada - a versão oficial, e publicada pela primeira vez em fevereiro de 2001), do livro **Alcoólicos Anônimos** (Livro Azul) publicado pela JUNAAB, com o código 102.

(página/parágrafo/linha):

Prefácio à primeira edição

- 1) 11/1/1 – *Nós, de Alcoólicos Anônimos, somos mais cem homens e mulheres que nos recuperamos de uma aparentemente irremediável condição mental e física. Demonstrar*

a outros alcoólicos exatamente como nos **recuperamos** é o principal objetivo deste livro...

Prefácio à segunda edição

- 2) 13/2/3 -... Alcoólicos Anônimos desabrochou em quase 6.000 Grupos cujos membros somam bem mais que 150.000 alcoólicos **recuperados**...
- 3) 13/3/4 -... Seis meses antes, o corretor havia sido **libertado de sua obsessão** pela bebida...
- 4) 14/3/9 -... Demonstrou também que um trabalho persistente, de um alcoólico com outro, era vital para a **recuperação** permanente.
- 5) 14/4/3 -... Seu primeiro caso, desesperador, **recuperou-se** imediatamente e tornou-se o terceiro membro de A.A.
- 6) 15/4/12 -... Em fins de **1939**, calculava-se que 800 alcoólicos estavam a caminho da **recuperação**.

Prefácio à terceira edição

- 7) 19/3/1 - Os princípios básicos do programa de A.A., ao que parece, são válidos para pessoas com os mais variados estilos de vida, assim como o programa tem **recuperado** indivíduos das mais diversas nacionalidades. Os Doze Passos..., mas traçam exatamente o mesmo caminho para a **recuperação** que foi desbravado pelos primeiros membros de A.A.
- 8) 19/4/3 -... Todos os dias, em algum lugar do mundo, uma **recuperação** tem início quando um alcoólico fala com outro alcoólico...

A opinião do médico

- 9) 23/4/7 -... Este homem, e mais de cem outros, parece terem-se **recuperado**...
- 10) 27/1/14 -... Isto se repete inúmeras vezes e, a menos que essa pessoa possa sofrer uma radical mudança psíquica, há muito pouca esperança de **recuperação**.

Capítulo 2 – Há uma solução

- 11) 47/1/1 - Nós, de Alcoólicos Anônimos, conhecemos milhares de homens e mulheres que estiveram, um dia, tão desesperados quanto Bill. Praticamente todos estão **recuperados**. Resolveram seu problema com a bebida.
- 12) 50/2/3 -... apesar da opinião em contrario dos especialistas, **recuperamo-nos** de um estado mental e físico sem esperanças...
- 13) 58/4/1 - Mais adiante, damos informações precisas sobre como nos **recuperamos**.

Capítulo 3 – Mais sobre o alcoolismo

- 14) 59/2/1 - Aprendemos que precisávamos admitir, do fundo de nossos corações, que éramos alcoólicos. Este é o primeiro passo para a **recuperação**...

Capítulo 4 – Nós, os agnósticos

- 15) 74/1/1 - Se um simples código moral ou uma melhor filosofia de vida fossem suficientes para dominar o alcoolismo, muitos de nós estaríamos **recuperados**...

Capítulo 5 – Como funciona

- 16) 87/1/1 - Raramente vimos alguém fracassar tendo seguido cuidadosamente nosso caminho. Os que não se **recuperam** são pessoas que não conseguem ou não querem... Existem também as que sofrem de graves distúrbios mentais e emocionais, mas muitas delas se **recuperam**, se tiverem a capacidade de serem honestas.

- 17) 88/3/1 – *Eis os passos que demos, e que são sugeridos como um programa de **recuperação**.*

Capítulo 7 – Trabalhando com os outros

- 18) 117/2/1 -... *Observar as pessoas se **recuperarem**, vê-las ajudando outras, observar a solidão desaparecer,...*
- 19) 117/3/1 – *Talvez você conheça bebedores que desejem se **recuperar**...*
- 20) 118/4/9 -... *Se ele disser que sim, então você deve ser mencionado como alguém que pertence a uma irmandade cujos membros, dentro de seu programa de **recuperação**, tentam ajudar outros...*
- 21) 124/1/10 -... *Ele diz sempre que, se tivesse insistido em trabalhar com aquelas pessoas, poderia ter privado muitas outras, que se **recuperaram**, de suas oportunidades.*
- 22) 124/2/2 -... *Ele leu este livro e diz que está preparado para praticar os Doze Passos do programa de **recuperação**...*
- 23) 124/4/2 -... *Ajudar os outros é a pedra fundamental de nossa **recuperação**...*
- 24) 125/3/4 -... *Caso eles aceitem e pratiquem os princípios espirituais, há muito mais chances de que o chefe de família se **recupere**...*
- 25) 126/2/1 – *Convença todas as pessoas de que podem se **recuperar** independentemente de qualquer um...*
- 26) 127/2/1 – *Se houver um divórcio ou separação, não deve haver presa em reunir o casal. O homem deve estar seguro quanto à sua **recuperação**. A mulher deve compreender inteiramente seu novo modo de vida...*
- 27) 127/3/1 – *Não permita que um alcoólico diga que não consegue se **recuperar** se não tiver a família de volta. Não é verdade... Vimos outros recaírem quando a família voltou cedo demais.*

Capítulo 8 – Às esposas

- 28) 133/1/5 -... *Tem sido evidente que as mulheres, quando seguem nossas sugestões, **recuperam** a saúde com tanta facilidade quanto os homens.*
- 29) 139/2/8 -... *Muitos, entre nossos maridos, haviam chegado a este ponto. Entretanto, estão **recuperados**.*
- 30) 141-142/5/5 -... *Ele sabe que milhares de homens, bem perecidos com ele, já se **recuperaram**... Espere até que vários passos em falso o convençam de que ele precisa agir, pois quanto mais você o apressar, mais pode estar adiando sua **recuperação**.*
- 31) 142/3/1 – *Você pode imaginar que os homens do tipo número quatro sejam praticamente **irrecuperáveis**, mas não é assim... Entretanto, tais homens tiveram, com frequência, **recuperações** espetaculares e impressionantes.*

Capítulo 9 – A família depois

- 32) 151/1/1 - *As esposas sugeriram algumas atitudes a serem tomadas em relação aos maridos em **recuperação**...*
- 33) 161/2/4 -... *Mas porque não deveríamos rir? Estamos-nos **recuperando** e nos foi dado o poder de ajudar outras pessoas.*
- 34) 161/4/1 – *Agora, falemos de saúde. Um corpo seriamente consumido pelo álcool não se **recupera**, muitas vezes, da noite para o dia... Nós, que nos **recuperamos** da embriaguez, somos milagres da saúde mental...*

- 35) 163/4/1 – *Viva ou não sua família segundo bases espirituais, o alcoólico precisa fazer isto, se quiser se **recuperar**...*

Capítulo 10 – Aos empregadores

- 36) 168/2/5 -... *Para mim, isto ilustra a falta de compreensão quanto ao que realmente aflige o alcoólico e a falta de conhecimento a respeito do papel que os empregadores poderiam desempenhar na **recuperação** de seus funcionários doentes.*
- 37) 171/3/5 -... *É preciso que ele entenda bem isto. Ou você está lidando com um homem que pode e quer se **recuperar**, ou não está...*
- 38) 171/4/1 – *Depois de se certificar de que seu empregado quer se **recuperar** e que fará o que for preciso para conseguir, ...*
- 39) 172/2/7 -... *Todos nós precisamos colocar a **recuperação** acima de tudo o mais, pois sem a recuperação teríamos perdido tanto o lar quanto o emprego.*
- 40) 172/3/1 – *Você pode confiar totalmente em sua capacidade de se **recuperar**? Por falar em confiança...*
- 41) 175/2/5 -... *Um alcoólico em **recuperação**, ocupando um cargo relativamente importante, pode conversar com alguém hierarquicamente superior...*
- 42) 175/3/4 -... *Se estiver, ou ainda estiver tentando se **recuperar**, ele lhe dirá a verdade, mesmo que isto signifique a perda do emprego... Se estiver seguindo conscientemente o programa de **recuperação**, poderá ir a qualquer lugar que seu trabalho exigir.*
- 43) 176/2/2 -... *Não deve receber privilégios. O homem correto, do tipo que se **recupera**, não deseja isto. Não os aceitará...*

Capítulo 11 – Uma visão para você

- 44) 181/2/7 -... *A era dos milagres ainda existe. Nossa própria **recuperação** é uma prova.*
- 45) 182/4/1 – *Mas, e quanto a suas responsabilidades – sua família e os homens que morreriam porque não sabiam como se **recuperar**?...*
- 46) 189/3/2 -... *Compreendendo o nosso trabalho, ele consegue identificar aqueles que estão dispostos e são capazes de se **recuperar** em bases espirituais...*

Apêndice I – As Doze Tradições

- 47) 207/4/2 – (Terceira Tradição, forma integral)... *Não podemos, portanto, recusar pessoa alguma que deseje **recuperar-se**...*

Apêndice II – A experiência espiritual

- 48) 211/2/ -... *muitos alcoólicos chegaram à conclusão de que para se **recuperarem** teriam de adquirir uma imediata e profunda “consciência de Deus”, seguida logo por uma grande mudança de sentimentos e atitudes.*
- 49) 211/6/1 - *Queremos frisar que – à luz da nossa experiência – qualquer alcoólico capaz de encarar seus problemas com honestidade pode se **recuperar**, sempre que não fechar sua mente a todos os conceitos espirituais...*
- 50) 212/2/2 -... *A boa vontade, a honestidade e uma mente aberta são os elementos necessários à **recuperação**. E são indispensáveis.*

Informação adicional:

James Houck Lane (1906-2006) foi um personagem de excepcional importância, para A.A. e para o Grupo de Oxford. Ele ingressou no Grupo de Oxford em Frederick, Maryland, no dia 12 de dezembro de 1934, um dia depois da 4ª e última internação de Bill W., no Towns Hospital; nunca se

desligou desse movimento acompanhando ele em todas as denominações que seguiram à de **Grupo de Oxford**, que foi excluída em **1938** (Movimento de Rearmamento Moral, Iniciativas de Mudança (IdeM), e, atualmente [2015], Iniciativas de Mudança Internacional (IdeM Internacional), e ao mesmo tempo acompanhou todo o processo de criação e evolução de A.A. servindo de conselheiro para muitos AAs, e consultor para os órgãos de serviço, incluindo os arquivos históricos do GSO. Ingressou oficialmente em A.A. em **1986**, aos 80 anos de idade, para ajudar um neto que estava com problemas por causa da bebida. Dada a sua longevidade, ele morreu com cem anos de idade, sendo 71 de sobriedade, é considerado pelas duas instituições como “O Ancião das duas Tribos”.

Em 22 de agosto de **2005**, James H., gravou um DVD onde descreve sua carreira alcoólica, o início de sua recuperação em 12/12/1934, seu relacionamento com Bill W., seu conhecimento do programa de recuperação nos primórdios de A.A. e como ele transmitia a mensagem naquele tempo.

Nesta gravação James H., diz que é um “**alcoólico recuperado**”, segundo ele, o mesmo termo utilizado por Bill W., o Dr. Bob, os pioneiros de A.A., e a proposta do texto do Livro Azul. Considera o termo “*em recuperação*” depreciativo porque se refere a alguém que ainda se debate com o problema ao invés de viver a solução. Diz que esta expressão ritual – “*alcoólico em recuperação*”, seguido pelo coro “*Oi, olá, falou, _____*”, evoluiu a partir dos centros de tratamento em **1970** e não faz parte do programa original de A.A. “*Para mim, ‘em recuperação’, significa que você ainda não fez a lição de casa. Você não tem certeza de sua posição. Estou absolutamente seguro de minha posição. Deus tirou o álcool da minha vida, e para sempre, em 12/12/1934*”.

(Para saber mais procure em: *James H. aa - Back to Basics* e correlatos).

“*Como eu era, o que aconteceu comigo e como sou agora*”

Esta expressão foi estabelecida pelo primeiro movimento criado por alcoólicos para ajudar outros alcoólicos, a **Sociedade de Temperança Washington** ou *Movimento Washingtoniano*, formado em um botequim de Baltimore, Virginia, EUA, em abril de **1840**. Em poucos anos alcançou milhões de seguidores, mas começou seu declínio, até a desintegração total, oito anos mais tarde, quando começou a aceitar como membros “*próceres*” não alcoólicos – líderes de movimentos pró-temperança, religiosos, proselitistas, políticos, charlatães, etc.

Seus procedimentos e princípios, que mais tarde teriam influenciado a formação de A.A., foram os seguintes:

1. Alcoólicos se ajudando mutuamente.
2. Reuniões semanais, ou de frequência periódica.
3. Experiências compartilhadas.
4. Levar a mensagem a outros.
5. A dependência de um poder superior
6. Abstinência total ao álcool.

Nas suas reuniões semanais, seus membros desenvolveram o método, único até então, de que cada orador conta-se sua própria história calcada no preposto de “*como eu era, o que aconteceu comigo e como sou agora*”. E se mantiveram sóbrios.

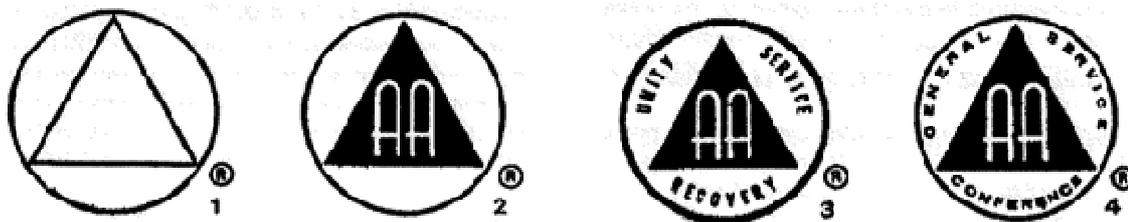
Este preposto - “*como eu era, o que aconteceu comigo e como sou agora*”, passou a nortear a forma de transmissão da mensagem de A.A. Muitos membros descrevem o significado desta frase assim:

- a) *Como eu era* => ao chegar em A.A.

- b) **O que aconteceu comigo** (pretérito) => durante o aprendizado e a prática dos nove primeiros Passos – todos eles conjugados no pretérito perfeito, quando, se o “tratamento” foi bem feito - com firmeza de propósito e honestidade, a sobriedade (a libertação do álcool – isto é, a recuperação da liberdade de escolha - a ausência do sofrimento por não beber, no entender de A.A.) e a recuperação do alcoolismo (que é a proposta da Irmandade transcrita no Livro Azul), terão sido alcançadas. Na descrição do segundo parágrafo na página 112 do Livro Azul – Junaab, código 102, após falar do Nono Passo: *“Se formos cuidadosos, nesta fase de nosso desenvolvimento (após o aprendizado e a prática dos nove primeiros Passos), ficaremos surpresos antes de chegar à metade do caminho. Estamos a ponto de conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade. Não lamentaremos o passado nem nos recusaremos a enxergá-lo. Compreenderemos o significado da palavra serenidade e conheceremos a paz. Não importa até que ponto descemos, veremos como nossa experiência pode ajudar a outras pessoas. Aquele sentimento de inutilidade e de auto piedade irá desaparecer. Perderemos o interesse em coisas egoístas e passaremos a nos interessar pelos nossos semelhantes. O egoísmo deixará de existir. Todos os nossos pontos de vista e atitudes perante a vida irão se modificar. Perderemos o medo das pessoas. O medo da insegurança econômica nos abandonará. Saberemos, intuitivamente, como lidar com situações que costumavam nos desconcertar. Perceberemos, de repente, que Deus está fazendo por nós o que não conseguíamos fazer sozinhos”*. E, conclui na página 113/2/2, *“... Pois a esta altura a sanidade terá voltado”*.
- c) **Como sou agora** => como vivo atualmente, praticando os Passos 10º, 11º e 12º - conjugados no tempo presente, para manter a sobriedade e a recuperação conseguidas.

A exclusão do Circulo e do Triangulo como símbolo oficial de A.A.

Box 4-5-9, Ago. Set. / 1993 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept93.pdf
 Título original: *“Desprendiéndonos del círculo y el triángulo como un símbolo ‘oficial’ de AA”*



Durante muito tempo, um triângulo inscrito em um círculo foi reconhecido como o símbolo de Alcoólicos Anônimos. Entretanto, o círculo e o triângulo também constam entre os mais antigos símbolos espirituais conhecidos pela humanidade. Para os antigos egípcios o triângulo representava a inteligência criativa; para os gregos, significava a sabedoria. Geralmente, representa a aspiração de alcançar um entendimento mais elevado e uma maior compreensão do espiritual.

Na Convenção Internacional em **1955**, durante a celebração do 20º aniversário de A.A., foi aceito o triângulo inscrito num círculo como o símbolo de Alcoólicos Anônimos. *“O círculo”*, disse Bill W. aos AAs reunidos em St. Louis, *“simboliza o mundo inteiro de A.A., e o triângulo representa*

os Três Legados de A.A., - Recuperação, Unidade e Serviço. Dentro do nosso maravilhoso mundo novo, encontramos a libertação de nossa obsessão mortal”.

O símbolo foi registrado como marca oficial de A.A. em **1955**, e foi livremente usado por várias entidades de A.A., o qual funcionou bem durante um bom tempo. Entretanto, por volta da metade dos anos **1980** começou a haver certa preocupação por parte dos membros da Irmandade a respeito da utilização do círculo e do triângulo por organizações alheias a A.A. Em conformidade com a Sexta Tradição que diz que A.A. “... *nunca deverá sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade...*”, A.A. World Services – Serviços Mundiais de A.A., começou, em **1986**, a tomar algumas providências para prevenir a utilização do círculo e do triângulo por entidades alheias, incluindo fabricantes de brindes, casas editoras e instituições de tratamento. Esta política de desestímulo foi realizada com moderação e, tão somente depois que todas as tentativas de persuasão e conciliação tinham fracassado, foi considerado empreender ações legais. De fato, dos aproximadamente 170 usuários não autorizados que foram contatados, apenas foram apresentadas demandas contra dois deles e o assunto foi resolvido logo no início.

No começo dos anos de **1990**, alguns membros da Irmandade pareciam dizer duas coisas: “*queremos medalhas com nosso círculo e triângulo*”, e, “*não queremos nosso símbolo associado com objetivos não A.A.*”. O desejo de alguns membros de A.A. de ter fichas de aniversário foi considerado pelas juntas de A.A. World Services e da Revista *Grapevine* (equivalente à *Vivência*) em outubro de **1990**, quando foi estudada a possibilidade de produzir medalhas. Foi do parecer dessas juntas que as fichas e as medalhas não tinham relação com o nosso propósito primordial de levar a mensagem de A.A. e que este assunto deveria ser tratado pela Conferência para obter a opinião da consciência de Grupo da Irmandade. A essência desta decisão foi transmitida à Conferência de Serviços Gerais de **1991** no relatório da Junta de A.A.W.S.

A Conferência de Serviços Gerais de **1992** começou enfrentando o dilema ouvindo apresentações a respeito de porque devemos ou não produzir medalhas e, sobre a responsabilidade de A.A.W.S. de proteger nossas marcas registradas e os direitos de propriedade contra usos que pudessem sugerir afiliação com fontes alheias.

O resultado foi uma Ação Recomendável da Conferência para que a Junta de Serviços Gerais desse início a um estudo a respeito da viabilidade de possíveis métodos através dos quais se poderiam colocar as fichas de sobriedade a disposição da Irmandade, seguido de um relatório a um Comitê *ad hoc* (para esse fim) constituído por Delegados à Conferência de **1993**, o qual informaria todos os membros da Conferência no seguinte mês de março (nos EUA/Canadá, as Conferências são realizadas no mês de abril).

Após longas considerações, o Comitê *ad hoc* apresentou seu relatório e recomendações à Conferência de **1993**. Depois de uma discussão, a Conferência aprovou duas das cinco recomendações apresentadas:

- 1) O uso de fichas e medalhas de sobriedade é um assunto de autonomia local e não algo sobre o que a Conferência deva consignar uma posição definitiva;
- 2) Não é apropriado que A.A.W.S ou a *Grapevine* produzam ou autorizem a produção de fichas e medalhas de sobriedade.

Entre as considerações incluídas no informe do Comitê *ad hoc*, encontravam-se as repercussões de continuar protegendo por meios legais o uso das marcas registradas de A.A. por parte de organizações alheias.

Coincidentemente, a Junta de A.A.W.S. tinha começado a considerar alguns acontecimentos recentes, chegando finalmente à conclusão de que as perspectivas de litígios cada vez mais longos e custosos, a incerteza de conseguir sucesso e o desvio do propósito primordial de A.A. eram grandes demais para justificar a continuação das tentativas de proteger o círculo e o triângulo. Durante a reunião pós-conferencial da Junta de Serviços Gerais, os Custódios aceitaram a recomendação de A.A.W.S. de não continuar a proteção do símbolo do círculo e do triângulo como uma das nossas marcas registradas.

No começo de junho (1993), a Junta de Serviços Gerais apoiou por unanimidade substancial a declaração de A.A.W.S. de que, de acordo com nosso propósito original de evitar a sugestão de afiliação ou associação com produtos e serviços alheios, Alcoólicos Anônimos World Service, Inc. deixará progressivamente de fazer uso “oficial” ou “legal” do símbolo com o círculo e o triângulo. A.A.W.S. continuará resistindo ao uso não autorizado de outras marcas e qualquer tentativa de publicar literatura de A.A. sem permissão.

É claro, o círculo e o triângulo sempre irão ter um significado especial no coração e na mente dos membros de A.A., no sentido simbólico, como o tem a Oração de Serenidade e os lemas, que nunca tiveram um caráter oficial.

Saiba como era até aqui (1993): Usos e abusos dos símbolos de A.A.

*Box 4-5-9, Natal / 1991 (pág. 6 a 8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday91.pdf
Título original: “Usos y abusos de los símbolos de A.A. - una aclaración”.*

Durante os passados 35 anos, as marcas e logotipos de A.A. chegaram a ser símbolos imediatamente reconhecidos de A.A., o que resulta tanto em vantagens como em desvantagens, na medida em que um crescente número de empresas tem desejado imprimir ou gravar os logotipos em tudo, desde copos e canecas até fichas e medalhas.

Em 1988, depois de receber inúmeras expressões de preocupação por parte dos membros de A.A., a Junta de Serviços Gerais decidiu utilizar as prerrogativas legais para protegê-los contra o uso não autorizado. De não tê-lo feito teria levado consigo a perda completa dos nossos direitos. Embora esta política tenha sido energicamente apoiada por muitos AAs - e também tenha sido aprovada pela Conferência de Serviços Gerais para sua inclusão no *Manual de Serviços de A.A.*, também tem suscitado alguma confusão e controvérsia entre alguns membros. A seguir aparecem perguntas feitas junto com as respostas esclarecedoras.

Pergunta => *Quais são os logotipos e as marcas que A.A. têm registrados? Qual é a filosofia que rege seu uso?*

Resposta => Há várias marcas registradas que simbolizam e pertencem a A.A.: *Alcoholics Anonymous*, A.A., *The Big Book*, Box 4-5-9, e o logotipo com forma de triângulo inscrito em um círculo, introduzido na Convenção do 20º Aniversário celebrada em St. Louis em 1955. O círculo representa o mundo inteiro de A.A. e o triângulo simboliza nossos Três Legados de recuperação, Unidade e Serviço. Com o passar dos anos foram sendo acrescentadas outras versões do logotipo. Uma difere do original apenas nas siglas “A.A.” inscritas no triângulo. Outra tem “A.A.” inscrita dentro do triângulo e as palavras “Recuperação”, “Unidade” e “Serviço” dentro do círculo, mas fora do triângulo. Todas estas versões de círculo/triângulo estão registradas no *U.S. Patent and Trademark Office*. Com exceção da versão abaixo discutida, qualquer Grupo, Distrito ou entidade da Irmandade tem absoluta liberdade para usar estes logotipos, acompanhados do símbolo ® que

significa “*Marca Registrada*”, em seus boletins, horários de reunião e literatura publicada a nível local. Também podem ser utilizadas nestes materiais as marcas “A.A.” e “*Alcoholics Anonymous*”. As entidades de A.A. que fazem uso dos logotipos do círculo e do triângulo não devem modificá-los para não diluir a aparência distintiva da marca.

Há mais um símbolo – com as siglas “A.A.” dentro do triângulo e as palavras “*Junta de Serviços Gerais*” fora do triângulo. O uso deste símbolo está limitado a identificar a literatura aprovada pela Conferência.

O uso informal ou comercial de quaisquer das marcas registradas de A.A. – incluindo os logotipos do círculo-e-triângulo em roupas, medalhas, fantasias, adesivos ou outros brindes, não deve ser permitido e essas marcas devem continuar a simbolizar exclusivamente a nossa Irmandade. Estas marcas identificam e representam nossa Irmandade. Não há maneira de assegurar a integridade ou a qualidade dos produtos que levem nossas marcas. Estes produtos pareceriam ser fabricados por A.A. ou ser aprovados por A.A. E o fabricante de tais produtos que violam nossas marcas registradas também pareceria que têm a recomendação ou a aprovação de Alcoólicos Anônimos.

Pergunta => *Quais são as regras gerais que guiam à Junta ao considerar as solicitações feitas por membros de A.A. para o uso dos logotipos ou as marcas?*

Resposta => Embora cheguem relativamente poucas solicitações para utilizar as marcas registradas por parte dos membros – especialmente se comparadas com a quantidade muito maior de pedidos por parte de membros e pessoas alheias, de permissão para utilizar nossa literatura protegida por copyright (direito autoral); as primeiras solicitações se originam, sem dúvida, do orgulho que os AAs sentem de serem membros. Portanto, muitos pedidos deste tipo têm a ver com o uso de logotipos em cartões elaborados por um membro, e o uso dos logotipos de A.A. em joalheria, camisetas e outros artigos comemorativos para sua venda em convenções, assembleias, fóruns e encontros de A.A.

Pergunta => *Pode haver algum problema com a distribuição de medalhas e outras “lembranças de sobriedade”?*

Resposta => A Junta de A.A.W.S. não tem opinião em relação às medalhas em si. Aqueles que desejem usá-las podem fazê-lo sempre que não utilizem o punhado de marcas que A.A. têm registradas. Podem aproveitar a imensa variedade de desenhos e lemas que são de domínio público. As possibilidades são ilimitadas.

Pergunta => *A Junta considera os pedidos de permissão vindas de entidades alheias à Irmandade?*

Resposta => Sim. Neste caso também, a Junta denega solicitações que podem causar a impressão de afiliação ou se têm propósitos estritamente comerciais. Contrastando com isso, a Junta é muito mais liberal na concessão de permissão para utilizar extratos da nossa literatura protegida por copyright – por exemplo, quando uma agência do governo ou uma agência sem fins lucrativos que presta serviços a um número limitado de pessoas, tais como os cegos, pede permissão para publicar material protegido por copyright em braile ou gravado, como um serviço gratuito. Mas, ainda nestes casos, é preciso demonstrar que há necessidade desse material.

Pergunta => *As empresas acederam ao pedido de A.A. de não utilizar nossos símbolos registrados?*

Resposta => Quase sem exceção, as empresas que violaram as leis de *copyright* – direitos autorais, a respeito dos nossos logotipos e marcas, o fizeram. Em algumas instâncias, nos agradeceram por lhes ter chamado a atenção sobre o assunto – expressaram-se favoráveis a qualquer

ação em benefício da Irmandade. A.A. sempre foi muito justa, permitindo um prazo razoável de tempo para esgotar os estoques, para elaborar e fazer os preparativos para produzir um novo desenho. No único caso até esta data que nos vimos obrigados a instalar um processo, conseguimos chegar a uma solução satisfatória e amigável.

Pergunta => *Quando alguma empresa não concorda com o nosso pedido e temos que recorrer à justiça, quem paga a conta?*

Resposta => Não são utilizadas as contribuições dos Grupos ou membros para sufragar gastos judiciais. Todos eles são cobertos por A.A.W.S. como gastos com publicações.

Marcas registradas como propriedade de A.A.

São as seguintes as marcas registradas de comércio e serviço que simbolizam Alcoólicos Anônimos, seu trabalho e seu propósito: A.A.; *Alcoholics Anonymous*; *The Big Book*; *Box 4-5-9*; *The Grapevine*; *A.A. Grapevine*; *GV*; *Box 1980* (nome postal da revista *Grapevine*); *La Viña*.

Todo Grupo tem o direito de errar

Box 4-5-9, Ago. Set./1986 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept86.pdf
Título original: ***“Todo Grupo de A.A. Tiene el Derecho de Equivocarse”***

Frank M., diretor dos Arquivos Históricos de A.A. colocou à nossa disposição um valioso intercâmbio de correspondência entre o cofundador Bill W. e Katie W., membro de A.A. de Shaker Heights, Ohio. Estas cartas, escritas em **1963**, confirmam o refrão que diz *“Não há nada de novo sob o sol”*. Quanto aos problemas dos Grupos de A.A., e as soluções que continuam sendo aplicadas, o dito manifesta a pura verdade. *“Durante 15 anos”* escreve Katie, *“o ‘Grupo de Mulheres da Sexta-feira à Tarde’, floresceu sob os lemas ‘Vá com Calma’ e ‘Mantenha-o Simples’, com uma atitude de gratidão e o sentimento de que a harmonia sempre prevalece porque Deus reina... Agora nos encontramos lutando com a nossa primeira dúvida”*.

O problema, como explica Katie, derivou do fato de que *“mulheres vestidas de várias cores, desejam se tornar membros do nosso Grupo fechado. Algumas são apenas alcoólicas (um número que com o tempo vai diminuindo); algumas têm problemas com a bebida e com as pílulas; algumas são alcoólicas que têm problemas mentais; outras não têm problemas com a bebida, mas apenas psiquiátricos; outras mais têm problemas unicamente com drogas. Algumas pararam de beber, mas ainda se encontram sob os efeitos de sedativos”*.

Katie cita dois casos: A Sra. A. *“canta elogios a A.A.; assiste assiduamente às reuniões; serve como madrinha; coordena; fala quando não deve; e toma pílulas”*. A Sra. B., que foi paciente num hospital psiquiátrico, deixou a bebida, mas continua tomando medicamentos, *“Não apenas dorme durante a reunião, mas também ronca. Deve-se aguardar até que possa manter-se acordada para assistir às reuniões?”*

Katie se preocupa principalmente com *“o bem-estar do Grupo. Percebemos claramente que qualquer um que o diga é membro de A.A.; a questão está em saber se estas pessoas têm o direito de assistir às reuniões se, como consequência de ingerir demasiados medicamentos, incomodam aos demais”*.

Diz que se sente perplexa, oprimida, desanimada. *“Podemos ajudar o alcoólico porque podemos identificar-nos”*, responde Bill. *“Mas, não podemos ajudar quando se trata de uma pessoa*

com problemas mentais ou problemas com pílulas". Depois, se faz uma pergunta: "Devem assistir às nossas reuniões fechadas aqueles que precisam de ajuda, mas que não são alcoólicos?". E encerra a carta com as palavras "Nossa gratidão pela sua contínua sobriedade..."

Ao responder, Bill observa que "Em geral, A.A. tem que tratar com alcoólicos não importando quaisquer complicações que possam ter. Certamente você admitirá o fato de que não existe alcoólico que não tenha alguma 'complicação' emocional. Assim, a questão se reduz a isto: Deve A.A. tratar de ajudar aos que têm graves problemas mentais e de adição conquanto sejam alcoólicos? A resposta é, 'Sim', devemos tratar".

Entretanto, como Bill assegura a Katie, "esta caridade não quer dizer que não possamos excluir aqueles que perturbam as reuniões ou que interferem seriamente no funcionamento do Grupo. A estas pessoas lhes podemos pedir que se acalmem ou vão embora – ou que voltem quando sua condição lhes permita participar das atividades".

Não pode haver uma "resposta preparada", diz Bill. "Como você sabe, cada Grupo de A.A. tem inclusive o direito de errar". Entretanto, "A.A. nunca foi de utilidade alguma para os drogadictos e assemelhados que não são alcoólicos. Não podem identificar-se conosco nem nós com eles. Tentar trazê-los e incluí-los como membros de A.A., seria desviar-nos do nosso objetivo primordial, a obtenção da sobriedade. Embora alguns AAs, individualmente, com frequência possam ajudar estas pessoas, os Grupos de A.A. pouco podem fazer além de lhes permitir que assistam a suas reuniões abertas, sempre e quando não causem complicações". Finalizando a carta, Bill aconselha a Katie "improvisar sobre a marcha. Não tenha medo de errar. O método das tentativas, segundo as circunstâncias, provavelmente é o melhor".

Alcoólicos Anônimos não faz:

1. Não recruta membros, ou tenta persuadir alguém a juntar-se à Irmandade.
2. Não mantém registro dos seus membros ou suas histórias.
3. Não se dedica nem patrocina pesquisas (embora seus membros possam fazê-lo de forma pessoal)
4. Não se associa a órgãos sociais, embora seus membros, Grupos e Escritórios de serviço cooperem frequentemente com eles.
5. Não fiscaliza nem tenta controlar seus membros.
6. Não faz diagnósticos nem prognósticos médicos ou psicológicos.
7. Não proporciona serviços de enfermagem, desintoxicação, hospitalização, medicamentos ou qualquer tratamento médico ou psiquiátrico.
8. Não oferece assistência religiosa.
9. Não se dedica à educação ou propaganda a respeito do álcool.
10. Não oferece abrigo, comida, roupas, dinheiro, empregos e outros serviços de beneficência ou assistência social.
11. Não fornece orientação em questões domésticas ou vocacionais.
12. Não aceita dinheiro em pagamento por seus serviços ou quaisquer contribuições de fontes alheias à Irmandade.
13. Não emite cartas de referência para juntas de livramento condicional, advogados, Tribunais de Justiça, agências sociais, empregadores, etc.

A.A. não tem nem faz promessas

As “doze promessas” de A.A.

Box 4-5-9, Natal – 2008 (pág. 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday08.pdf

Titulo original: “¿‘Promesas exageradas’? No lo creemos”.

O conjunto de promessas que aparece nas páginas 83-84 do Livro Grande (*no Livro Azul estão na pg. 112, capítulo VI, Entrando em Ação*) chegou a representar para algumas pessoas em recuperação, uma espécie de “*Declaração de Direitos*” do alcoólico, uma coleção de expectativas e recompensas da sobriedade. Qual alcoólico não desejaria ter tão magníficas recompensas? Desde conhecer “*uma liberdade e uma felicidade novas*”, até se dar conta de que “*Deus está fazendo por nós o que por nós mesmos no poderíamos fazer*”.

Alguns membros inclusive enumeram estas promessas e as elevam ao estatus dos Doze Passos e das Doze Tradições. Entretanto, por muito práticas e poderosas que sejam, não há evidência que apoie a ideia de que foram concebidas como um conjunto independente de expectativas.

De fato, por aparecer integradas no texto do Passo Nove, parece que estão relacionadas com um grupo específico de ações em vez de ser uma coletânea geral de promessas para a sobriedade em si mesmo. As promessas seguem-se a uma frase introdutória que diz: “*Se nos esmeramos nesta fase de nosso desenvolvimento, nos surpreenderemos com os resultados antes de chegar à metade do caminho*”, referindo-se ao Nono Passo, a fase de recuperação em que fazemos reparações.

Já faz tempo que a questão das promessas e seu estatus em A.A. (são “*oficiais*” ou não?), têm intrigado aos membros e aos Grupos de A.A. No começo deste ano (2008), o Escritório de Serviços Gerais (GSO), recebeu um pedido de informação por parte um Grupo de Dawson Creek, na Columbia Britânica, referente a este assunto. Depois de fazer algumas investigações e falar com a arquivista do GSO, a responsável pela Comissão de Literatura respondeu essa pergunta da seguinte maneira: “*Alcoólicos Anônimos nunca tentou codificar promessas nem criar uma lista ‘oficial’ de promessas. Ao largo das décadas, desde que Bill W. escreveu o Livro Grande, muitos AAs encontraram outras promessas nas páginas do livro além das mencionadas nas páginas 83-84. Não temos provas nem constância para corroborar que Bill W. tinha intenção de apresentar doze promessas da mesma maneira que apresentou os Passos e as Tradições. Sabemos que alguns grupos e membros fazem referencia às ‘doze promessas’ – porém, este costume não teve origem na consciência coletiva de A.A.*”

Também, para responder a uma pergunta semelhante feita por um membro de A.A., a ajudante da arquivista do GSO sugeriu que esse costume “*poderia ter-se originado em algum grupo local durante os primeiros anos da Irmandade e desde então, vários grupos foram elaborando diferentes versões das promessas. Porém, não temos nenhuma informação em nossos arquivos que documente essa faceta da nossa história*”.

Também disse “*podemos-lhe dizer que em muitas ocasiões, quando são feitas citações separadamente de certas seções do Livro Grande, o significado da seção nem sempre está o suficientemente claro. Nosso Livro Grande descreve a evolução de nosso programa e as palavras que precedem às promessas têm a mesma importância das que lhe seguem*”.

Quanto à sugestão de que há muitas outras promessas contidas no Livro Grande, além das citadas nas páginas 83-84, um membro de A.A. enviou ao GSO uma lista contendo 238 outras promessas identificadas por ele.

Uma promessa que não figura nessas listas e que se ouve em reuniões no mundo todo: “*Se você não tomar o primeiro gole, não irá ficar bêbado*”.

Para entender melhor:

N.T.: As tais “*promessas*” foram publicadas como artigo na revista *Grapevine* e se espalharam mundo afora, existindo Grupos que as emparelham ao lado dos quadros dos Doze Passos e das Doze Tradições e até Juntas de Serviços Gerais de Países-membros que as colocam no seu sítio oficial na Web, passando a impressão de que elas têm significado por si próprias e ignorando que seu texto faz parte de um contexto maior e mais amplo. O texto em questão encontra-se no Livro Azul, (quarta edição) na página 112 ou, páginas 83/84 do Big Book, onde diz:

“Se formos cuidadosos, nesta fase de nosso desenvolvimento, ficaremos surpresos antes de chegar à metade do caminho. Estamos a ponto de conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade. Não lamentaremos o passado nem nos recusaremos a enxergá-lo. Compreenderemos o significado da palavra serenidade e conheceremos a paz. Não importa até que ponto descemos, veremos como nossa experiência pode ajudar a outras pessoas. Aquele sentimento de inutilidade e de auto piedade irá desaparecer. Perderemos o interesse em coisas egoístas e passaremos a nos interessar pelos nossos semelhantes. O egoísmo deixará de existir. Todos os nossos pontos de vista e atitudes perante a vida irão se modificar. Perderemos o medo das pessoas. O medo da insegurança econômica nos abandonará. Saberemos, intuitivamente, como lidar com situações que costumavam nos desconcertar. Perceberemos, de repente, que Deus está fazendo por nós o que não conseguíamos fazer sozinhos”.

Então, alguém, certamente num momento de enlevo e tomado pelo espírito de colaboração, adaptou ajeitou as frases acima para que dessem um número de doze e assim classificou “**As Doze Promessas de Alcoólicos Anônimos**”:

- 1-. *Se formos cuidadosos nesta fase de nosso desenvolvimento, ficaremos surpresos antes de chegar à metade do caminho.*
- 2-. *Estamos a ponto de conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade.*
- 3-. *Não lamentaremos o passado, nem nos recusaremos a enxergá-lo.*
- 4-. *Compreenderemos o significado da palavra serenidade e conheceremos a paz.*
- 5-. *Não importa até que ponto descemos, veremos como a nossa experiência pode ajudar outras pessoas.*
- 6-. *Aquele sentimento de inutilidade e auto piedade irão desaparecer.*
- 7-. *Perderemos o interesse em coisas egoístas e passaremos a nos interessar pelos nossos semelhantes.*
- 8-. *O egoísmo deixará de existir.*
- 9-. *Todos os nossos pontos de vista e atitudes perante a vida irão se modificar.*
- 10-. *O medo das pessoas e da insegurança econômica nos abandonará.*
- 11-. *Saberemos, intuitivamente, como lidar com situações que costumavam nos desconcertar.*
- 12-. *Perceberemos, de repente, que Deus está fazendo por nós o que não conseguíamos fazer sozinhos.*

O estrato do Livro Azul que é apresentado como sendo “*As Doze Promessas de A.A.*” faz parte do texto básico de A.A.. Principalmente o parágrafo que consta nas págs. 83/84 do Big Book , ou 112 no Livro Azul (capítulo VI, Entrando em Ação), está retocado como segue para criar “*As Doze Promessas de A.A.*”

- O parágrafo saiu do contexto específico do Nono Passo. Este contexto é essencial às noções “*esta fase de nosso desenvolvimento*” e da “*metade do caminho*”.
- Foi acrescentado um título: “*As Doze Promessas de A.A.*”, comprometendo a Irmandade inteira: “*A.A. lhe promete isto*”. O que é falso. Independentemente do contexto específico à prática do Nono Passo, A.A. não faz promessas.
- O número “12” no título justifica-se pelo fato de que as frases deste parágrafo foram habilitadas para ser numeradas de 1 a 12. As frases simplesmente são separadas umas das outras e numeradas.

Isto não impede, de maneira alguma, que “*cada Grupo é livre de estabelecer seus próprios costumes e de celebrar suas reuniões da maneira que melhor lhe parecer, desde que não o faça em detrimento de outros Grupos ou da Irmandade em seu conjunto*”. (Quarta Tradição).

Uma Resolução

Apresentada por Bill W. e aprovada na Convenção do 20º de A.A., em 1955.

(Esta Resolução autoriza a Conferência de Serviços Gerais a atuar em nome de Alcoólicos Anônimos e converter-se na sucessora dos seus cofundadores) (1):

Nós, os membros da Convenção do Vigésimo Aniversário de Alcoólicos Anônimos, reunidos em Saint Louis, em julho do ano **1955**, consideramos que a nossa Irmandade alcançou sua maioria e está capacitada para tomar posse completa e permanente dos Três Legados do nosso patrimônio de Alcoólicos Anônimos – os Três Legados de Recuperação, Unidade e Serviço.

Acreditamos que a Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, criada em **1951** por nossos cofundadores, Dr. Bob e Bill W. e autorizada pelos Custódios da Fundação do Alcoólico, está agora capacitada para assumir por inteiro a proteção das Doze Tradições de A.A. e para assumir em sua totalidade a direção e o controle do serviço mundial da nossa Sociedade, tal como estipulado no ‘Manual de Serviço Mundial do Terceiro Legado’ **(2)**, recentemente revisado pelo nosso cofundador Bill W. e a Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos.

Também ouvimos e aceitamos a proposta de Bill W. que a Conferência de Serviços Gerais deve-se converter em sucessora permanente dos fundadores de A.A. herdando deles todos os deveres anteriores e responsabilidades especiais, evitando assim no futuro toda possibilidade de comprometimento em prestígio individual ou autoridade pessoal, e proporcionando à nossa sociedade os meios para funcionar de forma permanente.

PORTANTO, RESOLVEMOS: Que a Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos seja convertida, a partir desta data, 3 de julho de **1955**, na protetora das Tradições de Alcoólicos Anônimos, perpetuadora dos Serviços Mundiais da nossa Sociedade, a voz da consciência de Grupo da nossa Irmandade como um todo e a única sucessora dos cofundadores, o Dr. Bob e Bill W.

E ENTENDE-SE: Que nem as Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos, nem as garantias expressadas no Artigo XII da Carta de Constituição da Conferência poderão ser mudadas ou corrigidas pela Conferência de Serviços Gerais, sem antes pedir o consentimento prévio de todos os Grupos de A.A. no mundo todo. (Isto deverá incluir todos os Grupos de A.A. conhecidos pelos Escritórios de Serviços Gerais ao redor do mundo) **(3)**. Os Grupos deverão ser devidamente

notificados a respeito de qualquer projeto e lhes será concedido um tempo não inferior a seis meses para sua consideração. E antes que a Conferência execute qualquer ação a respeito, deverá ser recebido por escrito dentro do tempo estipulado o consentimento de pelo menos três quartas partes de todos os Grupos registrados que respondam à proposta correspondente.

ENTENDEMOS TAMBÉM: Que, como estipulado no Artigo XII da Ata de Constituição da Conferência, esta se compromete com a Sociedade de Alcoólicos Anônimos pelos seguintes meios: Que em todos seus procedimentos, a Conferência de Serviços Gerais observará o espírito das Tradições de A.A., tomando muito cuidado para que a Conferência nunca se torne sede de riqueza ou poder perigosos. Que suficientes fundos para as operações mais uma ampla reserva, sejam o seu prudente princípio financeiro. Que nenhum dos membros da Conferência nunca seja colocado em posição de autoridade absoluta sobre qualquer um dos outros. Que todas as decisões importantes sejam tomada através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade. Que nenhuma ação da Conferência seja jamais pessoalmente punitiva ou uma incitação à controvérsia pública. Que, embora a Conferência preste serviço a Alcoólicos Anônimos, ela nunca desempenhe qualquer ato de governo e que, da mesma forma que a Irmandade de Alcoólicos Anônimos a que serve, a Conferência permaneça sempre democrática em pensamento e ação.

St. Louis, Missouri, 03 de julho de 1955

Esta resolução foi aprovada pela Convenção por aclamação, e na Conferência (que acontecia em paralelo à Convenção, em St. Louis – a única Conferência realizada fora de Nova York), por determinação legal, através de votação.

N.T. (1): Um texto equivalente a esta “*Resolução*”, denominado “*Acordo*”, foi aprovado pelos Delegados à Conferência de Serviços Gerais realizada em São Paulo em 17 de abril de **1987**. Veja seu conteúdo na página 12 do Manual de Serviço de A.A. (Junaab, código **108**).

N.T. (2): Atualmente, “*Manual de Serviço de A.A.*”.

N.T. (3): A Conferência de Serviços Gerais de **1976** adotou a seguinte resolução: “...*entre os instrumentos que requerem três quartas partes dos Grupos que respondem à solicitação para fazer mudanças ou emendas, sejam incluídos os Doze Passos de A.A., se alguma vez forem propostas mudanças ou emendas. Isto se aplica ao texto original em inglês, não às traduções*”.

Lê-se nas páginas **S102 e S103** de =>http://www.aa.org/assets/es_ES/sp_bm-31.pdf

SÃO COSTUMES, USOS E PROCEDIMENTOS DOS GRUPOS DE A.A.:

Costumes nos Grupos de A.A. => “Cada Grupo de A.A. é único, tal como uma impressão digital...” (“O Grupo De A.A.”, pág. 12/3/1 - Junaab, código 205). A adoção de costumes próprios, que caracterizam e singularizam os Grupos e suas atividades, é o exercício da prerrogativa de autonomia garantida pela Quarta Tradição, desde que respeite as outras Tradições e não interfira na autonomia de outros Grupos e nas disposições gerais da Irmandade. Assim, a escolha do local e o nome do Grupo, a disposição da sala; a definição das reuniões, seus dias e horários, seu tempo de duração, seu formato; a adoção ou não de orações, e a maneira de fazê-lo; a disponibilidade de literatura e seu gênero, independentemente de ser aprovada ou não pela Conferência; a entrega ou não de fichas ou qualquer outra homenagem ou atividade relativas ao tempo de abstinência de seus membros; o uso de toalha na mesa de coordenação, a escolha de cores para a sala ou complementos; o uso não oficial do símbolo com o círculo e o triângulo: a maneira de levar a mensagem de A.A. em sua comunidade: a promoção de eventos relacionados com o convívio e confraternização de seus membros; a promoção de eventos destinados a angariar fundos para o custeio do próprio Grupo, etc. A execução destas ações é determinada unicamente pela consciência coletiva devidamente esclarecida dos membros do Grupo, sempre após o assunto pertinente ser amplamente debatido e examinado e tendo ouvido todos os pontos de vista antes que o Grupo vote, e de ninguém mais.

Uso de orações

Alcoólicos Anônimos e as orações

Box 4-5-9, Edição de Natal 2002 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday02.pdf

Título original: “La espiritualidad de A.A. tiene cabida para todas las religiones, o ninguna”.

Início da transcrição => “Depois de ter lido grande quantidade de material informativo sobre A.A. em seu sítio na Web (www.aa.org), me armei de suficiente coragem para assistir a minha primeira reunião” escreveu um iniciante chamado Ben E., numa mensagem eletrônica dirigida ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, no passado mês de julho (em 2002). “Embora me tenha mantido sem beber desde o dia 11 de junho, minhas primeiras 24 horas de abstinência, acredito precisar da ajuda e do apoio de um Grupo de A.A. para me assegurar no processo de sobriedade e evitar uma recaída. A pergunta que quero lhes fazer é a seguinte: como conciliar o fato de que A.A. parece ter um forte componente espiritual com o fato de que eu sou ateu convicto? Ofenderei outras pessoas na reunião se não rezo o Pai-Nosso? Seria um fator perturbador o fato de um incrédulo ficar entre pessoas crentes em Deus?”

Um membro do pessoal do ESG lhe enviou a seguinte resposta: “Podemos lhe dizer, Ben, que muitos membros de A.A. que foram e ainda são ateus ou agnósticos, têm podido manter-se longe do primeiro gole, dia após dia, colocando em prática os princípios da Irmandade representados pelos Doze Passos e as Doze Tradições. No que dizem respeito à fé, os AAs sóbrios caminham por trilhas muito diferentes. A.A. não é um programa religioso. Dizemos em nosso Preâmbulo que não estamos ligados a nenhuma seita ou religião, e que o único requisito para ser membro de A.A. é o desejo de parar de beber”.

Disse ainda que, “em muitos Grupos dos EUA e Canadá é tradicional encerrar as reuniões proferindo o Pai-Nosso ou a Oração da Serenidade, porém, cabe ao Grupo determinar fazê-las ou

não e como. É provável que, segundo alguns pioneiros, o costume de rezar o Pai-Nosso tenha sido herdado do Grupo de Oxford, precursor de A.A.

Os Arquivos Históricos de A.A. guardam materiais explicando que naqueles primeiros tempos em que não existia literatura própria e nem sequer a Irmandade tinha um nome, os Grupos pioneiros recorriam a leituras na Bíblia para inspiração e orientação. Com o tempo essa inclinação religiosa foi desaparecendo na medida em que ficava cada vez mais claro que o programa de recuperação de A.A. – na medida em que a Irmandade ia produzindo sua literatura, podia superar todas as barreiras, aí incluídas as barreiras étnicas, políticas, sexuais, sociais ou religiosas.

Contudo, o Pai-Nosso continuou a ser proferido em muitas reuniões ao redor do mundo. É razoável supor que esse costume de encerrar as reuniões com essa oração teve continuidade porque, como Bill W. explicou mais tarde, ‘não queriam encarregar aos oradores e coordenadores o trabalho, molesto para muitos, de criar suas próprias orações’. Está claro que em toda a história de A.A. a profissão de qualquer oração tem sido um ato estritamente voluntário. É procedimento adotado pela maioria dos Grupos, que o responsável pela coordenação, ao anunciar qualquer oração, peça aos presentes que o façam ‘se não tiverem objeção e assim o desejarem’”.

Na carta que Ben recebeu, o membro do pessoal do ESG faz notar: “Bill W. se declarou durante um tempo como sendo ateu ou agnóstico. Ele acreditava que esse assunto era uma questão de grande significado para A.A. e por isso foi dedicado ao tema integralmente o Capítulo IV do Livro Azul – Nós os Agnósticos. Também no folheto ‘Você pensa que é diferente?’, aparecem as histórias de um agnóstico e de um ateu. A experiência coletiva de A.A. sugere que, para alcançar a sobriedade e se manterem sóbrios, os alcoólicos precisam aceitar e depender de uma entidade ou força espiritual que reconheçam como superior a si próprios. Alguns escolhem o Grupo de A.A. como seu ‘Poder Superior’; outros ao ‘Deus conforme sua própria concepção’; e outros dependem de conceitos muito diferentes. O mais importante é que os membros, de forma individual, tenham completa liberdade para interpretar estes valores da maneira que melhor lhes convir; ou para não pensar neles em absoluto. Quanto a rezar o Pai-Nosso, ou, hoje em dia, a popular ‘Oração da Serenidade’ – ou participar de qualquer atividade do Grupo, a decisão cabe unicamente à maioria ou à consciência coletiva do Grupo. A mais ninguém.

Portanto, Ben, você não tem que participar de nenhuma oração, e se alguém se sente ofendido por isso, não é um problema seu, mas dele. E, enquanto a ser o ‘incrédulo’ do Grupo, isso também é assunto exclusivamente seu. É de se esperar que encontre um padrinho compreensivo que possa guiá-lo nos Passos e ajudá-lo a esclarecer suas dúvidas e acalme suas inquietações. Se você comparecer regularmente às reuniões e se mostrar disposto a servir o Grupo, seus novos companheiros, sem dúvida, irão lhe proporcionar uma acolhida muito positiva.

Também gostaria de lhe dizer que acredito que a totalidade é algo mais que a soma das partes. Em muitíssimas reuniões de A.A. a sala parece repleta de fé e amor e carinho mútuo. Estas coisas eu as sei de uma maneira diferente da costumeira maneira de saber; e, embora não possa demonstrá-lo, eu sei que é realidade. Alguns companheiros, conhecidos meus ao dizer Deus não se referem a um ser sobrenatural ou seguem o conceito judaico-cristão, porém, querem dizer uma ‘direção boa e ordenada’ e esse conceito me ajudou a abandonar o círculo de debate a respeito das crenças de outras pessoas”. <= **Fim da transcrição.**

A oração da Serenidade (a origem)

Do *Box 4-5-9*, Natal 2003 (pág. 3-4) http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday03.pdf

Título original: “*La Oración de la Serenidad: Tanta substancia de A.A. en tan pocas palabras*”

Início da transcrição => Para os AAs de todos os lugares, a querida Oração da Serenidade é um mantra para toda ocasião imaginável; uma brisa refrescante em um rosto avermelhado pela ira, uma curta canção de gratidão por boas notícias, um guia consolador diante das más notícias, - a segurança reconfortante de que o mundo vai-se desenvolvendo como deve ser.

David R., de Oakland, Califórnia, diz: “*Quando, num dia de calor escaldante, me encontro na rodovia 101 no meio de um congestionamento quilométrico, com centenas de caminhões parados devido a um acidente à frente, começo a recitar a Oração da Serenidade para me proteger contra a fúria da estrada, e obtenho o efeito desejado*”. Karen M., de Richmond, Virgínia, diz que, “*quando tenho que fazer alguma coisa que ameça com um ataque de nervos, como por exemplo, pedir ao meu chefe um aumento no salário ou pedir desculpas por não ter feito bem alguma coisa, recito a Oração da Serenidade várias vezes e isso me tranquiliza como se fosse uma arte de magia*”. John D., de Chicago, diz que a oração “*me ajuda tanto nos bons momentos quanto nos maus. Sempre aflora nos meus lábios de forma natural quando as coisas estão muito ruins, mas também trato de lembrá-la para agradecer a Deus quando as coisas estão indo bem, como no meu aniversário de A.A. ou nas raras ocasiões em que passo um fim de semana com a minha mulher*”.

Bill W., cofundador de A.A., disse: “*Nunca tínhamos visto tanta substância em tão poucas palavras*”. No livro “*Alcoólicos Anônimos atinge a maioria*”, Bill conta que no começo de 1942, Ruth Hock, a primeira secretária nacional de A.A., não alcoólica, mostrou a ele e a outros que se encontravam aglomerando o pequeno escritório de Nova York um pequeno obituário que tinha aparecido no Herald Tribune de Nova York que finalizava com estas palavras: “*Mãe - Deus conceda-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar. Coragem para mudar as coisas que eu posso e sabedoria para reconhecer a diferença. Adeus*”.

Alguém sugeriu que essas linhas fossem impressas em pequenos cartões de visita e incluí-los na correspondência emitida pelo escritório e assim a Oração da Serenidade começou a fazer parte integrante da vida de A.A. Desde então, foi traduzida para os muitos idiomas falados pelos AAs no mundo todo e é proferida em voz alta nas reuniões e silenciosamente nos corações. Durante mais de meio século a oração veio se entretecendo tão intimamente na filosofia de A.A. que parece difícil aos membros lembrar que não teve origem na experiência de A.A. Entretanto, a pesar de anos de investigação por parte de historiadores e inúmeras conjecturas por parte de amadores, a exata origem da Oração da Serenidade continua a ser um mistério. O

que parece indiscutível é a reclamação de autoria feita pelo teólogo **Reinhold Niebuhr (1892-1971)**, que numa entrevista disse haver escrito a oração como nota final de um sermão a respeito do cristianismo prático. Mesmo assim, Niebuhr admitiu alguma dúvida ao acrescentar “*supostamente, é*



Este é o recorte do texto que apareceu em 1941 no New York Herald Tribune.



Reinhold Niebuhr

possível que tenha estado muitos anos, inclusive séculos, aparecendo aqui e acolá, porém não acredito. Acredito sinceramente que eu próprio a escrevi”.

Com sua permissão, durante a Segunda Guerra Mundial a Oração da Serenidade foi impressa em cartões que foram distribuídos aos soldados americanos. Até então já tinha sido impressa pelo Conselho Nacional de Igrejas assim como também por Alcoólicos Anônimos.

Ao sugerir que a oração poderia ter aparecido aqui e acolá durante séculos, parece que Niebuhr estava certo. De acordo com Bill W.: *“Ninguém pode dizer com segurança quem foi o primeiro a escrever a Oração da Serenidade. Alguns dizem que veio dos antigos gregos; outros que saiu da pena de algum poeta inglês anônimo e outros que foi escrita por um oficial da marinha americana”.* Sua origem também foi atribuída a antigos textos sânscritos e aos distintos filósofos Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, e Espinosa. Um companheiro de A.A. encontrou entre *“Os seis erros do ser humano”* do escritor romano da antiguidade, Cícero, a seguinte frase: *“A tendência a se preocupar com coisas que não podem ser mudadas ou corrigidas”.*

De fato, ninguém encontrou o texto da oração entre os escritos destas supostas fontes originais. O que certamente são muito antigos, como a citação de Cícero, são as questões da aceitação, a coragem para mudar o que pode ser mudado e a disposição para se desprender daquilo que está fora da nossa capacidade para ser mudado. Com certeza, a busca da origem dessa oração tem sido como descascar uma cebola e às vezes é preciso recomeçar de novo. Por exemplo, em julho de **1964**, a Grapevine recebeu o recorte de um artigo publicado no Herald Tribune de Paris onde o correspondente informava ter visto em Koblenz, Alemanha, uma placa gravada com as seguintes palavras: *“Deus, concede-me o desprendimento para aceitar as coisas que não posso alterar; a coragem para alterar as coisas que posso alterar; e a sabedoria para distinguir uma coisa da outra”.*

Finalmente parecia haver aqui uma prova concreta com citação, autor e data da Oração da Serenidade. Más não. Quinze anos mais tarde, em **1979**, Peter T., de Berlim, disse a Beth K., membro do pessoal do ESG à época, que na sua primeira forma, a oração teve origem no filósofo romano **Boécio (480-524)**, autor de *“Os consolos da filosofia”.*

Existem mais reclamações e, sem dúvida, irão continuar as descobertas nos anos vindouros. Entretanto, uma ideia compartilhada por muitos é a de que, a Oração da Serenidade, seja qual for sua origem, antiga ou moderna, parece ter surgido de uma percepção humana fundamental e de uma sabedoria nascida do sofrimento.

Fora o Pai-Nosso e a oração de São Francisco, não há outras palavras e conceitos, ao mesmo tempo práticos e espirituais, que tantos membros de A.A. levem gravados nas suas mentes e em seus corações na sua viagem de sobriedade em direção a uma nova maneira de viver **(1)**.

Bill W. referiu-se a este fenômeno ao agradecer um amigo de A.A. que o presenteou com uma placa onde estava escrita a oração: *“Na criação de A.A., a Oração da Serenidade foi um bloco de construção muito valioso, realmente uma pedra angular **(2)**”.*

E falando em pedras angulares, mistérios e coincidências, um trecho da Rua 120 de Manhattan, que ladeia o prédio onde se encontra o ESG, entre as ruas Riverside e Broadway, é conhecido pelo nome Reinhold Niebuhr Place. <= ***Fim da transcrição.***

N.T. (1): *O uso desta ou de qualquer oração em um Grupo de A.A. e a forma de fazê-la – em pé ou sentados, antes e/ou depois da reunião - deverá ser aprovado pela consciência coletiva, devidamente esclarecida, do Grupo interessado. Dos Grupos*

que mantém este costume, alguns proferem a oração em pé, enquanto a maioria considera mais coerente e condizente com o propósito único de A.A., manterem-se sentados, até por consideração àquelas pessoas que eventualmente tenham objeção a respeito - para aqueles que acreditam, é o espírito que deve se elevar e não necessariamente o corpo se levantar.

O anúncio de qualquer oração deverá sempre ser acompanhado do aviso verbal de que sua profissão tem caráter estritamente voluntário e individual.

Em nenhuma circunstância deverão ser proferidas orações em reuniões públicas informativas nem em divulgações externas ou eventos comemorativos com a participação da comunidade. Não basta dizer que A.A. não está ligada a nenhuma religião: também não deverá parecer.

Embora a prática da oração seja sugerida no programa – particularmente no 11º Passo, a Irmandade não tem orações próprias; a prática ou não da oração é um assunto estritamente pessoal e, portanto, alheio à Irmandade.

Uso de Lemas, Frases e Adágios

Lemas em A.A. – algumas origens => A explicação do Escritório de Serviços Gerais – ESG, de Nova York a respeito destes lemas ou slogans (alguns ainda os identificam como “Princípios de ouro”), é a seguinte: “Nós não temos muita informação sobre as origens dos lemas e slogans usados em A.A., mas podemos compartilhar algumas informações preliminares. Muitos desses slogans, como acontece com outras práticas, em A.A., foram simplesmente repassados oralmente de uns membros para outros; por isso é impossível saber quem começou a utilizá-los primeiro. É possível que alguns dos slogans possa ter-se originado a partir de uma parte da linguagem Movimento Grupo de Oxford (ver **Grupo de Oxford**), mas também pode ser que eles tenham sido introduzidos por Bill W. o Dr. Bob e outros membros pioneiros.

Muitos membros perguntam com frequência a respeito das origens dos lemas e slogans, e sempre foi difícil responder. Em dezembro de **1958**, Ruth Hock (não alcoólica), que foi a primeira secretária do A.A., respondeu a uma pergunta semelhante sobre os diferentes slogans. Na sua resposta Ruth escreveu: ‘... Bill W. e eu trabalhamos juntos em janeiro de **1936**, quando ele tinha pouco mais de um ano de sobriedade e nesse tempo slogans como ‘Vá com calma’, ‘Viva e deixe viver’ e ‘Primeiro, as coisas primeiras’, faziam parte da conversação diária. Eles também foram utilizados por Bill W. no projeto do primeiro Livro Azul; assim, provavelmente só ele mesmo poderia dizer-lhe onde ele os apanhou ...

Até onde eu sei, todos os slogans acima foram introduzidos em A.A. pelo próprio Bill W. que os teria trazido de Vermont, onde ele nasceu.

Alguns deles poderiam ter sido usados em reuniões do Grupo de Oxford, mas não posso falar com certeza.’”.

Muitos Grupos costumam dispor cartazes e/ou quadros nas paredes internas da sala de reuniões com dizeres, frases, ditados, adágios ou preceitos muitas vezes de domínio público e uso comum e outras relacionadas com a Irmandade, que induzem a pensamentos e atitudes positivas no caminho da recuperação. Este costume parece ser que teve origem na introdução de alguns lemas no Big Book. (os três primeiros da lista abaixo constam no final do Capítulo A Família Depois, pg. 164);). Além desses:

- ✓ **Primeiro as coisas primeiras.**

✓ **Vá com calma; mas vá.**

✓ **Viva e deixe viver.**

N.T.: *Estes três lemas constam no final do Capítulo “A Família Depois”, pg. 164, do “Livro Azul”.*

✓ **Se você quer beber é problema seu; mas, se quer parar de beber, o problema é nosso.**

N.T.: *Conta Luiz M. (1929-1992), membro do Grupo Central do Brasil, no Rio de Janeiro, autor da apostila, “As origens de A.A. no Brasil”, que, passeando pela cidade, ao observar a propaganda do filme “I’ll Cry Tomorrow”, EUA, 1955 (no Brasil, “Eu Chorarei Amanhã”), no cinema Metro – que contava a histórica verídica de Lillian Roth (1910-1980), uma estrela da Broadway alcoólica que viria se tornar membro de A.A., prestou atenção numa fotografia de divulgação que mostrava uma sala com várias pessoas, fazendo lembrar uma reunião de A.A.; em um quadro negro na parede, estava escrita com giz uma frase em inglês, que depois de traduzida, o Grupo Central do Brasil a adotou como slogan e a partir dele resultou num dos lemas mais conhecidas de A.A. no Brasil: “Se você quer beber, o problema é seu; mas, se você quer parar de beber, o problema é nosso”.*

http://en.wikipedia.org/wiki/Lillian_Roth

Ver sinopse do filme em: <http://www.imdb.com/title/tt0048191/>

Ver trailer do filme em: <http://www.youtube.com/watch?v=TFcuyRB29Vs>

Para adquirir o livro: <http://www.amazon.com/Ill-Cry-Tomorrow-Lillian-Roth/dp/0811903850>

✓ **Sapateiro, não vás além da tua chinela.**

N.T.: *Este ditado inicia o entendimento do autor no capítulo referente à Quinta Tradição na página 135 da edição 2013, e na mesma página das edições anteriores, do livro Os Doze Passos e as Doze Tradições – Junaab, código 105; origina-se da frase latina “Ne sutor ultra crepidam (iudicaret)”.*

O ditado tem diferentes versões. Algumas adotam ordem diferente, o que, em latim, é trivial. Outras acrescentam um verbo, “iudicaret”. Outra versão põe “sutor” no vocativo.

*O sentido desse ditado é apenas pedagógico, pois sabedoria, inteligência, pernilongos e má-fé voam por toda parte. “Ne sutor ultra crepidam” significa, ao pé da letra, “**não vá o sapateiro além do sapato**”, Em tradução corrente, “Não vá o sapateiro além dos chinelos / das sandálias / dos sapatos”. Em versão mais pedestre, “não dê palpites quando não conhece o assunto”.*

A história é atribuída a Apeles, pintor e escultor grego que viveu na Jônia, na segunda metade do século IV a.C. Deu-se o seguinte: tendo Apeles terminado belíssima peça retratando uma divindade do Monte Olimpo, apresentou-se um rude fabricante de sandálias da Ilíria chamando a atenção de Apeles para um erro nas sandálias da divindade. Apeles apressou-se a corrigir a falha.

Terminada a correção, o fabricante de sandálias, entusiasmado, começou a fazer observações e críticas sobre o nariz e o queixo da figura retratada. Apeles apelou: - Não, isso eu não aceito, é demais! Não queiras ir além das sandálias! E o ditado pegou, passou da Grécia para Roma levada por Valério Máximo (século I a.C.), que era



latino e registrou a fala num dos volumes de “Fatos e Ditos Memoráveis”. Há, ainda, autores que atribuem o registro deste episódio a **Plínio, o Velho (23 d.C.-79 d.C.)**.

Entre várias fontes:

<http://zmauricio.blogspot.com.br/2010/07/lenda-do-sapateiro.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_express%C3%B5es_idiom%C3%A1ticas_de_origem_hist%C3%B3rica_ou_mitol%C3%B3gica

<http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2013/09/19/ne-sutor-ultra-crepidam/>

✓ **Hoje, já não estou mais só.**

N.T.: Esta frase parece ter sido retirada da história pessoal da Marty Mann, “As Mulheres Também Sofrem”, publicada nas Edições americanas 2ª, 3ª e 4ª do livro “Alcoólicos Anônimos”.

“...De volta a Greenwich, Marty contou de sua viagem ao Brooklyn para uma amiga íntima, outra alcoólica de Blythewood: - Grennie, **não estamos mais sozinhas**, disse ela, uma afirmação hoje famosa em A.A., porque resume o alívio que todo alcoólico isolado sente quando encontra a Irmandade” (Levar Adiante, Junaab, código 118).

✓ **Raramente vimos fracassar alguém que seguiu cuidadosamente nosso caminho.**

N.T.: Início do primeiro parágrafo do Capítulo 5, página 87, do Livro Azul – Junaab, código 102

✓ **Mas (ou, Somente) pela Graça de Deus.**

N.T.: Esta frase, “**But for the Grace of God**” – tradução livre, “Mas pela Graça de Deus” (à direita), disposta em cartazes em muitos Grupos de A.A. ao redor do mundo, é encontrada reproduzida várias vezes na literatura de A.A. já desde o primeiro livro, “Alcoólicos Anônimos”.

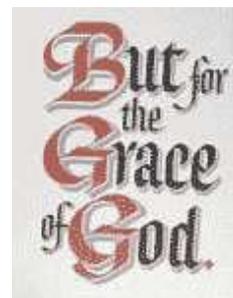
Não há certeza de onde o adágio foi retirado para sua inclusão na linguagem da Irmandade. Entretanto, uma pista podem ser os costumes ou procedimentos do movimento Companheirismo

Cristão do Primeiro Século que, entre 1928 e 1938 se chamaria Grupo de Oxford – depois Movimento do Rearmamento Moral e atualmente atende pelo nome Iniciativas de Mudança Internacional do qual fizeram parte vários pioneiros de A.A. – o mensageiro de Bill W., Ebby T., o próprio Bill, o Dr. Bob, Hank P., Fitz Maio, etc. Seus membros realizavam estudos bíblicos usando como referência a Bíblia escrita na versão do rei James; assim, a frase poderia ter sido retirada desta passagem:

Coríntios 15:10 (na versão do rei James)

“**Mas, pela graça de Deus** sou o que sou: e sua graça que foi dada a mim não foi em vão, mas eu trabalhei muito mais do que todos eles: não eu, mas a graça de Deus que está comigo”.

<http://www.biblegateway.com/passage/?search=1+Corinthians+15%3A10&version=KJV>.



Também, em algumas das reuniões desse movimento evangélico, era cantado o hino “**Amazing Grace**” ou recitada sua letra que, para os pioneiros alcoólicos que participavam daquelas reuniões, poderia ser associada à recente obtenção da sobriedade.

"Amazing Grace" é um conhecido hino tradicional protestante com a letra escrita pelo inglês John Newton. Quando "Amazing Grace" foi publicado pela primeira vez no "Newton's Olney Hymns" – em 1779, somente a letra fora impressa sem partitura musical alguma. Acredita-se também que o texto era recitado na época e não cantado.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Amazing_Grace

http://pt.wikipedia.org/wiki/Imita%C3%A7%C3%A3o_de_Cristo

Assista o vídeo => http://www.clarrissegill.com/videoclips/amazing_grace.php

(ou coloque para pesquisa "Amazing Grace" e escolha o interprete da sua preferência para ouvir este belíssimo hino).

Esta frase também é usada num dos lados da medalha que identifica os participantes do Movimento de Retiros "Matt Talbot" – uma associação criada em 1941 por membros de A.A. para a prática de retiros espirituais de alcoólicos recuperados ou em recuperação. Embora a maioria dos participantes sejam membros de A.A., não há nenhuma ligação entre A.A. e os Retiros "Matt Talbot". No entanto, os Retiros são destinados a promover e melhorar a recuperação espiritual, tal como sugerido pelo Programa dos Doze Passos de AA.



Veja: **Movimento Matt Talbot**

✓ **Não posso mudar o vento, mas posso ajustar as velas.**

N.T.: "Você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quer". Confúcio (551 a.C.-479 a.C.)

<http://kdfrases.com/frase/99111>

✓ **Noventa reuniões em noventa dias.**

N.T.: Ninguém pode afirmar com total segurança a respeito das raízes de "90 reuniões em 90 dias". Nenhuma das pessoas que trabalham no Escritório de Serviços Gerais pode dizer onde se originou esse conselho ouvido em algumas reuniões de A.A. No Livro Azul ou no livro Doze Passos e Doze Tradições, não aparece nenhuma sugestão neste sentido. Entretanto, nos anos 1950 apareceu na Grapevine a menção de 90 dias como um ponto importante da sobriedade. Um artigo na edição de janeiro de 1959 - parte de uma série a respeito de palestras nas reuniões de novos, tinha o título "A prova dos 90 dias". Nesse artigo é sugerida a possibilidade de dizer ao iniciante: "Gostaria de lhe propor que tome a decisão de se afastar da bebida por 24 horas por dia durante os próximos três meses. E também assistir a muitas reuniões, todas as noites, se for possível.. Sem dúvida, você pode dedicar 90 dias de sua vida a essa experiência. Podem resultar os 90 dias mais úteis de toda sua vida. Pode determinar se é alcoólico, e se o é, é bom sabê-lo".

Para alguns membros da Irmandade, faz muito sentido sugerir aos iniciantes que entrem plenamente no programa de A.A. nos primeiros meses. Os iniciantes que seguem esta sugestão estão livres de decidir se vão ou não assistir a uma reunião. Vão assistir e pronto.

Entretanto, outros acreditam que o conceito de "90 reuniões em 90 dias" vai contra o enfoque de A.A. de um dia de cada vez e, sugerir aos iniciantes que façam planos para daqui a três meses é pedir demais. Um membro de A.A. escreveu numa carta

publicada pela Grapevine em março de 1988: “*Se me houvessem exigido fazer qualquer coisa durante um período superior a 24 horas, provavelmente teria ido embora*”.

Por outro lado, alguns membros de A.A. com vários anos de sobriedade dizem que estão assistindo a “90 reuniões em 90 dias” para reforçar seu programa.

No geral, os membros e os Grupos têm boas intuições para encontrar o que lhes dá resultado para manter a sobriedade. Obviamente, não há regras que determinem a quantas reuniões alguém deva assistir. O essencial é o que funciona para o indivíduo.

Box 4-5-9, Abr. Mai./2007 (pág. 6) =>

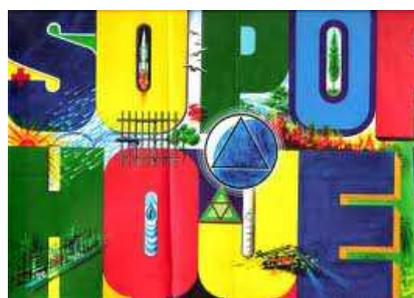
http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may07.pdf

Título original: “*Los oscuros orígenes de ‘90 reuniones en 90 días’*”

✓ **Só por Hoje**

N.T.: Esta frase é a raiz dos Cinco Princípios do **Reiki** e deriva da expressão japonesa **Kyo dake wa**, que também quer dizer “*Aqui e Agora*”. Com isto se quer assinalar a importância do presente.

Só *Aqui e Agora* é que uma pessoa pode ser realmente feliz, amar, descobrir-se a si mesmo, sentir a vida, desenvolver seus talentos e atuar em proveito de todos.



Quem coloca sua maior atenção no passado ou no futuro para superar os desafios cotidianos da vida, terá menos êxito e não aprenderá tanto como quem tenha sua consciência no presente.

No “*Aqui e Agora*” se encontra a chave do portal que está fechado e que separa o mundo material o reino do Amor e da Luz.

Uma das mensagens fundamentais do caminho místico do Reiki é o seguinte:

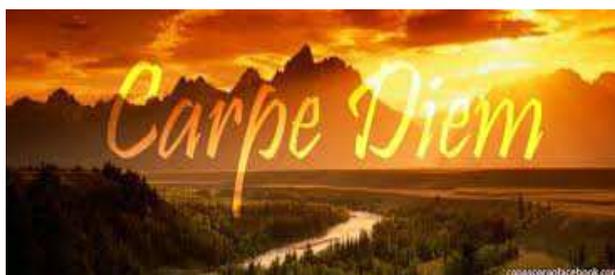
“Permaneça com tua consciência no Aqui e Agora. Somente assim alcançará a Grande Luz! Só assim poderá conduzir sua vida para melhor e de forma espiritualmente mais adequada”.

Os Cinco Princípios são:

- 1) *Kyo Dake Wa, Ikaru Na* (Só por hoje, não sinta raiva).
- 2) *Kyo Dake Wa, Shinpai Suna* (Só por hoje, não se preocupe).
- 3) *Kyo Dake Wa, Kansha Shite* (Só por hoje seja grato).
- 4) *Kyo Dake Wa, Gyo-o Hage Me* (Só por hoje, faça suas obrigações).
- 5) *Kyo Dake Wa, Hito Ni Shinsetsu Ni* (Só por hoje, seja gentil com todos).

http://casadaenergia.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=66

Só por Hoje também poderia ser um derivativo da expressão latina **Carpe diem** retirada da obra *Odes* (I, 11.8) do poeta romano **Horácio** (*Quintus Horatius Flaccus*, 65 - 8 a.C.), e é popularmente traduzida para *colha o dia* ou *aproveite o momento*. É também utilizado como uma expressão para solicitar que se evite gastar o



tempo com coisas inúteis ou como uma justificativa para o prazer imediato, sem medo do futuro.

Literalmente, esta frase significa *Colhe o dia presente e sê o menos confiante possível no futuro*. Ela resume o poema que a precede e no qual Horácio busca persuadir *Leuconoe* a aproveitar o momento presente e dele retirar todas as suas alegrias, sem se inquietar nem com o dia nem com a hora de sua morte.

Tornado célebre junto ao grande público desde a antiguidade, o excerto *Carpe diem* é objeto de uma má interpretação: “*Aproveita o dia presente*” (quando as duas palavras significam “*colhe o dia*”), é compreendido como uma incitação ao mais forte hedonismo, talvez o mais cego, ele perde toda relação com o texto original que, ao contrário, incita a bem saborear o presente (sem, porém recusar toda e qualquer disciplina de vida), na ideia de que o futuro é incerto e que tudo é destinado a desaparecer.

No filme “*A Sociedade dos Poetas Mortos*” (1989), o personagem de Robin Williams, Professor Keating, utiliza-a assim:

“Mas se você escutar bem de perto, você pode ouvi-los sussurrar o seu legado. Vá em frente, abaixe-se. Escute, está ouvindo? - Carpe - ouve? - Carpe, carpe diem, colham o dia garotos, tornem extraordinárias as suas vidas”.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Carpe_diem

✓ **Pense, pense, pense.**

N.T.: *Esta frase encontra-se entre os cinco lemas mais conhecidos nos Grupos de A.A.; os outros são: “Mas, pela graça de Deus”, Primeiro as primeiras coisas”, “Viva e deixe viver” e “Vá com calma”.*

Parece ser que foi retirada de um o slogan corporativo usado pela IBM durante as primeiras décadas da história de A.A.



Um executivo sênior da IBM hospedou-se em um quarto de motel e ficou bebendo durante uma semana; alguns membros de A.A. o abordaram e começaram a leva-lo para reuniões. Lá ele se familiarizou com os outros slogans de A.A. Quando ele reapareceu no trabalho descobriu que, enquanto ele estava fora, tinha chegado uma remessa de cerca de 2000 placas de madeira medindo 17,5x7,5cm com a palavra “Pense” (Think), que foram distribuídas pelas mesas dos escritórios.

Nosso companheiro da IBM decidiu que essa coisa, “pense”, seria boa para as reuniões de A.A. O seu Grupo aceitou bem essa ideia; logo se espalhou por outros Grupos e acabou por se tornar familiar.

Entre setembro de 1956 e fevereiro de 1957, o A.A. Grapevine publicou um slogan por mês na contracapa contendo, a cada mês, um dos slogans. O último foi “Pense, pense, pense”.

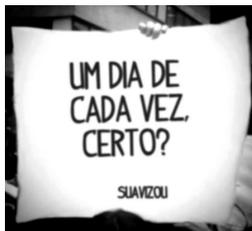
<http://anonpress.org/faq>

✓ **Um dia de cada vez**

N.T.: *Esta frase, que aparece varias vezes na literatura de A.A. – nas histórias pessoais dos pioneiros, nos livros “Na opinião de Bill” e “Doze Conceitos...”, parece ter sido retirada de um folheto do então Grupo de Oxford chamado “Os Quatro Absolutos” (honestidade absoluta, abnegação absoluta, pureza*



absoluta e amor absoluto), por muito tempo usados por Grupos de A.A. – à direita, alguns ainda na atualidade, particularmente na região de Cleveland, Ohio) onde, no final do folheto, lê-se: “Lembre-se de nossas quatro perguntas: ‘É verdadeiro ou falso?’, ‘É certo ou errado?’, ‘Como isso afetará o outro companheiro?’ e ‘É feio ou bonito?’”. Responder a estas perguntas todos os dias com integridade absoluta, e seguindo os ditames dessas respostas **um dia de cada vez**, certamente vai nos levar bem em nossa jornada em direção a absorção e aplicação dos Absolutos”.



"Um dia de cada vez" aparece em muitas histórias pessoais publicadas no Big Book e em "Na Opinião de Bill" e "Doze Conceitos para o Serviço Mundial", entre outros livros e panfletos.

<http://anonpress.org/faq>

✓ **Vá com Calma - Easy Does It**

N.T.: Publicado numa coletânea de lemas de A.A. na Grapevine de julho de 1948 é um dos lemas mais úteis adotados em A.A. Este bom conselho é tão universal que é qualificado como a expressão de uma das etapas fundamentais na reabilitação pessoal.

Se estas palavras forem aplicadas com sinceridade e de forma inteligente, facilitará enormemente o caminho dos recém-chegados em A.A. evitando “escorregadas” e promovendo o desenvolvimento de uma vida madura dentro e fora de A.A. Os axiomas são apenas palavras em si mesmas, é claro, e a fraseologia tornou-se banal em muitos casos. Os pseudointelectuais são especialmente desdenhosos dos ditos antigos, e os observadores, incluindo os menos esnobes, podem esquecer o valor que se encontra no significado destas palavras.



Copyright © The A.A. Grapevine, Inc., July 1948

<http://desdeakron.blogspot.com.br/2011/07/easy-does-it.html>

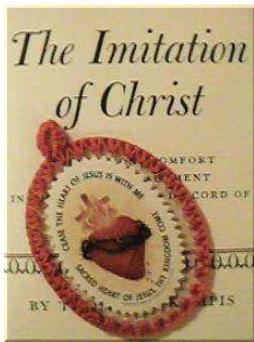
Fichas e medalhas por tempo de sobriedade (origem)

O sistema de entrega de fichas parece ter começado em Indianápolis em 1942. A tradição é creditada a Doherty S., que originalmente trouxe A.A. para Indianápolis. O próprio Doherty teria escrito uma carta a Bill W. lhe comunicando o início dessa prática em Indianápolis em 1942. Em 1962 Nell Wing escreveu sobre a história do sistema de chip: "... O sistema de chip pode ter começado em Indianápolis e Esta referência foi feita em uma carta de Doherty a respeito de dar 'fichas'. Isso foi em 1942. Eu imagino que a época estaria correta, porque a maioria dos primeiros Grupos começaram em 1940 e levaria cerca de um par de anos para pensar em aniversários e o registro cronológico do tempo de sobriedade. Perguntei a Bill sobre este assunto e ele lembrou que esta prática tinha começado em Indianápolis”.

Há, ainda, outra versão que indica que a prática de usar fichas para celebrar o aniversário de sobriedade teria sido iniciada em 1947 e é atribuída a um Grupo de Elmira, Nova York. Muito provavelmente este costume teria sido herdado dos membros do Grupo de Oxford que assim comemoravam seus aniversários de renascimento espiritual.

Assim, devido à grande variedade de versões, não se pode afirmar com exatidão em que Grupo se iniciou esta prática, ou quando e como se espalhou para outros Grupos. Como com muitas coisas que acontecem em A.A., a natureza exata da história não está devidamente registrada.

O costume atual de muitos Grupos celebrarem os aniversários de sobriedade de seus membros, uma prática que não diz respeito ao programa de A.A. na sua essência – mas também não se opõe, remete aos primeiros tempos da Irmandade. Este costume começou com iniciativas individuais e depois se estendeu às celebrações comunitárias; os costumes variam muito conforme os Grupos e as regiões.



A Irmã Inácia, a freira que ajudou o Dr. Bob nas internações de alcoólicos no Hospital St. Thomas, em Akron, parece ter sido a primeira a usar medalhas para incentivar alcoólicos a manterem a sobriedade. Ela dava a cada alcoólico que recebia alta do hospital uma medalha do Sagrado Coração (direita) e fazia-lhe prometer que a devolve-se pessoalmente a ela antes de tomar o primeiro trago se decidisse voltar a beber. Ela teria seguido o exemplo de um movimento pró-temperança - *Padre Mateus*, criado na Irlanda (a irmã Inácia era imigrante irlandesa) por volta dos anos de **1840** que teria iniciado esse procedimento.

Entre as primeiras evidências destas celebrações individuais, aparece uma de Clarence S. cofundador do primeiro Grupo propriamente dito de A.A. (o primeiro Grupo com o nome *Alcoólicos Anônimos*) em Cleveland. Clarence ingressou no Grupo de Akron, o primeiro Grupo de A.A., em 11 de fevereiro de **1938**. Ele fez um medalhão com uma moeda de um dólar de prata onde fazia um furo passante a cada ano que conseguia manter a sobriedade. Carregou esse medalhão em seu pescoço até morrer em 22 de março de **1984**. Nessa data, o medalhão tinha 46 furos (à direita).



Fichas de sobriedade nos primeiros tempos de A.A.

O Grupo de Portland, Maine, usa fichas de pôquer de nove cores: a ficha branca é entregue no ingresso; se o membro não recai, após trinta dias recebe uma ficha vermelha; a ficha azul para dois meses, a preta para três meses, verde para quatro meses, azul transparente para cinco meses, âmbar para seis, roxo transparente para nove meses e uma ficha branca transparente por um ano de sobriedade continuada. As fichas estão impressas com as letras AA em dourado. A cada ano seguinte, o membro recebe um cartão de aniversário assinado pelos presentes.

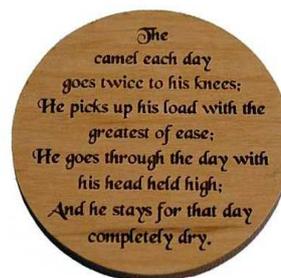
Em Charlotte, Carolina do Norte, ao receber a ficha branca no final da reunião o ingressante está admitindo diante de seus novos companheiros que aceita os preceitos de A.A. e se dispõe a iniciar o caminho da sobriedade. Após três meses troca a ficha branca por uma vermelha. Mais tarde uma ficha âmbar transparente indica que este membro tem desfrutado seis meses de um novo modo de vida. Uma ficha verde-clara sinaliza que ele manteve a

sobriedade durante nove meses e recebe uma ficha azul quando completa um ano de sobriedade. Em alguns Grupos, os padrinhos presenteiam seus afilhados com uma ficha de prata gravada quando completam cinco anos de pensamento claro e vida limpa.

Em Artesia, Novo México, alguns Grupos entregam esferas de mármore do tamanho de bolinhas de gude. Outros Grupos alternam essas bolinhas com fichas coloridas ou metálicas.

O Grupo Larchmont, de Larchmont, Nova York dá uma estatueta de um camelo feita em bronze fundido montada numa base de mogno para celebrar os aniversários de um, cinco e dez anos de sobriedade. A figura do camelo simboliza o propósito da maioria dos AAs, ou seja, viver 24 horas sem bebida.

A figura do camelo também é associada pelo Dr. Bob associando ao ato de orar “... *Dr. Bob explicava as orações contando como os camelos, em uma caravana, ficavam de joelhos à noite e os homens descarregavam suas cargas. Pela manhã, ficavam de joelhos outra vez e os homens colocavam a carga de volta. ‘É a mesma coisa com a oração’, dizia o Dr. Bob, ‘À noite, ficamos de joelhos para descarregar. E pela manhã, quando nos ajoelhamos outra vez, Deus nos dá exatamente a carga que somos capazes de carregar nesse dia’*” – na página 236/4/1 do livro “*Dr. Bob e os Bons Veteranos*”, Junaab, código 118.



“O camelo se ajoelha duas vezes por dia, transporta cargas com a maior facilidade de cabeça erguida e passa longos períodos sem beber”.

<http://www.barefootworld.net/aachips.html>

Fichas e medalhas por tempo de sobriedade (no Brasil)

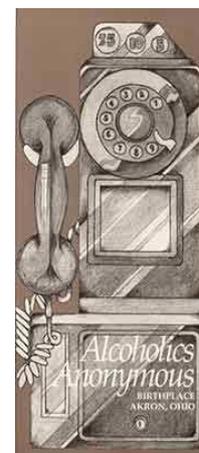
O texto a seguir foi extraído do livro “Alcoolismo - Queda e Recuperação”, de Luiz M., membro de A. A. no Rio de Janeiro, falecido em 1992, e recolhido no sítio:

<http://www.aacarmosion.com/2011/12/historia-do-uso-das-fichas-no-aa.html>

Início da transcrição => A história do uso das fichas no A.A. Brasileiro. Pelo menos até o início da década de **1950**, quando não havia sido publicado Os 12 Passos, que só ocorreria em **1953**, os AAs dos Estados Unidos adotavam, como programas de abstinência, os slogans: “*Se tem que tomar um trago, não o tome*” (revista Seleções, dez. **1947**), e “*Só por hoje*” (revista Seleções, fev. **1954**). Não se falava em “*evitar o primeiro gole*” ou em “*programa de 24 horas*”, sugestões que me parecem, levam muito do reconhecido “*jeitinho brasileiro*”.

Não havia ainda, também, uma estrutura de apoio suficientemente organizada, pois o primeiro escritório de serviços situado em Versey Street, Nova York, havia nascido em **1940** muito mais como suporte à Editora que havia sido criada para o lançamento do Livro Azul, que não dispunha de recursos humanos suficientes para atender, particularmente, os poucos membros em vacilação, os quais, por outro lado, contavam com poucos grupos e poucas reuniões em Nova York.

Certamente preocupados com esses aspectos imaginaram um sistema que mantivesse viva na lembrança dos que se recuperavam e nasceu um programa intitulado “*Psicologia do níquel do telefone*”, que consistia em estimular os companheiros a conduzirem no bolso, número de telefone de



outro, junto com um níquel (N.T.: *moeda fracionária de dólar*) para, nos momentos de vacilação, antes de voltarem a beber, usarem. Deu certo. Foi substancial e muito animador o índice de recuperações.

Essa campanha, através do boletim mundial, chegou ao conhecimento de um A.A. brasileiro ainda engatinhando, apalpando no escuro, que tudo fazia na base do “*deve ser assim*” porque o nosso saudoso fundador Herbert L. D., quando para aqui veio, também quase nenhuma experiência institucional possuía e, pois embora com muita disposição e boa vontade, pouco podia ilustrar.



Mas surgiu logo um grave problema. Como adotar aqui essa campanha, com o fechadíssimo conceito de anonimato de então, quando os poucos membros nem mesmo davam os seus nomes? Como usar um “*níquel do telefone*” objeto, então muito raro, tanto particular como publicamente? Era, na época, privilégio de muito poucos a posse de um aparelho telefônico e Escritório de Serviço, nem pensar! . .

Foi quando alguém lembrou que recentemente, o Governo Federal havia fechado todos os cassinos e, portanto, nas lojas de material especializado deveria estar enalhado tudo que usavam, inclusive fichas das mais variadas cores.

Era a solução. Nasceu assim, com o clássico “*jeitinho brasileiro*” um sucedâneo para o “*níquel do telefone*”.

E essas fichas, nestes anos de A.A. no Brasil, estão nos bolsos de milhares de companheiros, lembrando-lhes a última reunião que estiveram presentes, os depoimentos que calaram fundo, os novos fatos na vida de cada um, o progresso, tanto material como espiritual, conquistado.

Representam as fichas, de certa forma, uma “*tradição*” do A.A. brasileiro que, ultimamente registra com alegria sua adoção por AAs, dos outros Países, incluindo os companheiros dos EUA.

A sequência de cores parece ter sido aleatória, com base nos estoques encontrados nas lojas, e são: 1º amarela, para o ingresso; 2º Azul, trocada pela amarela aos 3 meses; 3º rosa, aos 6 meses; 4º vermelha, aos 9 meses; 5º verde, com 1 ano; 6º verde-gravata, que não é trocada, aos 2 anos; 7º branca-gravata; aos 5 anos, 8º amarela-gravata, aos 10 anos; 9º azul-gravata, aos 15 anos; 10º rosa-gravata, trocada aos 20 anos; 11º vermelha-gravata, aos 25 anos e, atualmente, a última; 12º verde-gravata, clara de um lado e, verde clara circulada por losangos com todas as cores das fichas anteriores, aos 30 anos. A “*troca*”, até a ficha de 2 anos era feita pela vontade, o desejo do companheiro de que a ficha que estava devolvendo, que tanto lhe trouxe, que tanto de seu calor humano continha, fosse levar, ao novo portador, tudo aquilo que conquistara. Havia muito sentimento de fraternidade, nessas solenidades.

Por outro lado, no caso de uma infortunada recaída, devia o companheiro sigilosamente, com o seu padrinho ou algum companheiro de sua absoluta confiança “*quebrar*” essa sua ficha evitando o prosseguimento de seu círculo de imagem negativa.

Essa é a história das fichas no Brasil. Não tem qualquer procedência outras histórias, especialmente a que diz que elas lembram as chapinhas guardadas por Bill e Bob, da última cerveja que tomaram primeiro porque eles nunca beberam juntos, segundo porque, se um alcoólico ativo não guarda coisas importantes não seria uma simples chapinha que ia guardar. <= ***Fim da transcrição.***

O mesmo **Luiz M. (1929-1992)**, em sua história (autorizada) “*Origens de A.A. no Brasil*” (1) – coletânea que abrange o período entre os anos **1945** e **1992**, ano da sua morte, conta que em **1962 Raimundo R.** foi eleito Secretário-geral de A.A. no Rio de Janeiro e “...*Das variadas realizações de Raymundo R., apenas uma criou sérios e divergentes problemas no A.A. brasileiro - a criação das fichas de ouro para homenagear os companheiros quando completassem dez anos de sobriedade e participação; uns alertaram para o fato de que, sendo o A.A. uma irmandade calcada na espiritualidade, o ouro, como o mais completo símbolo do poder material, seria um símbolo inadequado em nosso meio; outros alegavam que, sendo o A.A. uma Irmandade pobre e que assim devia permanecer, como poderia oferecer fichas de ouro e, finalmente, havia os que argumentavam que, naquele momento ou nos imediatos anos seguintes, seria fácil brindar os poucos companheiros que estavam ou estariam completando dez anos, mas, mais adiante, esse número de companheiros iria crescendo e, os grupos, não tendo condições para adquirir essas fichas de ouro, criariam dentro de A.A. duas castas: a dos que tinham fichas de ouro, e a dos que não podiam ter. De qualquer forma, a ficha foi introduzida no A.A. e, atualmente, muitos são os companheiros que completaram os seus dez anos e não receberam a ficha de ouro*”.

N.T. (1): *Maiores informações a respeito desta coletânea podem ser obtidas no Grupo de origem de Luiz M., o Grupo Central do Brasil de A. A. Rua Prof. Clementino Fraga Filho, nº 22 (Igreja de Santana - Reuniões 3ª e 6ª feiras). Caixa Postal: 16.070 CEP: 20.221, Rio – RJ. A história foi redigitada por Ricardo Gorobo - Gr. Paquetá.*

Vale dizer que o ato da entrega de fichas, sua frequência e a forma de fazê-lo ou não, é uma prerrogativa de cada Grupo em particular adotada conforme sua consciência coletiva. Ainda assim, a aceitação ou recusa da ficha é de livre vontade de cada membro. Muitos AAs celebram seus “*aniversários*” fazendo doações voluntárias e anônimas aos Órgãos de Serviço conforme suas poses ou doando literatura a companheiros novos. Os Grupos deverão sempre evitar fazer entrega de fichas e/ou homenagens em reuniões de divulgação ou de Informação ao Público.

É consenso que as fichas celebram o *tempo de sobriedade continuada* – sem recaída, que é, também, o tempo que conta para pleitear qualquer encargo na estrutura de A.A. Como ninguém pode ser fiscalizado, este tempo baseia-se numa *afirmação moral* do membro. O *tempo de Irmandade* é contado desde quando o membro manifestou seu desejo de nela ingressar. Não existindo infração, penalização, punição nem expulsão não existe reingresso na Irmandade, mas sim, *retomada* do tempo de sobriedade a partir de uma eventual recaída.

A forma de apresentação dos membros

Box 4-5-9, Primavera (março) 2012 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring12.pdf

Título original: *‘Me llamo... y soy alcohólico’*

“Meu nome é... e sou alcoólico/a”

Eis uma das frases mais ouvidas nas reuniões de A.A. em quase todos os lugares do mundo. Mas, de onde vem? Por que a dizemos? E, devemos continuar a fazê-lo?

Parece claro que a identificação é um conceito importante em A.A. Na realidade, podemos considerá-la a chave da filosofia de A.A. – um alcoólico ajudando a outro alcoólico.

Entretanto, por se tratar de uma Irmandade com grande variedade de sugestões, mas sem regras oficiais, é necessário que uma pessoa diga, como muitos dizem ao apresentar-se em uma reunião, que é alcoólica?

Nos primeiros anos de formação de A.A., Bill W., um de seus cofundadores, se debatia com a dúvida referente a esta questão e escrevia com frequência a respeito do dilema que enfrentavam os recém-chegados enquanto lidavam com a doença, talvez pela primeira vez e no contexto relativamente público de uma reunião de A.A.

Bill argumentava de forma incisiva que devia ser oferecida ao recém-chegado a maior liberdade possível para decidir como e quando se identificaria como alcoólico. Em um artigo escrito para a *Grapevine* com o título “*Quem é membro de Alcoólicos Anônimos?*” – artigo este que mais tarde iria formar a base da Terceira Tradição, Bill comentou: “*Esta é a razão pela qual julgamos cada vez menos o recém-chegado. Se para ele o álcool é um problema incontrolável, e ele quer fazer algo a respeito, não lhe requeremos mais... Atualmente, na maioria dos Grupos, nem sequer é preciso dizer que é alcoólico. Qualquer um pode-se juntar a A.A., apenas suspeitando que seja alcoólico ou que já perceba os sintomas mortais da nossa doença*”.

Bill esclareceu ainda mais sua opinião nas palavras que aparecem no folheto “*As Doze Tradições ilustradas*” (JUNAAB, código 106,), na seção que trata da Terceira Tradição: “*Quem decide se o recém-chegado é ou não qualificado? Se quer mesmo parar de beber? Ninguém, obviamente, exceto o próprio recém-chegado; todos os demais simplesmente têm que aceitar sua palavra. Na realidade, ele não tem sequer que afirmar isso em voz alta. E isso foi uma sorte para muitos de nós, que chegamos em A.A. apenas com um vago desejo de ficarmos sóbrios. Estamos vivos porque o caminho de A.A. se manteve aberto para nós*”.

Ao se apresentar para falar, Bill W., muito raramente - para não dizer nunca, se identificava como alcoólico, e não há nada na literatura de A.A. aprovada pela Conferência (EUA/Canadá), que indique como os membros devem apresentar-se nas reuniões de A.A., nem sequer que seja necessário fazê-lo. Entretanto, nos dias de hoje, pode haver momentos muito tensos nas reuniões quando um membro não se apresenta como “*alcoólico/a*” ou, mais tensos ainda, quando se complementa essa identificação com palavras tais como “*sou um alcoólico cruzado*”, “*sou adicto*” ou “*alcoólico e dependente de outras drogas*”.

Muitos membros acreditam que essas complementações são preocupantes porque podem representar uma ameaça à nossa unidade e unicidade de propósito. Em um artigo publicado em janeiro de **1990** na revista *Grapevine*, Rosemary P., antiga delegada de Pittsford, Nova York, escreveu: “*Quando em um evento de A.A. digo que sou ‘alcoólica e dependente de outras drogas’ ou ‘dependente cruzada’, estou-lhes dizendo que sou um caso especial de bêbada, que meu alcoolismo é diferente do seu. Estou dando uma dimensão extra à minha doença – dimensão esta que, dada a unicidade de propósito, não é apropriado mencionar em uma reunião de A.A. Quebrei nosso vínculo pela metade e, mais importante ainda, diluí meu próprio propósito para estar ali*”.

Mas, de onde veio este costume de identificar-se como alcoólico/a e como acabou por se gravar tão indelevelmente na paisagem de A.A. do século XXI?

Da mesma maneira que em outros assuntos relacionados com A.A., ninguém sabe com segurança qual foi a origem deste costume e já com muito poucos pioneiros ainda entre nós, poucos são aqueles que podem oferecer alguma pista plausível, e além destas pistas, há apenas especulações.

Entretanto, de acordo com uma amiga de A.A. desde seus primeiros tempos, *Henrietta Seiberling*, a expressão remonta às reuniões do Grupo de Oxford que tiveram seu apogeu no começo da década de **1930**. A Sra. Seiberling, não alcoólica, frequentava o Grupo de Oxford em Akron, em busca de ajuda espiritual e foi ela que arranjou o primeiro encontro entre Bill W., e o Dr. Bob, que naquele momento estava tentando se esforçar para lidar com seu problema com a bebida também

freqüentando o mesmo grupo que Henrietta. Nessas pequenas reuniões, todos os participantes se conheciam e não tinham necessidade de se identificar. Porém, nas grandes reuniões “públicas”, onde os participantes “*testemunhavam*” - de maneira muito parecida com a que os membros de A.A. fazem atualmente em suas reuniões regulares, chegou a ser preciso se identificar. É possível que em algum momento alguém tenha dito “*eu sou alcoólico*”, porém, a Sra. Seiberling não estava muito segura de que tenha sido assim. Nem se lembrou de ter ouvido a frase nas primeiras reuniões de A.A. celebradas em Akron, ainda antes da publicação do Livro Grande (nosso Livro Azul).

Um membro de Nova York da época pioneira se lembra de ter ouvido a frase em algum momento depois da Segunda Guerra Mundial, em **1945** ou **1946**; mas, sabe-se com certeza que em **1947** foi produzido um documentário para A.A., pela **RKO Pathe**, com o título “*I am an alcoholic*” ou, “*Eu sou um alcoólico*”, o que dá credibilidade à ideia de já naquele tempo, nos círculos de recuperação, a frase era reconhecível.

Desde então a frase foi-se arraigando até se converter em um protocolo, um elemento quase obrigatório do léxico da recuperação e, com suas diversas alternativas e permutações auto reveladoras, se transformou numa forma um tanto quanto controversa de se apresentar nas reuniões.

Atualmente, muitos acreditam que a solução do conflito que alguns sentem ao ouvir seus companheiros se apresentarem como “*adictos*”, ou com outros termos além do simples “*alcoólico*”, irá ser encontrada dentro da própria Irmandade.

Rosemary P. disse: “*Cabe a cada um de nós mantermos intacto nosso programa, repassá-lo ao recém chegado tal como o passaram para nós. E, também muito importante, fazer isso com explicações pacientes, tolerância diante das diferenças – e mais explicações pacientes. Acredito que, através do apadrinhamento comprometido, Grupos base sólidos e serviço ativo, os novos membros irão aprender a ser parte integrante de A.A. e não um fragmento*”.

A outros irá lhes parecer mais importante a sinceridade e a reflexão a respeito do que “*verdadeiramente são*”, ao se apresentar numa reunião; outros ainda, acreditam na importância de manter os problemas separados e tratá-los nos programas e Irmandades criadas para suas respectivas finalidades: Narcóticos Anônimos para adictos a outras substâncias além do álcool, Comedores Compulsivos Anônimos para os adictos incontroláveis à comida, etc. Há ainda aqueles que não lhes parece muito importante a forma utilizada nas apresentações, seja como “*adictos*” ou como “*alcoólicos*” e propõem que os participantes se identifiquem simplesmente como “*membro de A.A.*”, já que, por definição, todos os membros de A.A. são “*alcoólicos*”.

Chegar ao equilíbrio entre estas posições é um constante exercício de humildade, confiança e aceitação no seio da Irmandade, enquanto os membros buscam ser inclusivos e ao mesmo tempo reconhecer os vínculos singulares do alcoolismo que nos mantém conectados a todos.

Como está expresso no Livro Azul, capítulo “*Entrando em Ação*”, página 113/1/2: “*Entramos no mundo do Espírito. Nossa próxima tarefa é cultivar a compreensão e a eficiência. Não é algo que se consiga da noite para o dia. Deve continuar por toda a nossa vida. Continuaremos a tomar cuidado com o egoísmo, a desonestidade, o ressentimento e o medo. Quando aparecem, pedimos imediatamente a Deus para removê-los. Sem perda de tempo, falamos a respeito deles com alguém e, se magoamos outra pessoa, fazemos logo uma reparação. Então, com firmeza, voltamos nossos pensamentos para alguém a quem possamos ajudar. O amor e a tolerância para com os outros é o nosso código*”. <= **Fim da transcrição.**

Mesmo assim, não existe identificação formal em A.A. A apresentação e a forma de fazê-la, é uma questão estritamente pessoal, e segue o padrão das apresentações sociais: basta dizer seu nome ou sobrenome uma única vez ao entrar no local, ou ser chamado pela primeira vez.

O uso do adjetivo alcoólico/a é opcional, uma vez que ao se declarar membro da Irmandade já está implícita essa condição: *todos os membros de A.A. são alcoólicos*. O uso de abreviaturas de sobrenomes é recomendado sempre em publicações e divulgações para o público externo.

Sugere-se apenas, que a forma de apresentação escolhida não crie situações desconfortáveis, radicalismos ou mal-estar em relação aos outros membros, ao Grupo e à proposta da Irmandade.

Alcoólico ou alcoólatra?

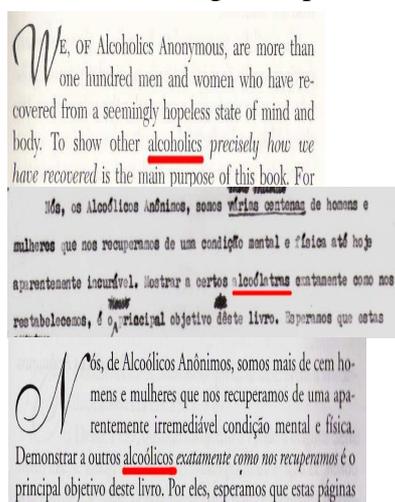
A denominação **alcoólico**, inexistente como substantivo à época, foi adotada pelos primeiros seguidores do incipiente movimento que viria ser a Irmandade de A.A. quando este ainda não tinha nome algum, por se considerarem portadores da doença do **alcoholismo** à qual eles atribuíam três componentes: o *físico*, o *mental* e o *espiritual*, e, ainda sentenciavam que, “qualquer definição que exclua um destes componentes é incompleta”. Esta convenção não encontra respaldo nem na ciência da medicina, que considera o alcoholismo apenas na sua condição patológica, física e/ou mental, nem nas religiões, particularmente as de orientação cristã, para as quais a prática da alcoholatria continua a ser um vício ou um pecado e não uma doença, embora estas instituições não a contestem nem a condenem ao se referirem a A.A.

A palavra **alcoólico** é, portanto, uma singularidade da Irmandade de Alcoólicos Anônimos; serviu para compor o título do primeiro livro que contem o texto básico e, através dele, dar o nome à Irmandade e a denominação para seus membros – “*todos os membros de Alcoólicos Anônimos são alcoólicos*”. Até a 10ª reimpressão da primeira edição do Big Book (teve 16 reimpressões), eram usadas no texto as palavras **drunk (ard)** – *bêbado (s) ou alcoólatra (s)*, no seu sentido literal, para se referir à condição dos alcoólicos “*na ativa*”. A partir da 11ª reimpressão, em **1947**, essas palavras foram substituídas pelos termos *bebedor exagerado*, ou *bebedor-problema*.

N.T. (1): Em relação ao uso da palavra alcoólatra pelos membros de A.A. no Brasil, o A.A.W.S. (Serviços Mundiais de A.A.), manifestou-se sabidamente em relação a esse assunto, ao não permitir o uso da palavra *alcoólatra* sugerida pelos tradutores e manteve a

palavra *alcoólico* como substitutivo da palavra inglesa *alcoholic* na tradução feita no Brasil em **1969** do Big Book para o **Livro Azul**.

Embora isso, no Brasil, muitos membros de A.A. ainda se declaram *alcoólatras* seguindo a expressão divulgada pelos primeiros membros da Irmandade em São Paulo provenientes da Associação Antialcoólica e do ARA (Ambulatório de Recuperação de Alcoólatras), um serviço público da Prefeitura da Cidade de São Paulo, e mantida



(1) Texto original, em inglês, do Big Book contendo o adjetivo "alcoholics".

(2) Tradução feita no Brasil para o Livro Azul a partir do texto original do Big Book: o adjetivo "alcoholics" virou substantivo "alcoólatras".

(3) Texto corrigido e autorizado por A.A.W.S para a publicação do Livro Azul no Brasil: "alcoholics" é "alcoólicos", não "alcoólatras".

Primeiro parágrafo do Prefácio à 1ª Edição do Livro Azul (Pág. 11)

nas publicações do CLAAB (o primeiro Órgão de Serviço de A.A. no Brasil, fundado em 29 de setembro de **1969**), como os quadros desmontáveis dos Passos (12º Passo), das Tradições (5ª Tradição). Também esteve presente nas publicações da Revista Vivência durante vários anos e em outras publicações internas que não precisavam do aval do A.A.W.S contrário a essa denominação depreciativa que induz à classificação dos dependentes alcoólicos como indivíduos abjetos – até porque um dos prepostos de A.A. é a eliminação do estigma social (lembra, leitor/a, do sentimento de revolta, repugnância e... impotência, que tomava conta de você quando era apontado/a dessa maneira?). Este substantivo nunca foi usado na literatura de A.A. em todo o mundo, nem sequer na primeira literatura traduzida pelos pioneiros de A.A. no Rio de Janeiro. Uma frase ainda ouvida, “*Uma vez alcoólatra sempre alcoólatra*”, equivale a sentenciar “*Uma vez usuário sempre usuário*”, “*Uma vez dependente sempre dependente*”, “*Uma vez depressivo sempre depressivo*”, “*Uma vez gordo sempre gordo*”, “*Uma vez compulsivo sempre compulsivo*”, “*Uma vez fumante sempre fumante*” etc., mantendo o estigma que nos trouxe à Irmandade, e a outras Irmandades paralelas que se inspiraram em A.A., e tornando sem sentido o efeito do seu programa de recuperação.

Lidar com a menção de outras drogas

<http://anonpress.org/faq>

Pergunta: *Participei de reuniões em Grupos de A.A. onde alguns membros mencionaram haver tido problemas com drogas e foram aceitos. Em outros Grupos que também estive, pregam para não mencionar ou limitar referências ao uso de drogas. O que é correto?*

Resposta: Não há uma resposta “*correta*” a esta pergunta. Cada Grupo de A.A. tem a prerrogativa conferida pela Quarta Tradição para lidar por si mesmo com essa questão.

Entretanto, mesmo não dizendo se é correto ou não, nem o que os Grupos devem fazer, podemos explicar algumas coisas a respeito desse tema polêmico tantas vezes tratado.

A.A. é uma Irmandade aberta a qualquer pessoa que tenha o desejo de parar de beber. Isto torna possível o ingresso de pessoas com todo tipo de problemas. Desde muito cedo já foi percebido que A.A. não poderia resolver todos os problemas que as pessoas que ingressam têm, e desde seus primórdios estabeleceu como sua única finalidade ajudar as pessoas a se recuperarem do alcoolismo. O abuso do álcool é a única coisa que todos os membros de A.A. temos em comum, e muitos acham que a Irmandade perderia a identidade se pretendesse resolver outros problemas além do alcoolismo.

Algumas pessoas em A.A. e também outras Irmandades, tais como Narcóticos Anônimos, vêem o alcoolismo e a toxicodependência como sendo a mesma coisa. Ao mesmo tempo, A.A. em seu conjunto, tenta manter tradicionalmente o foco apenas no alcoolismo. Isto, às vezes, cria atritos especialmente porque muitos em A.A. não acham que o alcoolismo e a toxicodependência sejam a mesma coisa. Alguns veem isso como uma visão antiquada, mas é a maneira como A.A. foi concebida desde o início, com seu foco exclusivo sobre o álcool, não na adicção a outras substâncias ou na ajuda à solução de outros problemas. Entre os membros de A.A. há muitos que foram usuários de drogas, mas acham que o álcool é o único problema que devem tratar.

Em A.A., no Primeiro Passo reconhecemos que somos impotentes perante o *álcool*, que é uma **substância**. Em Narcóticos Anônimos, NA, o Primeiro Passo substitui o álcool por *adicção*, que é um **conceito comportamental**. Isto incorpora uma diferença significativa na abordagem. Enquanto

A.A. está focada na impotência perante uma determinada substância, NA está focada em uma situação mais abrangente e não em uma única substância.

A.A. tenta limitar seu foco para o alcoolismo, mas todos os tipos de problema podem influenciar na recuperação de uma pessoa. Alguns em A.A., falam de como o dinheiro, a saúde, sua dependência de drogas e outros problemas influenciam na sua recuperação.

O problema surge quando alguns acham que o **foco principal** de um grupo ou reunião está-se distanciando do alcoolismo. Se os depoimentos individuais em determinada reunião começam a ser desviados para temas como relações no trabalho ou parar de fumar, muitos presentes acharão que a reunião está-se desviando da finalidade principal de A.A., e poderão sugerir que o foco seja mudado para os problemas relacionados com a bebida. Quando o foco se inclina para dependência de drogas, alguns não irão ver problema algum, enquanto outros dirão que isso também é ficar longe do foco do alcoolismo. Muitas vezes, simplesmente, depende de quem se encontra naquela sala, naquela reunião e naquele momento.

Tudo depende do Grupo, da reunião e da situação. Se uma pessoa fala sem parar sobre pescaria em uma reunião, pode ser solicitado pela coordenação a deixar sua vez para outro falar ou a mudar de assunto. Se alguém fala sobre drogas de uma forma que pouco tem a ver com a recuperação do alcoolismo também pode ser solicitado a redirecionar sua partilha ou que deixe a vez para outro membro falar. Enquanto uma pessoa pode ver a sua dependência de pesca e alcoolismo como seu problema, a coordenação poderá lhe pedir que limite seus comentários ao álcool para manter o foco em uma coisa que todos os presentes têm em comum - o alcoolismo. Da mesma forma, muitos consideram a sua cocaína e o álcool como o mesmo problema, mas em uma reunião de A.A., podem ser convidados a limitar a sua discussão sobre sua dependência da cocaína a umas poucas palavras e manter o foco no objetivo principal A.A., que é falar de sua experiência com o alcoolismo que, novamente, é a única coisa todos na Irmandade têm em comum.

Em muitos Grupos, apresentar-se como algo diferente de "*alcoólico*" em uma reunião de A.A., geralmente ocasiona controvérsia e muita tensão. Apresentar-se como "*adicto*", ou "*alcoólico e adicto*" ou "*dependente químico*" ou "*cruzado*" ou "*dependente de outras substâncias*", é considerado um desvio do propósito de A.A., que leva o foco de uma reunião de A.A. para muito longe de seu propósito principal. O sentimento por trás disso é que, se nos concentramos em nossas diferenças, e não no que temos em comum, vamos perder o fio condutor que nos mantém juntos na mesma Irmandade.

Independentemente de quaisquer outros problemas que cada membro individualmente possa ter, apresentando-se simplesmente como "*alcoólico*" é, na maior parte das vezes, a maneira mais fácil e prática para se evitar tensões ou conflitos por identificação (em muitos Grupos, a única). Uma vez que o objetivo principal de A.A. é o de ajudar *alcoólicos*, apresentar-se como algo diferente de um *alcoólico* é muitas vezes visto como colocar o foco sobre problemas que A.A., não se propõe a tratar. Uma pessoa pode ser um *jogador compulsivo e alcoólico*, um *fraudador e alcoólico*, um *pedófilo e alcoólico*, um *diabético e alcoólico*, uma *mulher e alcoólica*, um *asiático e alcoólico*, um *ateu e alcoólico*, um *padre e alcoólico*, um *obeso mórbido e alcoólico*, um *acadêmico e alcoólico*, um *morador de rua e alcoólico*, um *homossexual/heterossexual/assexuado e alcoólico* um *tabagista e alcoólico* ou um *adicto e alcoólico* como é bastante comum. Em todos esses casos, a única coisa que todas estas pessoas têm em comum é o "*alcoólico*".

Indo para uma reunião de A.A. e apresentar-se como "*um adicto*" é visto por muitos como ir a um baile de quadrilha e dançar valsa contrariando o objetivo da reunião. Mesmo se o seu hobby

principal é a valsa, há um tempo e um lugar para tudo e se você estiver em uma dança de quadrilha, mesmo que seja apenas por educação, é mais adequado dançar a quadrilha. Se muitos tipos de danças acontecem no mesmo salão de dança, deixaria de ser especificamente uma dança de quadrilha. Da mesma forma muitos temem que A.A., não seria mais A.A., se o foco comum sobre o alcoolismo fosse perdido em meio a uma multidão de adicções e outros comportamentos.

Da mesma maneira, um membro de A.A. com outras adicções, ao participar de uma reunião de Narcóticos Anônimos, NA, deverá respeitar as Tradições e a finalidade dessa Irmandade e se apresentar como é de praxe em NA, ou seja como “*adicto*” e não como “*alcoólico*”, uma vez que o uso desta palavra enfatiza uma diferença individual e não um problema comum, além, é claro, de evitar olhares de censura, com toda a razão.

Unicidade de Propósito de A.A. e de NA (Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos)

Unicidade de propósito em A.A. =>

Do *Box 4-5-9*, Abril-Maio 2004 (pag. 1-2) http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may04.pdf

Título original: “*Singleness of Purpose*”.

Início da transcrição => “*Nossa Unicidade de Propósito – A pedra angular de A.A. (1)*”, foi o tema da Conferência de Serviço Gerais do ano de 2004 e destaca um dos principais objetivos que a Irmandade manteve durante quase 70 anos em que ofereceu um refúgio seguro para os alcoólicos que sofrem. Desde aquela tarde de maio de 1935 quando Bill W. e o Dr. Bob se conheceram e conversaram durante horas seguidas, bêbados tem-se reunido para compartilhar suas experiências forças e esperanças, com um único propósito: para ajudar a si próprios e a outros alcoólicos a se recuperar através Doze Passos da A.A. Durante a semana de 18 a 24 de abril de 2004, os membros da Conferência irão reexaminar nossa unicidade de propósito – sua base espiritual e os desafios que a Irmandade enfrenta hoje. Eles vão tratar de temas como a responsabilidade para com o recém-chegado, salvaguardas da nossa unidade e o papel do grupo local; também irão participar de um seminário sobre a importância da unicidade de propósito para o indivíduo, Grupo, Distrito, Área, Grapevine (*no Brasil a Revista Vivência*), e ESG.

As Tradições, Terceira e Quinta, afirmam claramente: “*Para ser membro de A.A., o único requisito é um desejo de parar de beber*” e, “*Cada Grupo é animado de um único propósito primordial: o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre*”. A.A. é para alcoólicos e pessoas que acreditam ter problemas com sua maneira de beber; como Irmandade temos um único objetivo que é o de compartilhar nosso programa de recuperação com outros alcoólicos. Entretanto, A.A. como um todo, membros e Grupos, têm encontrado obstáculos quando pretendem se ater unicamente a estes princípios básicos e essenciais de nossas Tradições.

Todas as Doze Tradições foram forjadas durante anos de tentativas e erros e, na maior parte, foram concebidas, não pela sabedoria de seus fundadores e pioneiros, mas pelo reconhecimento destes da necessidade de salvaguardas contra seus próprios defeitos de caráter. Nos primeiros anos da formação da Irmandade, seus primeiros membros pretendiam canalizar suas energias para a criação de hospitais, centros de educação sobre o álcool e outros projetos grandiosos. Entretanto, essa ânsia por grandiosidade vinha acompanhada pelo medo de perder a sobriedade recém-descoberta. No livro *Doze Passos e Doze Tradições* (pg. 125/126, no Brasil), Bill W. escreveu “*Em dada época, cada Grupo de A.A. tinha numerosas regras de ingresso. Todos temiam que alguém ou alguma coisa fizesse virar o barco, atirando todos de volta à bebida. O Escritório da nossa Fundação pedia a*

cada Grupo que enviasse sua lista de regras ‘protetoras’. A lista total era quilométrica. Se todas aquelas regras vigorassem realmente em toda parte, ninguém teria conseguido ingressar em Alcoólicos Anônimos, tal a extensão da nossa ansiedade e dos nossos temores. Estávamos decididos a admitir a entrada em A.A.; apenas daquelas pessoas a quem chamávamos de ‘alcoólicos puros... Isso agora talvez pareça cômico... Bem, tínhamos medo... Afinal, não será o medo a verdadeira base da intolerância?... Como poderíamos então adivinhar que todos aqueles temores resultariam infundados“.

Mais de meio século depois, essas palavras ainda parecem não ser tão cômicas assim. Com o afluxo de futuros membros que sofrem de outros problemas, nossa fé em que esses temores são infundados é testada diariamente. Como A.A. tornou-se cada vez mais conhecido e respeitado aos olhos do público, muitas outras organizações adotaram nossos Doze Passos de recuperação para uma ampla variedade de problemas e adições. Isso resultou numa distorção na distinção entre A.A. e outras instituições – *"o álcool também é uma droga"*, podemos ouvir dos recém-chegados que não são alcoólicos, mas – muitas vezes informados por bem-intencionados amigos de A.A, acreditam que as reuniões de A.A. são o lugar mais adequado para aqueles com qualquer problema ou adição.

As orientações para essa situação estão claras em um artigo que Bill W. escreveu na revista Grapevine, em fevereiro de **1958**, com o título *"Outros problemas além do álcool,"* (Junaab, código **220**): *"Nossa primeira responsabilidade como Irmandade, é a de garantir nossa própria sobrevivência. Portanto, temos que evitar confusões e as atividades de propósitos múltiplos.... Sobriedade – libertação do álcool – através da aprendizagem e da prática dos Doze Passos, é o único propósito de um Grupo de A.A.... Temos de limitar nossa Irmandade aos alcoólicos e também limitar os nossos Grupos de A.A. a um único propósito. Se não nos agarrarmos a esses princípios, certamente fracassaremos. E se fracassarmos, não poderemos ajudar ninguém”.*

Como lidar com alcoólicos com outras adições (dependência cruzada, no Brasil) que persistem em falar sobre outros problemas nas reuniões é uma questão diferente. No mesmo artigo, Bill escreve sobre *"um dos melhores AAs que conheço é um homem que esteve sob a dependência da agulha sete anos antes de se juntar a nós. Mas, antes da dependência da droga, ele tinha sido um alcoólico ativo e sua história comprovou isso. Portanto tinha o requisito para tornar-se membro de A.A., e passou a ser um de nós”.* Devem insistir os Grupos em que os recém-chegados, portadores de dupla dependência, limitem seus depoimentos unicamente ao seu alcoolismo? Os Grupos deverão exigir dos futuros membros a identificação de sua principal dependência antes de aceitá-los como ingressantes? Ou, simplesmente podemos acolher e saudar estes homens e mulheres na confiança de que virão, ouvirão e irão encontrar seu próprio caminho?

Na Conferência de **1983**, cujo tema foi *"Estamos ajudando o portador de dependência dupla?"*. A delegada Dyanne G. descreveu a forma como seu Grupo lhe deu as boas-vindas *"Agradeço a Deus por ter ingressado num Grupo amadurecido e suficientemente espiritualizado onde não encontrei nenhuma censura aos meus depoimentos e ações a fim de (meus companheiros), se protegerem de mim. Eu falei sobre drogas, e usei um monte de palavras ao fazê-lo! O Grupo me tratou com a dignidade suficiente para eu poder escolher mudar estas coisas e a liberdade para fazê-lo quando eu pudesse, não quando eles achavam que eu deveria. O meu Grupo parece não ter nenhuma dificuldade em lidar com o nosso único propósito, que é o de levar a mensagem aos alcoólicos ainda sofrem. Entretanto, no começo foi um pouco confuso. Há uma linha tênue entre defender nossa Tradição de unicidade de propósito e limitar ou restringir a adesão de membros. O*

dia em que A.A. comece a rejeitar as pessoas que podem ser alcoólicas começaremos a morrer. Onde fica a nossa boa vontade se, para defender nossos 'direitos', destruirmos A.A.?"

Unicidade de propósito tem sido o tema de várias Conferências anteriores, e praticamente em todas e cada uma das discussões e ações de assessoramento relacionadas com esse assunto tomaram muitas horas. A Conferência de **1987** debateu por quase um dia inteiro uma recomendação para a aprovação pela Conferência de uma instrução para diferenciar reuniões abertas e fechadas sugerindo que *"ao discutir nossos problemas, nos limitemos unicamente aos problemas que se referem ao alcoolismo."* Alguns alegaram que nenhum Grupo tem o direito de dizer a ninguém o que falar; outros pediram ajuda para lidar com pessoas com outras adições e que estavam dominando reuniões. Os procedimentos de votação normais foram suspensos e por varias vezes foram recontados os votos favoráveis e contrários à proposta, até que todos se satisfizeram por ter alcançado uma verdadeira consciência de Grupo. No final, a Conferência, com substancial unanimidade votou contra a aprovação da proposta, mas criou uma peça de orientação conhecida como *"Blue Card"* (Cartão Azul) disponível para os Grupos que desejam essa orientação (veja: **Cartão Azul**).

Os adictos e pessoas com outras dependências não contempladas pela unicidade de propósito de A.A. não irão desaparecer – eles são uma das consequências do nosso próprio sucesso. Ironicamente, alguns dos nossos bons amigos no campo do alcoolismo agravam o problema porque eles acreditam que o nosso programa funciona melhor do que qualquer outra coisa para uma variedade de adições. Informação pública e um bom trabalho de cooperação com profissionais é parte da resposta, mas, em última análise, não podemos controlar o que outros fazem – apenas como nós mesmos iremos reagir. Se, na defensiva, respondemos com uma enxurrada de restrições, não estaremos saindo de nosso propósito ao impedir a participação de alcoólicos que ainda não reconheceram se têm problema?

No encerramento da 36ª Conferência de Serviços Gerais em 26 de abril de **1986**, no Hotel Roosevelt em Nova York, Bob Pearson (**1917-2008**), deu uma poderosa e inspiradora palestra de encerramento. Bob P. foi Gerente Geral do Escritório de Serviços Gerais (GSO), em Nova York, entre **1974** e **1984** e depois serviu como conselheiro sênior para o GSO, de **1985** até sua aposentadoria. Foi um momento especialmente significativo, pois sabia que iria se aposentar no ano seguinte, e que esta seria sua última Conferência de Serviços Gerais. *"Faço eco aqueles que sentem que, se a Irmandade um dia vier hesitar ou falhar, não será por causa de qualquer causa externa. Não, não será por causa de centros de tratamento ou de profissionais da área, ou da literatura não aprovada pela conferência, ou dos jovens, ou dos portadores de dependências cruzadas, nem até mesmo dos usuários de drogas tentando assistir às nossas reuniões... Será porque não podemos controlar nossos próprios egos e porque somos incapazes de conviver bem uns com os outros. Será porque temos muito medo e insegurança, rigidez, falta de confiança e de bom senso?"*

Se você me perguntasse qual é o maior perigo enfrentado por A.A. hoje, eu teria que responder: a rigidez crescente - a demanda por respostas absolutas para minúcias; a pressão sobre o GSO para 'reforçar' as nossas tradições; a triagem de alcoólicos em reuniões; a proibição de literatura não aprovada pela Conferência; o estabelecimento de mais e mais regras para controlar os grupos e seus membros. Esta tendência à rigidez está nos afastando cada vez mais dos nossos membros fundadores. Bill, em particular, deve estar dando voltas em seu túmulo, pois ele foi talvez a pessoa mais permissiva que eu já conheci. Uma de suas frases preferidas era: 'Cada grupo tem o direito de estar errado'. Ele era irritantemente tolerante com seus críticos e tinha fé absoluta na capacidade de AA se autocorrigir". <= **Fim da transcrição.**

Unicidade de propósito em NA => Artigo publicado no Boletim #13 de Narcóticos Anônimos em novembro de 1985 pelo Conselho de Custódios para Serviços Mundiais de Narcóticos Anônimos e revisado durante a Conferência de 1995-1996. Transcrito na Revista Vivência nº 63 – Jan./Fev. 2000 e recolhido no sítio oficial da Junaab.

Início da transcrição => Algumas considerações sobre nosso relacionamento com Alcoólicos Anônimos.

A forma como Narcóticos Anônimos – NA, se relaciona com todas as outras irmandades e organizações podem gerar controvérsia dentro de nossa irmandade. Embora haja uma política estabelecida de “*cooperação sem afiliação*”, a confusão permanece no que se refere às outras irmandades. Uma questão bastante delicada envolve nosso relacionamento com a irmandade de Alcoólicos Anônimos. O Conselho de Custódios para Serviços Mundiais de NA costuma receber cartas que versam sobre a mais variada gama de perguntas acerca desse relacionamento.

Narcóticos Anônimos foi criado com base em Alcoólicos Anônimos. Quase todas as comunidades de NA que existem, apoiaram-se, de alguma forma, em A.A., durante seu período de formação. Nosso relacionamento com A.A. tem sido muito verdadeiro e dinâmico ao longo dos anos. Nossa irmandade como um todo resultou da dúvida existente em A.A., sobre o que fazer com os adictos que batiam à sua porta. Voltaremos um pouco às origens, em busca de uma perspectiva de nosso atual relacionamento com A.A.

Bill W., um dos cofundadores de A.A. , sempre dizia que um dos maiores sustentáculos de sua irmandade era a unicidade de propósito, ou seja, mirar somente um aspecto. Limitando seu propósito primordial a levar a mensagem aos alcoólicos e evitando assim qualquer outra atividade, A.A. é capaz de se desincumbir dessa tarefa de uma forma extremamente eficaz. O clima de identificação é preservado pela unicidade de propósito, e o alcoólico encontra então a ajuda de que necessita.

Desde seu mais remoto início, A.A. foi confrontado com uma situação bastante complicada: “*O que fazer com os dependentes químicos que nos procuravam? Desejamos manter nosso foco no álcool para que a mensagem seja levada ao alcoólico, mas os adictos que aqui chegam, falam sobre drogas, e, inadvertidamente enfraquecem nosso clima de identificação*”. Os Doze Passos e o Livro Azul já haviam sido escritos - o que mais se esperava que eles fizessem? Que novamente os reescrevessem? Permitir que o clima de identificação se diluísse e que o sentido de pertencer a A.A. se perdesse? Expulsar aquelas pessoas agonizantes para que morressem na rua? Deve ter sido uma situação extremamente complexa para A.A.

Quando A.A. finalmente estudou o problema de forma cuidadosa e tomou uma posição através de sua literatura, a solução por eles encontrada foi mais uma prova de seu bom senso e sabedoria. Prometeram seu apoio num espírito de “*cooperação, mas não afiliação*”. Essa solução de grande visão para uma questão tão complexa preparou o terreno para o surgimento da irmandade de Narcóticos Anônimos.

Entretanto, o problema que A.A gostaria de evitar teria de ser comunicado individualmente a cada grupo que tentasse adaptar seu programa de recuperação para dependentes químicos (adictos). Como conseguir então o clima de identificação indispensável para a rendição e a consequente recuperação, caso fosse permitido acolher os mais diversos tipos de dependência? Seria possível para um dependente de heroína se relacionar com facilidade com outros dependentes cujo problema fosse

o álcool, maconha ou tranquilizantes? Como seria conseguida a Unidade, que, segundo a Primeira Tradição, é fundamental para a recuperação? Nossa Irmandade (NA) herdou então um árduo dilema.

Para que se tenha ideia de como A.A. lidou com o problema, voltemos um pouco para a sua história. Uma segunda coisa sobre a qual Bill W., sempre falava e escrevia, era o que ele chamava de “*gol de placa*” de sua irmandade - as palavras do Terceiro e Décimo Primeiro Passos. A grande área da espiritualidade versus religião era tão complexa para eles assim como a unicidade de enfoque o era para nós. Bill costumava contar como o simples fato de acrescentar “*na forma em que O concebíamos*” depois da palavra “*Deus*”, liquidou por completo com toda a controvérsia a esse respeito. Um simples quesito, que tinha potencial para dividir e destruir A.A. transformou-se num dos maiores alicerces de seu programa.

À medida que os fundadores de Narcóticos Anônimos adaptaram os Passos de A.A., chegaram também a um “*gol de placa*” de importância equivalente. Ao invés de adaptar o Primeiro Passo de forma lógica e natural (“*Admitimos que somos impotentes perante as drogas*”), eles fizeram aí uma mudança radical: Escreveram assim: “*Admitimos que somos impotentes perante a nossa adicção*”. Existe um grande número de drogas e o uso de qualquer delas é apenas o sintoma de nossa doença. Quando os adictos se reúnem e enfocam as drogas, normalmente estão enfocando suas diferenças, pois cada um deles usa um tipo de combinação de drogas. A única coisa que todos eles têm em comum é a doença da adicção. Com aquela simples mudança na frase, foi criada a irmandade de Narcóticos Anônimos.

Nosso Primeiro Passo (NA) dá-nos um foco: nossa adicção. As palavras do Passo Um enfocam também nossa impotência perante os sintomas da doença. A frase “*impotentes perante nossa adicção*” engloba tanto os veteranos quanto os recém-chegados. Nossa adicção vem novamente à tona e causa descontrole de pensamentos e sentimentos sempre que descuidamos de nosso programa de recuperação. Esse processo nada tem a ver com a “*droga de preferência*”. Estamos alerta contra a recorrência do nosso uso de droga aplicando nossos princípios espirituais antes de uma recaída. Nosso Primeiro Passo se aplica independentemente da “*droga de preferência*” e do tempo em que estamos limpos. Tendo esse “*gol de placa*” como embasamento, NA floresceu como importante organização mundial, enfocando claramente a adicção.

À medida que a comunidade de NA amadureceu através de um melhor conhecimento de seus próprios princípios (particularmente o Primeiro Passo), um fato interessante se apresentou. A perspectiva de A.A., enfocando o álcool, e a abordagem de NA, não enfocando nenhuma droga específica, não podem ser confundidas (misturadas). Quando tentamos misturá-las enfrentamos os mesmos problemas que A.A. teve conosco. Quando nossos membros se identificam como “*adictos e alcoólicos*”, ou falam sobre “*sobriedade*” e viver “*limpo e sóbrio*”, a clareza da mensagem de NA é truncada. Esse linguajar sugere a existência de duas doenças e que cada droga é diferente da outra, como se houvesse necessidade de terminologias diferenciadas toda vez que a adicção fosse discutida. À primeira vista, o fato parece de somenos importância, contudo nossa experiência mostra que o impacto da mensagem de NA é claramente atenuado por essa confusão semântica aparentemente tão sutil.

Ficou bem claro que tanto nossa compreensão quanto nossa unidade, assim como a nossa rendição “*ampla, total e irrestrita*” como adictos que somos, depende de um entendimento límpido e cristalino de nossos princípios mais fundamentais: somos impotentes perante uma doença que piora progressivamente mediante o uso de qualquer droga. Não importa qual fosse a nossa “*droga de preferência*” ao ingressarmos; qualquer droga que usarmos acionará novamente a doença.

Recuperamo-nos da doença da adição aplicando nossos Doze Passos. Nossos Passos foram escritos especialmente para transmitir claramente a mensagem, portanto, todo o resto de nossa linguagem de recuperação precisa ser tão consistente quanto eles. Não podemos misturar esses princípios fundamentais com aqueles da organização coirmã, sem que nossa própria mensagem seja truncada.

Ambas as irmandades têm sua Sexta Tradição, para que possam conservar suas respectivas características e impedir que se afastem do seu propósito primordial. Uma irmandade de Doze Passos possui uma necessidade inerente de focar um único propósito, de forma a fazê-lo de um modo eficaz; cada irmandade de Doze Passos deve ser independente e não filiada a nenhuma outra atividade. A separação faz parte de nossa natureza, assim como o uso de terminologia própria, pois cada uma delas tem seu único e diferenciado propósito. O alcoolismo é o enfoque de A.A., e nós devemos respeitar o nosso próprio propósito e identificarmo-nos em nossas reuniões como adictos simplesmente, e fazer nossas partilhas de forma que a nossa mensagem seja clara.

Como irmandade, devemos nos empenhar cada vez mais em evoluir, sem nos atermos teimosamente a nenhuma radicalidade. Aqueles companheiros que estavam truncando (ainda que sem intenção) a mensagem de NA, usando termos como “sobriedade”, “alcoólico”, “limpo e sóbrio”, “viciado em drogas” etc., poderiam contribuir bastante se identificando claramente como adictos e passando a usar as palavras “limpo”, “tempo limpo”, e “recuperação”, as quais não especificam nenhuma substância em particular. Todos nós podemos ajudar, citando nas reuniões apenas a nossa literatura, e evitando com isso implicações de qualquer endosso ou afiliação. Nossos princípios são autossustentáveis. Pelo bem de nosso desenvolvimento como irmandade e a recuperação individual de nossos membros, nossa abordagem dos problemas da adição deve transparecer claramente em tudo o que fazemos ou falamos nas reuniões.

Membros de NA que costumavam usar esses argumentos no sentido de racionalizar e também cristalizar uma posição anti-A.A., conseguiram com isso desestabilizar companheiros veteranos e bastante ativos dentro da Irmandade. Melhor fariam eles se reavaliassem e reconsiderassem os efeitos danosos desse tipo de comportamento. Narcóticos Anônimos é uma irmandade espiritualizada. Amor, tolerância, paciência, e compreensão são essenciais na consolidação de nossos princípios.

Vamos canalizar energias em direção ao nosso desenvolvimento espiritual pessoal, através dos nossos Doze Passos. Levemos nossa mensagem de forma clara. Há muito trabalho e fazer e precisaremos muito uns dos outros para que haja eficácia. Vamos buscar o espírito de unidade de NA. <= ***Fim da transcrição***

www.csanovaleste.org/documentos/NaeAA.doc

Para saber mais veja: <http://www.na-pt.org/boletins/boletins.php>

Um Grupo de A.A. pode excluir pessoas

<http://anonpress.org/faq>

Pergunta: Ouvi uma pessoa perguntar em determinado Grupo se poderia também ser membro de outros Grupos. A resposta que lhe deram foi: “*Você poderá ser membro de tantos Grupos quantos quiser, desde que os Grupos o aceitem como membro*”. Um Grupo pode não aceitar alguém como membro? Um Grupo pode decidir que alguém não pode pertencer a outros Grupos se pertence àquele?

Resposta: Sim, um Grupo pode excluir pessoas.

A Tradição de A.A. determina que o Grupo individual de A.A. é a maior autoridade da Irmandade. Este não é um conceito distorcido, slogan ou frase feita, mas a essência e a própria base em que a Irmandade está estruturada.

A Quarta Tradição, na sua forma longa, começa dizendo: “*Com respeito a seus próprios assuntos, nenhum Grupo de A.A., está sujeito a autoridade alguma além de sua própria consciência...*”.

As exceções são quando suas ações ou decisões possam afetar outros Grupos ou à Irmandade em seu conjunto.

Portanto, se o Grupo decide que deverá excluir alguém por algum motivo, está dentro de seu direito de fazê-lo. Esta decisão não afeta os Grupos vizinhos nem na Irmandade em seu todo.

Por exemplo, considere-se um Grupo que decide realizar uma reunião semanal, fechada, unicamente para alcoólicos membros e aqueles que tenham o desejo de parar de beber. Então aparece alguém enviado por um tribunal ou apenas para dar satisfação ao empregador ou à sua mulher, mas manifestamente, não pretende parar de beber. O Grupo, então, pode decidir pela exclusão desse indivíduo de suas reuniões fechadas. ***Alguém que não tenha o desejo de parar de beber não pode ser membro de A.A.***, e o Grupo pode excluí-lo de suas reuniões fechadas.

Embora nunca tenhamos ouvido falar de algum Grupo que excluiu alguém por afiliação a outros Grupos, poderá haver circunstâncias que possam justificar essa decisão.

Não se está dizendo que a exclusão seja uma coisa boa, sábia ou habitual, mas apenas lembrando que um Grupo pode fazê-lo e ninguém tem autoridade suficiente para impedi-lo.

Outro exemplo, um Grupo começa a perceber a participação de alguém que se declara membro de A.A. mas não quer aceitar as Tradições. Ou pertence a um Grupo que usa indevidamente o nome de A.A. autodenominado “*Alcoólicos Anônimos, Reabilitação Ltda.*”, e vai pelos Grupos recrutando pacientes para aquela clínica.

Outra situação possível seria a de um membro do próprio Grupo que, eleito para um encargo como servidor de confiança, incentiva o beber controlado, a exclusão racial ou a renúncia ao anonimato em público. Ainda, dentro do próprio Grupo, membros defendendo pontos de vista de outros Grupos que não estão em consonância com as Tradições de A.A. O Grupo poderá optar por excluí-los para o bem-estar do Grupo como um todo.

Novamente, **não** estamos dizendo que a exclusão de pessoas é uma coisa boa; apenas afirmamos que um Grupo tem esse direito e *poderá* usá-lo sempre e quando lhe parecer oportuno.

Lidar com comportamentos perturbadores de Membros do Grupo

1-.Comportamento perturbador em reuniões de A.A.

Box 4-5-9, Outono (setembro) 2010 => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall10.pdf

Título original: “*Los miembros perturbadores en las reuniones de A.A.*”

No capítulo do Livro Azul “*Trabalhando com os outros*”, aparece uma lista de coisas que podem acontecer quando um AA toma a atitude de “*Ajudar a outros é a pedra fundamental da sua própria recuperação*”. Ajudar um bêbado pode supor inúmeras visitas a “*delegacias, sanatórios, hospitais, presídios e manicômios. Em outras ocasiões pode acontecer de ter que chamar a polícia ou uma ambulância. Ocasionalmente, estas situações terão que ser enfrentadas*”. Em resumo, ao

assentar a pedra fundamental da recuperação e ajudar a outros, um membro de A.A. poderá se ver defrontado com alguma pessoa problemática seja membro também ou não. Nas reuniões onde AAs encontram bêbados com os quais poderão trabalhar também se apresentam as possibilidades descritas anteriormente quando se trate de ajudar essas pessoas e, algumas vezes, os membros mais ponderados terão que interferir para que a reunião possa prosseguir com sucesso.

Embora os membros de A.A. se esforcem para adotar certas atitudes e condutas como a de *“Amor e tolerância é o nosso lema”*, às vezes o comportamento de um indivíduo perturbador é tão agressivo e ameaçador que resulte difícil ou impossível ao Grupo alcançar seu objetivo primordial que é o de levar a mensagem. Além disso, a Primeira Tradição lembra ao grupo que, *“Cada membro de A.A. não é mais do que uma pequena parte da totalidade. É preciso que A.A. sobreviva, caso contrário a maioria de nós irá morrer. Por isso, nosso bem-estar comum deverá vir em primeiro lugar”*.

A maneira como o Grupo resolve encarar esses membros perturbadores e ameaçadores pode causar conflitos e controvérsia e devido a isso muitos membros e Grupos recorrem à experiência compartilhada de outros que conseguiram superar situações semelhantes. Com frequência, um Grupo, ou um membro, se põe em contato com o Escritório de Serviços Gerais referindo a conduta perturbadora de alguém em alguma reunião de A.A. O ESG, além de fazer com que se realizem as ações recomendadas pela Conferência e pela Junta, também serve como depositário da experiência acumulada dos Grupos de A.A.

Alguns Grupos têm enviado sugestões a respeito de formas para enfrentar o comportamento perturbador. Um Grupo recomenda que algum membro mais experiente se dirija ao indivíduo de maneira informal e pessoalmente fale com ele no sentido de lhe comunicar o problema e procurar sua solução. Os membros do Grupo lembram uns aos outros que as Doze Tradições devem conduzir toda linha de comunicação e todos deverão se esforçar sempre para antepor os princípios às personalidades e tratar todos com paciência, tolerância, compaixão e amabilidade.

Outro Grupo contou como enfrentou essa questão com esse tipo de membro que, porém, não aceitou responder às solicitações amáveis nem aceitou conversar pessoalmente com nenhum membro designado pelo Grupo. O Grupo organizou uma reunião de serviço onde a consciência coletiva foi consultada e os membros decidiram seguir este formato:

- 1) Cada membro poderia falar unicamente duas vezes a respeito de um determinado tema.
- 2) Cada membro somente poderia falar dois minutos a cada vez.

Resultou muito útil ao Grupo definir o membro perturbador como:

- 1.1 Uma pessoa que interrompe o bom andamento de uma reunião de maneira a não poder transmitir a mensagem de A.A.
- 2.1 Uma pessoa cuja conduta intimida ou assusta os participantes da reunião ao ponto de não poder escutar a mensagem de A.A.

Quando tal situação seja produzida, esse membro será convidado a assistir uma reunião de serviço convocada para esse fim. Com a presença do membro ou não, o Grupo considera o problema. Se ele está assistindo se lhe explicam os procedimentos a serem adotados. É possível que lhe seja pedido para não assistir às reuniões durante um tempo determinado.

Nesse caso, o Grupo não está expulsando o membro de Alcoólicos Anônimos mas apenas lhe pede para que não assista às reuniões daquele Grupo. A Primeira Tradição de A.A. assegura aos seus membros que, *“Nenhum membro pode obrigar outro a fazer alguma coisa; ninguém poderá ser punido nem expulso”*. Entretanto, é de se esperar que o membro em questão veja a dificuldade como

uma oportunidade de desenvolvimento e continue a assistir suas reuniões em outros Grupos na região para manter a sobriedade. De maneira geral, esta ação representa o último recurso depois de esgotadas todas as tentativas de pedir ao indivíduo que mude sua conduta e seu comportamento.

Bill W., que sempre recalcou a importância de que os membros se tratem uns aos outros de maneira tolerante, carinhosa e prestativa, escreveu numa carta em 1969: *“Este comportamento não pressupõe que não possamos excluir aqueles que perturbam as reuniões ou interferem seriamente no bom funcionamento do Grupo. Temos que lhes dizer que se calem ou que vão a outro lugar para voltar quando estejam em melhor condição para participar”*.

E, de fato, a Bill não lhe eram estranhos os alvoroços, as controvérsias e as perturbações nas reuniões de A.A. Porém, confiava em que as dificuldades poderiam resultar em desenvolvimento e progresso. No livro *“A.A. atinge a maioria”*, diz, *“Imagino que, dentro de A.A., sempre vamos ter desacordos e discussões. A maior parte das vezes, estas discussões irão tratar de qual a melhor maneira de fazer o maior bem para o maior número de alcoólicos. Superar este tipo de problemas na escola da dura experiência de A.A. é um exercício salutar”*.

2-.Comportamento perturbador em reuniões de A.A.

<http://anonpress.org/faq>

Pergunta: Um dos nossos membros é perturbador e, por vezes, ameaça de violência para com outros membros. Como podemos lidar com isso?

Resposta: Normalmente os membros do Grupo deverão se reunir e discutir o que fazer. Tradicionalmente, cada grupo de A.A. é a maior autoridade em A.A. e deve decidir por si mesmo como lidar com situações como esta. Geralmente a decisão é tomada depois de considerar as outras Tradições que podem se aplicar. A Primeira Tradição na sua forma longa diz: *“Cada membro de Alcoólicos Anônimos é apenas uma pequena parte de um grande todo. A.A. deve continuar vivendo, do contrário a maioria de nós certamente morrerá. Portanto, nosso bem-estar comum vem em primeiro lugar. Seguido de perto, porém, pelo bem-estar individual”*.

Qualquer um que queira parar de beber poderá ser membro de A.A. se assim o desejar. Entretanto, dentro de um Grupo, seu bem-estar pessoal está abaixo do bem-estar comum, ou seja, do conjunto do Grupo. Se o Grupo percebe que o comportamento desta pessoa está interferindo negativamente nas atividades do Grupo e no bem-estar geral, o Grupo indica alguém mais articulado para conversar pacificamente com essa pessoa a respeito de mudar seu comportamento. Se esta solicitação não for atendida, o Grupo pode decidir por excluí-lo até que mude seu comportamento.

Se necessário, alguém do Grupo informará ao companheiro que ele não é bem vindo naquele Grupo (não em A.A.), até que cesse seu comportamento perturbador. Se ele partir para a violência física, pode ser contido na mão e chamar a polícia. Se a polícia se envolver, o assunto será tratado como invasão de privacidade, embora disto não se tenha notícia.

Alguns Grupos localizados em áreas carentes têm seguranças informais para remover os perturbadores; para alguns membros, este é o seu primeiro serviço em A.A.